



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

**ANA CAROL PONTES DE FRANÇA**

***Self Digital: explorações acerca da construção do “eu” na Internet***

**Dissertação de Mestrado**

**Recife**

**2008**

**ANA CAROL PONTES DE FRANÇA**

***Self digital: explorações acerca da construção do “eu” na Internet***

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco.**

**Orientador: Prof. Dr. Luciano Rogério de Lemos Meira.**

**Recife**

**2008**

**França, Ana Carol Pontes de.**

**Self Digital: explorações acerca da construção do “eu” na Internet / Ana Carol Pontes de França. – Recife: O Autor, 2008.**

**176 folhas: il., fig., quadros.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2008.**

**Inclui: bibliografia e anexos.**

**1. Psicologia Cognitiva. 2. Continuidade e mudança. 3. Posições do “eu”. 4. Senso de self. 5. Diálogo. 6. Práticas discursivas. 7. Autoria. 8. Narrativa. 9. Colaboração online. I. Título.**

**159.9  
150**

**CDU (2.  
ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2008/117**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Carol Pontes de França

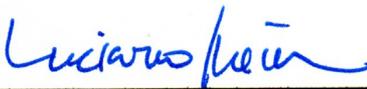
Self Digital: explorações acerca da construção "eu" na internet.

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia Cognitiva da  
Universidade Federal de  
Pernambuco para obtenção do  
título de Mestre.  
Área de Concentração: Psicologia  
Cognitiva

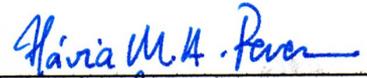
Aprovado em: 08 de agosto de 2008

Banca Examinadora

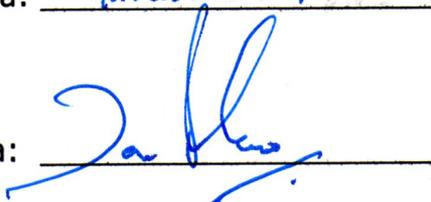
Prof. Dr. Luciano Rogério de Lemos Meira  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Profa. Dra. Flávia Mendes de Andrade e Peres  
Instituição: U.F.R.PE

Assinatura: 

Prof. Dr. Jorge Tarcísio da Rocha Falcão  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

*“(...) é o processo de comunicação que vai fazer emergir um sujeito psicológico único, diferenciado, mas também relacional capaz de assumir seu papel como autor da sua identidade” Prof<sup>a</sup> Maninha (Lyra, 2006).*

*“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (Bakhtin, 2002)*

*“É no ato de narrar, como ato de fala endereçado a um outro, que o vivido se constitui como experiência” (De Conti, 2004)*

*“So the self is a fictitious non-fiction of the person” (Valsiner, 2004)*

## Agradecimentos

A Deus;

Aos meus pais, pelo exemplo de dedicação e amor aos estudos;

Em especial a minha mãe, que mesmo fisicamente ausente, sempre estará presente nas  
minhas doces lembranças;

Aos meus filhos, pelos momentos de intensa alegria e muito amor;

Ao meu terno e eterno amor, Antonio, que com muita tranquilidade, dedicação e carinho  
me apoiou em todos os momentos, sempre me incentivando a continuar;

A Luciano Meira, pela confiança e atenção, pelos momentos de aula e de  
(des)orientação, pelos momentos de presença e ausência, pelas reflexões fomentadas,  
pelas críticas contundentes e principalmente por ter se revelado como um interlocutor  
bastante significativo face as minhas inquietações decorrentes das atividades sociais em  
ambientes virtuais e das relações destas com os estudos psicológicos;

Aos brilhantes interlocutores que compõem o corpo docente e discente da Pós-  
Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, em especial, à Maria Lyra (querida  
Maninha), Luciane de Conti, Marina Pinheiro, Karina Moutinho, Paulo Melo, Flávia  
Peres, Fabiana Wanderley e Robson Santos;

Aos queridos amigos integrantes do LAIV – Laboratório de Análise Interacional e Videografia da UFPE;

Aos funcionários da pós-graduação em Psicologia Cognitiva, que diariamente contribuem para que a pós seja sempre um ambiente acolhedor, em especial à equipe da secretaria: Vera Ferraz, Vera Amélia e Elaine Marques pela atenção, carinho e dedicação;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo apoio financeiro indispensável ao fiel cumprimento deste estudo;

À imensa rede de apoio que emergiu nos últimos anos, que com o passar do tempo ganhava não apenas novos, mas significativos integrantes, os quais, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que o sonho de fazer um mestrado se tornasse realidade;

A todos aqueles que de algum modo colaboraram para que eu me tornasse quem eu sou hoje;

Especialmente àqueles que em algum momento duvidaram de mim, meus sinceros agradecimentos pelos desafios, pois contribuíram de maneira significativa com meu desejo pessoal de superação de mim mesma.

## Resumo

DE FRANÇA, A. C. P. *Self digital: explorações acerca da construção do “eu” na internet*. Dissertação [Mestrado]. Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2008. 176 p.

Freqüentemente observamos que as mídias em geral abordam as experiências dos usuários da internet em relação ao próprio “eu”, enfocando a questão numa perspectiva que desvincula as situações *online* das situações *offline*, revelando uma ruptura entre o “eu” presencial e o “eu” virtual. Atualmente, conforme algumas investigações já sugerem (WILLIAMS, 2006; WILSON, ATKINSON, 2005; VIETA, 2005), faz-se necessário adotar uma perspectiva integradora que considere o presencial e o virtual enquanto contínuos. Nesse caso, a presente pesquisa configura-se como uma tentativa de compreender a construção do “eu” na internet, focando nas interações semioticamente mediadas pelos usuários da mesma. Para tanto, destacamos o papel da comunicação e das práticas sociais na constituição de um senso de *self* com ênfase no discurso. Nesse enquadre, o *self* surge como um autor [agente] multiposicionado (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005), constituído por múltiplas vozes que dialogam entre si. É nessa autoria que o sujeito encontra-se implicado numa trama de significados e sentidos [enredo], indispensáveis à composição de uma identidade narrativa que, por sua vez, encontra na cultura, no socialmente instituído, o suporte necessário para apresentar e contrapor as múltiplas versões da relação desse sujeito com o ambiente e com os outros sociais. Considerando que no ambiente virtual corpo e mensagem estão entrelaçados, constituindo-se num evento em que o sujeito se apresenta como signo (PERES, 2007), buscamos contemplar, na análise dos dados, os aspectos de si que cada participante do estudo comunica presencial e virtualmente e como o faz em relação a uma audiência.

**Palavras-chave:** senso de *self*, posições do “eu”, diálogo, continuidade e mudança, práticas discursivas, interação semiótica em ambientes virtuais.

## Abstract

DE FRANÇA, A. C. P. **Digital Self: exploring the “I” construction on the internet.** Dissertation [Master Degree]. Post-graduation on Cognitive Psychology, Federal University of Pernambuco, Pernambuco, 2008. 176 p.

We often observe that the media generally deal with the experiences of internet users in relation to himself "I", focusing on the perspective that relieve the situation online from offline situations, revealing a split between the present "I" and the virtual "I". Currently, as some research has suggested (WILLIAMS, 2006; WILSON, ATKINSON, 2005; VIETA, 2005), it is necessary to adopt an inclusive approach that considers the presence and the virtual as continuous. In this case, this search configures itself as an attempt to understand the “I” construction on the internet, focusing on semiotic interactions mediated by its users. Thus, we highlight the role of social practices and the development of a sense of self which emphasizes the speech. In this framework, the self emerges as a polipositioned author [agent] (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005), consisting of multiple voices that dialogue among themselves. This authors implies the subject involving him in a web of meanings and senses [plot], crucial to the composition of a narrative identity that, in turn, find in culture the socially established support necessary to present and counter the multiple versions concerning the relationship of that subject with the environment and with the social others. So, taking into account that on virtual environments body and message are intertwined as an event in which the subject presents himself as a sign (PERES, 2007), we decided to demonstrate, on data analyses, the aspects which every participant announces presently and virtually and how do he does it interrelated to an audience.

**Key words:** sense of *self*, “I” positions, dialogic speech, continuity and change, discursive practices, semiotic interactions on virtual environments.

## Lista de figuras

<b>Figura 01.</b> Voz do moderador da comunidade ‘O Senhor dos Anéis’ adicionada por João ao perfil do Orkut.....	30
<b>Figura 02.</b> Recorte do campo ‘amigos’ no perfil de Orkut de João.....	31
<b>Figura 03.</b> Personagem que co-habita o mundo de João, autor do perfil, e que o ajuda a inscrever sua própria existência enquanto transita entre cenários presenciais e virtuais.....	37
<b>Figura 04.</b> Recorte do campo ‘quem sou eu’ no perfil de João no Orkut.....	37
<b>Figura 05.</b> Estrutura tridimensional do Self Dialógico (Valsiner, 2004, 2005).....	49
<b>Figura 06.</b> Perfil pessoal de João no Orkut.....	58
<b>Figura 07.</b> Mensagem animada enviada ao perfil de João por um integrante da rede de amigos.....	60
<b>Figura 08.</b> Estatística da faixa-etária dos usuários de Orkut.....	67
<b>Figura 09.</b> Posicionamentos assumidos por João a partir do diálogo com piratas e ninjas ao se descrever no campo ‘quem sou eu’ do Orkut.....	78
<b>Figura 10.</b> Posições do “eu” no relato de João ao descrever Scrooge.....	92
<b>Figura 11.</b> Posições do “eu” no relato de João ao se referir à perspectiva de mudança.....	93
<b>Figura 12.</b> Posições do “eu” no relato de João ao fazer sentido daquilo que considera agir de “boa fé” e de “má fé”.....	95
<b>Figura 13.</b> Posições do “eu” no relato de João relacionadas à ansiedade daquilo que considera um desafio face à possibilidade de sentir “sentimentos bons”.....	97
<b>Figura 14.</b> Posições do “eu” no relato de João face à possibilidade de mudança	

mediada pelo Orkut.....	100
<b>Figura 15.</b> Recorte do campo ‘quem sou eu’ do perfil de João no Orkut.....	102
<b>Figura 16.</b> Posições do “eu” em relação ao campo ‘quem sou eu’ no Orkut de João.....	103
<b>Figura 17.</b> Recorte do registro de João no campo ‘quem sou eu’ do Orkut.....	106
<b>Figura 18.</b> Recorte do registro de João no campo ‘quem sou eu’ do Orkut .....	108
<b>Figura 19.</b> Recorte do registro no campo ‘paixões’ no perfil social do Orkut de João.....	108
<b>Figura 20.</b> Recorte do registro no campo ‘esportes’ no perfil social do Orkut de João.....	108
<b>Figura 21.</b> Recorte do registro no campo ‘atividades’ no perfil social do Orkut de João.....	108
<b>Figura 22.</b> Recorte do registro de João no álbum do Orkut.....	109
<b>Figura 23.</b> Posições do “eu” no relato de Luna relacionadas à mudança de Scrooge no final da história.....	112
<b>Figura 24.</b> Posições do “eu” no relato de Luna relacionadas à ansiedade face à diferença de idade entre Luna e o marido.....	114
<b>Figura 25.</b> Posições do “eu” no relato de Luna ao se descrever para a pesquisadora no momento da entrevista.....	115
<b>Figura 26.</b> Posições do “eu” no relato de Luna relacionadas ao desejo pessoal de independência.....	116
<b>Figura 27.</b> Comunidade ‘Lembranças, Fragmentos da Vida’ privilegiada no perfil do Orkut de Luna.....	117
<b>Figura 28.</b> Posições do “eu” no relato de Luna na ocasião em que se	

refere ao próprio perfil no Orkut.....	119
<b>Figura 29.</b> Recorte do campo ‘quem sou eu’ no perfil de Luna.....	121
<b>Figura 30.</b> Registro editado por Luna no álbum do Orkut.....	125
<b>Figura 31.</b> Comunidade ‘Eu amo meu pai até o INFINITO’ adicionada por Luna ao próprio perfil.....	125
<b>Figura 32.</b> Registro editado no vídeo ‘Fábio Jr. (Pai)’ do perfil de Luna no Orkut.....	125
<b>Figura 33.</b> Comunidade ‘Eu AMO meu PAI !!’ adicionada por Luna ao próprio perfil.....	126
<b>Figura 34.</b> Comunidade ‘Pai, mto obrigado(a) por tudo” adicionada por Luna ao próprio perfil.....	126
<b>Figura 35.</b> Comunidade ‘EU AMOOO MUITO MEU PAII’ adicionada por Luna ao próprio perfil.....	127
<b>Figura 36.</b> Comunidade ‘Lembranças, Fragmentos da Vida’ adicionada por Luna ao próprio perfil.....	129
<b>Figura 37.</b> Recorte do registro editado na capa de um dos álbuns de Luna no perfil do Orkut.....	129
<b>Figura 38.</b> Recorte da comunidade ‘Sinta-se livre para viver!’ adicionada por Luna ao próprio perfil.....	131
<b>Figura 39.</b> Recorte do registro de Luna no perfil do Orkut.....	132
<b>Figura 40.</b> Recorte do registro de Luna no álbum do Orkut.....	132
<b>Figura 41.</b> Comunidade ‘Procuramos Independência’ adicionada por Luna ao próprio perfil no Orkut.....	132
<b>Figura 42.</b> Comunidade ‘Liberdade pra dentro da cabeça’ adicionada por Luna ao próprio perfil.....	132

<b>Figura 43.</b> Comunidade ‘Fernão Capelo Gaivota’ adicionada por Luna ao próprio perfil no Orkut.....	133
<b>Figura 44.</b> Posições do “eu” no relato de Mara ao ser confrontada com a possibilidade de uma mesma pessoa se revelar de maneiras tão diferentes.....	134
<b>Figura 45.</b> Posições do “eu” no relato de Mara ao se descrever há cinco anos atrás.....	136
<b>Figura 46.</b> Posições do “eu” no relato de Mara ao ser confrontada com a possibilidade de mudança.....	137
<b>Figura 47.</b> Posições do “eu” em relação ao campo ‘quem sou eu’ no Orkut de Mara.....	140
<b>Figura 48.</b> Recorte do campo ‘quem sou eu’ no perfil de Mara.....	141
<b>Figura 49.</b> Posições do “eu” no relato de Mara ao falar sobre si no Orkut.....	141
<b>Figura 50.</b> Recorte do registro de Mara no campo ‘quem sou eu’ do Orkut.....	144
<b>Figura 51.</b> Campo ‘com os relacionamentos anteriores aprendi’ editado por Mara no perfil pessoal do Orkut.....	146
<b>Figura 52.</b> Interesses pessoais dos fãs de Luna no Orkut.....	147
<b>Figura 53.</b> Diálogo entre desenvolvedores e usuários de Orkut.....	148
<b>Figura 54.</b> Mensagem de scrap enviada por uma componente da rede de amigos de Luna em 03/10/2007.....	149
<b>Figura 55.</b> Depoimento enviado por uma componente da rede de amigos de Mara, aceito e publicado no próprio perfil.....	150
<b>Figura 56.</b> Usuária envia mensagem para o perfil de João explicando mudança de depoimento.....	151
<b>Figura 57.</b> Usuária negociando mudança de depoimento com o autor do perfil....	151
<b>Figura 58.</b> Recorte do álbum no perfil virtual de Luna.....	153

<b>Figura 59.</b> Vídeos favoritos adicionados ao perfil de João no Orkut.....	154
<b>Figura 60.</b> <i>Link</i> de áudio adicionado ao perfil de Luna no Orkut.....	154
<b>Figura 61.</b> Página inicial da comunidade ‘Ferreira’ adicionada por João ao próprio perfil no Orkut.....	156
<b>Figura 62.</b> Composição narrativa construída pelo dono da comunidade ‘Ferreira’ apropriada por João ao integrar a comunidade ao próprio perfil.....	157
<b>Figura 63.</b> Perfil <i>Bogus</i> que disponibiliza informações com a finalidade de burlar a segurança do sistema.....	161
<b>Figura 64.</b> Envio do número de celular por depoimento.....	162
<b>Figura 65.</b> Comunidades relacionadas aos <i>Fakes</i> .....	164

## Lista de quadros

<b>Quadro 01 – Condições pragmáticas do ato narrativo.....</b>	<b>87</b>
--	-----------

# Sumário

RESUMO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
1.1.Linguagem, intersubjetividade e mediação semiótica.....	25
1.2.A alteridade e a relação mutuamente constitutiva eu-outro.....	29
1.3. Cultura, <i>self</i> e identidade: do ator multifacetado à multiplicidade do agente.....	35
1.4. Continuidade e mudança nos processos de intersubjetivação.....	42
1.5. As posições do “eu” no diálogo.....	46
1.6. Comunicação, diálogo e as redes de relacionamentos <i>online</i> .....	50
1.6.1. O sujeito dialógico no Orkut.....	55
2. METODOLOGIA E MÉTODO.....	62
2.1. Objetivos do estudo.....	65
2.2. Os participantes.....	66
2.2.1. A escolha dos participantes.....	68
2.3. Procedimentos.....	68
2.3.1. Entrevista sobre continuidade pessoal.....	71
2.4. Material.....	75
2.4.1. A história: Um Conto de Natal, de Charles Dickens.....	75
2.5. A atividade realizada com a mídia.....	76
2.6. O aspecto empírico do estudo.....	77
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	81

3.1. Tipologia de análise.....	85
3.2. Análise dos recortes das entrevistas presenciais e dos perfis virtuais.....	89
3.2.1. Análise do protocolo de entrevista de João.....	90
3.2.1.1. Recortes do perfil no Orkut.....	102
3.2.1.2. Inclinações futuras durante a entrevista presencial.....	104
3.2.1.3. Senso de continuidade de João no trânsito entre situações presenciais e virtuais.....	105
a) Senso de continuidade relacionado ao que João nomeia como “ <i>sentimentos ruins</i> ” .....	105
b) Senso de continuidade relacionado ao contraste entre medo e desejo de experimentar aquilo que João nomeia como “ <i>sentimentos bons</i> ” e que na perspectiva de João revela-se como um teste, um desafio.....	107
3.2.2. Análise do protocolo de entrevista de Luna.....	110
3.2.2.1. Recortes do perfil no Orkut.....	120
3.2.2.2. Inclinações futuras durante a entrevista presencial.....	122
3.2.2.3. Senso de continuidade de Luna no trânsito entre situações presenciais e virtuais.....	123
a) Senso de continuidade relacionado ao que Luna	

associa com um sentimento de ausência da figura paterna.....	124
b) Senso de continuidade relacionado ao que Luna associa com um sentimento de fragmentação.....	127
c) Senso de continuidade relacionado à perspec- tiva de independência de Luna.....	130
3.2.3. Análise do protocolo de entrevista de Mara.....	133
3.2.3.1. Recortes do perfil no Orkut.....	141
3.2.3.2. Inclinações futuras durante a entrevista pre- sencial.....	141
3.2.3.3. Senso de continuidade de Mara no trânsito entre situações presenciais e virtuais.....	143
a) Senso de continuidade relacionado ao senti- mento de ambivalência de Mara em relação ao pai.....	143
b) Senso de continuidade relacionado aos eventos que Mara considera significativos para si e que nomeia como “coisa” / “coisas”.....	145
3.2.4. Aspectos colaborativos do ambiente.....	146
3.2.5. Depoimentos.....	149
3.2.6. Fotos, imagens, áudio, vídeo e os aspectos de colaboração entre os envolvidos na atividade de criar um perfil online.....	151
3.2.7. Contribuição dos grupos sociais para a constituição de um senso de <i>self</i> pelo usuário de Orkut.....	155

3.2.8. Segurança segundo a experiência do usuário.....	159
3.2.9. Colaboração e segurança <i>online</i> .....	160
3.2.10. <i>Fakes</i> : vozes, identidades e mundos paralelos no Orkut.....	162
3.3. Sobre o Orkuticídio.....	165
3.4. Comentários adicionais.....	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
Pesquisas futuras.....	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	170
ANEXOS.....	176

## Introdução

Com a evolução da Internet, e a conseqüente possibilidade de conexão em banda larga, a qualidade dos serviços de comunicação *online* e a formação de comunidades virtuais aumentaram consideravelmente nos últimos anos, favorecendo a emergência de mais interação entre usuários e a criação de novos tipos de relacionamentos na Web.

Com a criação da Web 2.0 ou Internet gráfica, diversos serviços surgem e se desenvolvem tendo como finalidade conectar pessoas e grupos a partir de afinidades, gostos e interesses comuns, de maneira dinâmica e suscetível a inovações, sem que isto represente qualquer prejuízo à manutenção da auto-organização e equilíbrio do sistema.

Entre esses serviços, se destacam, atualmente, os softwares sociais que possibilitam aos usuários a conexão em redes de relacionamentos – redes sociais digitais ou comunidades virtuais – via internet.

O Friendster, pioneiro no gênero, foi criado por Jonathan Abrams na Califórnia, em 2002 (WIKIPEDIA, 2007) e apesar de bastante popular no exterior, não teve a mesma repercussão no Brasil. Todavia, tal iniciativa favoreceu o surgimento de novos ambientes de relacionamento via redes sociais digitais, cujos exemplos mais famosos são o Orkut<sup>1</sup> e o Myspace<sup>2</sup>.

Além de terem se destacado como fenômeno comunicativo, os softwares sociais têm se revelado também como um excelente investimento financeiro, tendo em vista a grande demanda por este tipo de serviço. (MELO, 2007).

---

1. <http://www.orkut.com>

2. <http://br.myspace.com>

De modo geral, esses serviços permitem ao usuário criar perfis e disponibilizar informações pessoais, tornando viável a conexão e o diálogo com outras pessoas que tenham afinidades, gostos e interesses comuns.

Nesses espaços alternativos de comunicação, a manutenção das relações – superficiais ou mesmo duradouras – passa a ser assegurada pelos integrantes da rede que ativamente colaboram uns com os outros tanto na criação quanto no desenvolvimento de conteúdos e situações diversas.

Considerando o impacto da internet no comportamento dessas pessoas e grupos, a literatura e as demais mídias freqüentemente têm abordado a questão tanto num viés otimista quanto pessimista, nos quais a internet ou é vista como uma solução, ou como um mal a ser erradicado.

Aos mais otimistas, a internet se mostra como lugar seguro, por possibilitar o anonimato e a liberdade em relação ao julgamento dos demais. Além disso, para muitos, a possibilidade de conexão em rede interfere nas relações sociais ao tornar possível o contato com outras pessoas e culturas que até então não participavam da vida do usuário. (VIETA, 2005)

Aos pessimistas, a internet exerce efeitos indesejáveis àqueles que se utilizam dela, quer seja pela grande quantidade de informações sem a possibilidade de apropriação de tudo o que se encontra na rede digital, quer seja pela possibilidade de ruptura em relação ao mundo real devido à má qualidade do uso do tempo *offline* com pessoas e atividades “reais”, tendo em vista a possibilidade do usuário *online* ser uma “outra pessoa” diferente daquela que demonstra ser na vida presencial. (VIETA, 2005)

Tal concepção do humano é problemática, pois freqüentemente observamos que as pessoas se referem ao ser no ambiente virtual como se este fosse um ente

desencarnado racionalizando o tempo inteiro, um “eu penso” capaz de conhecer tudo sobre si mesmo por meio da auto-reflexão. (LAKOFF; JOHNSON, 1999)

Ou seja, essa concepção está relacionada à existência de novas subjetividades, características ao ambiente virtual, uma vez que palavras como “eu” virtual, *cybersubjetividade*, *cyberself*, *self digital*, aos poucos passam a fazer parte do cotidiano das práticas discursivas acerca dos modos de funcionamento humano no ambiente *online*.

Em alguns casos, faz-se uma analogia das conexões em rede remota com as conexões cerebrais. (CAMPELLO, 2006) Em outros, sugere-se uma transformação evolutiva do *self* e da mente humana. (DREYFUS, 2001), chegando-se mesmo a considerar a internet como uma entidade com personalidade própria. (SULER, 2000)

Face à atual conjuntura, freqüentemente nos indagamos:

- Diante das transformações vivenciadas por nós, como explicar a identidade e o senso de continuidade nas nossas experiências cotidianas?
- Como o *self* se configura no trânsito entre situações presenciais e virtuais?
- Como o enunciado participaria desse processo?
- Que aspectos de si as pessoas reapresentam no ambiente virtual?

Nesse sentido, buscamos investigar *como ocorrem as continuidades e descontinuidades nas formas discursivas pelas quais as pessoas reportam a si mesmas enquanto transitam entre cenários presenciais e virtuais* a fim de entender como ocorre a constituição do senso de *self* em meio a um constante processo de mudança.

Pretendemos então criar um espaço de reflexão estabelecendo um diálogo acerca da repercussão da internet e dos recursos hipermidiáticos [som, imagem, vídeo] na constituição do senso de *self* dos usuários de Orkut, questionando a existência de um

*self* exclusivamente digital, bem como as rupturas nos discursos legitimados acerca do virtual e real, *online* e *offline*, freqüentemente observadas na mídia em geral.

Nesse sentido, abordamos os aspectos de comunicação e interação que envolvem os usuários da internet, mais especificamente os usuários de Orkut, considerando os recursos utilizados, as metáforas envolvidas nos diálogos montados pelos usuários para suprir a ausência do corpo, bem como os conteúdos destacados pelos mesmos quando falam sobre si ao compor um perfil no ambiente virtual.

Para tanto, recorremos a um referencial teórico-conceitual cujo enfoque fundamenta-se numa concepção de sujeito dialógico (MEAD, 1934/2007; BAKHTIN, 2002; LYRA, 2006; VALSINER, 2004, 2005; HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995; HERMANS, 2001) e interacional (BEZERRA; MEIRA, 2006; PERES, 2007; MELO, 2007; OLIVEIRA, 2007) que é resgatado do fluxo polissêmico – ou de uma gama de significados e sentidos possíveis – pela forma narrativa como as pessoas falam sobre si mesmas (CHANDLER, 2000; CHANDLER et. al., 2003).

Algumas pesquisas contribuíram de maneira bastante significativa, despertando nosso interesse por uma investigação fundamentada numa perspectiva integradora sobre o ser em ambientes virtuais (VIETA, 2005; WILSON; ATKINSON, 2005, WILLIAMS, 2006), visto que consideramos indispensável a participação da sociedade e da cultura na emergência e desenvolvimento do *self* (VYGOTSKY, 1996a, 1996b, 1998a, 1998b ; MEAD, 1934/2007; BRUNER, 1997; CHANDLER, 2000; CHANDLER et. al. 2003; LALONDE; BRANDSTATER, 2007; SALGADO et al., 2007; HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995, HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Outros estudos (CHANDLER et. al., 2003) embasaram a construção do método de investigação, proposto no capítulo 2, como também tiveram uma participação relevante na análise dos dados (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005),

construída a partir da observação e interpretação das práticas de sustentação de si no trânsito entre situações presenciais e virtuais, cuja análise é descrita no capítulo 3 do presente estudo, sempre considerando o referencial teórico-conceitual que adotamos.

Finalmente, tecemos algumas considerações finais resgatando a importância da comunicação e da colaboração na reapresentação de si em ambientes virtuais, o que confere ao artefato computacional a propriedade de operar como uma extensão da cognição do indivíduo para além do corpo, não sendo pretensão deste estudo esgotar o assunto, mas apontar caminhos a serem futuramente percorridos.

## 1. Fundamentação teórica

*“Comunicar significa ser para um outro, e através desse outro, para nós mesmos”  
Marková (2003, p.257)*

### 1.1. Linguagem, intersubjetividade e mediação semiótica

Geralmente, a ciência cognitiva recorre à metáfora computacional e aos modelos psicológicos que isolam os sujeitos para tentar explicar fenômenos humanos complexos constituídos na trama sociocultural.

Em tais situações, podemos constatar uma concepção dicotômica do humano, em que um corpo-máquina abriga uma entidade ontológica isolada, autocontida, permanente e abstrata.

Conseqüentemente, nesse enquadre epistemológico, prevalece uma concepção a-histórica e universalista dos fenômenos psicológicos que, por sua vez, são entendidos numa perspectiva intracraniana, na qual a linguagem é tida como uma expressão do pensamento e geralmente é tomada como uma representação no sentido de uma cópia da realidade.

De modo diverso, as concepções pós-modernas tratam a complexidade humana a partir de um enfoque relacional, especialmente a partir da segunda metade do século XX, com as novas proposições decorrentes à Filosofia da Linguagem, que envolvem as contribuições de filósofos como Wittgenstein e Ricoeur, entre outros.

Com a mudança de paradigmas, as concepções modernas cedem espaço à perspectiva sócio-histórico-cultural, cuja ênfase na linguagem e nas construções narrativas, confere um novo contorno às noções de *self* e realidade.

Essa realidade, perpassada pelo simbólico, não mais independe do sujeito cognoscente, uma vez que a reflexão histórica e situacional é adotada como cerne da atividade psicológica. (BAKHTIN, 2002; RICOEUR, 1981; PERES, 2007; HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Nesse panorama, a mediação semiótica ganha lugar de destaque. Fundamentada nas ações intersubjetivas, a mediação semiótica confere aspecto primário e central aos signos, o que nos permite atribuir um sentido pessoal aos objetos com os quais nos relacionamos, tendo em vista que, em si mesmo, o objeto não possui um caráter intrínseco que age sobre o indivíduo. (BEZERRA; MEIRA, 2006)

Fundamentados nessa perspectiva, realçamos o aspecto pragmático da comunicação em detrimento de uma estrutura estanque, cristalizada, o que implica considerarmos a noção de gênese envolvida em um processo dialógico ininterrupto.

Nesse processo, a intersubjetividade está relacionada à nossa consciência dos demais bem como a uma orientação para o outro que permite que a comunicação se estabeleça desde o início da vida. (LYRA, 2006)

Tomando essas considerações como ponto de partida, nos filiamos a uma perspectiva que caracteriza o *self* como uma construção discursiva, social e narrativamente estruturada, que emerge e se desenvolve no desenrolar das seqüências dialógicas de ação, estabelecidas por interlocutores situados no tempo e no espaço.

Nessa construção, novas versões de *self* são possíveis graças à mediação semiótica, às influências das normas sociais que regulam nossas ações e às situações específicas nas quais elas ocorrem.

Esses novos contornos do *self* são delimitados nos momentos de interação entre os partícipes, a partir do modo como as pessoas se descrevem e são descritas enquanto dialogam com os demais, o que torna indispensável considerarmos o enquadre<sup>3</sup> da mensagem na interpretação dos sentidos produzidos pelos sujeitos.

Desse modo, no contínuo fluxo da ação comunicativa, a pessoa, usuária do discurso (GUANAES; JAPUR, 2003), revela-se como um ser único, com características e poderes diferenciados e com uma história distinta daqueles que considera seus semelhantes; um ser que contracenava com muitos outros nos diferentes cenários por onde transita enquanto simultaneamente mostra-se responsável e responsável perante os demais.

Nesse caso, consideramos o ser como uma razão corporificada, simultaneamente uno e múltiplo, uma construção discursiva que confere presença a todos aqueles que são significativos na ocasião, inclusive nos casos em que esses outros estão metaforicamente incorporados ao contexto. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999)

Pensar no ser, nesses termos, requer considerarmos que a emergência e o desenvolvimento de um senso de continuidade não correspondem a um movimento exclusivamente individual, mas a um fenômeno dialógico situacional e dinâmico que envolve as demais partes que compõem o sistema.

Preocupando-nos com o processo de constituição intersubjetiva no trânsito entre situações presenciais e virtuais, buscamos, na dinamicidade inerente às situações, o processo de enunciação que inscreve o sujeito na própria existência.

---

3. A noção de enquadre - tradução em português do termo *frame* em inglês - foi desenvolvida por Erving Goffman (1974), em seu livro intitulado *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*, ao referir-se aos acontecimentos em curso na interação. Trata-se do relacionamento dinâmico estabelecido por pessoas engajadas em uma atividade de modo que o evento interacional identificado seja significativo àqueles que estão envolvidos. Nessa perspectiva, os enquadres se adaptam às formas complexas que empregamos no nosso dia-a-dia, à medida que conduzimos, interacionalmente, as nossas relações com os demais, com os artefatos e com o ambiente.

Para tanto, recorreremos às lentes do dialogismo. Como ponto de partida nos vinculamos a alguns aspectos centrais a esse enquadre epistemológico, uma vez que os mesmos orientam o modo como abordamos o fenômeno e conduzimos nossas análises, a saber:

- Filiação a uma perspectiva histórico-relacional e situacional da natureza humana em oposição às concepções a-históricas e universalistas sobre o conhecimento, adequadas para todos os seres humanos em todos os tempos e lugares;
- Destaque aos aspectos dinâmicos e aos processos de mudança dos fenômenos tipicamente humanos;
- Interdependência dialética entre o sujeito e os outros sociais engajados na relação [alteridade];
- Interdependência dialética entre dualidades sistêmicas [moral e imoral, dependência e independência, bem e mal, etc.];
- Destaque ao autor multiposicionado, constituído por múltiplas vozes em diálogo que apresentam e contrastam as múltiplas versões da realidade;
- A importância da imaginação nos diálogos internos;
- As assimetrias envolvidas nos posicionamentos humanos [tensões que envolvem a diferença de poder entre vozes].

Dessa forma, assumimos que o signo exerce um papel central na emergência e desenvolvimento das formas tipicamente humanas de funcionamento psicológico, mostrando-se indispensável à compreensão da participação da linguagem na constituição do nosso senso de continuidade ao longo do tempo.

Orientados pelos aspectos realçados nessa discussão inicial, buscaremos, na seqüência, tecer alguns comentários acerca da relação de interdependência entre os

componentes biológicos, sociais e histórico-culturais nos processos de construção do “eu” que ocorrem na linguagem.

## **1.2. A alteridade e a relação mutuamente constitutiva eu-outro**

Mesmo antes de nascer, a sociedade cria expectativas em relação à criança que, por sua vez, já nasce envolvida numa teia de significados e sentidos socialmente construídos e legitimados.

Do discurso dos demais, a criança, ao longo do desenvolvimento, se apropria ativamente tanto do próprio nome e do nome das coisas, quanto das idéias mais sofisticadas procedentes dos discursos mais complexos.

Ao se apropriar dessas heranças sócio-culturais, a criança, então, toma conhecimento daquilo que a antecede, o que indispensavelmente contribui para que ela possa transformar e até mesmo se opor totalmente àquilo que foi transmitido por outras pessoas.

Aprendendo com os demais, nos familiarizamos com diversos jogos de linguagem [contar histórias, descrever, nomear, sugerir, ordenar, prometer, etc.], específicos ao nosso meio sócio-cultural, e com as circunstâncias características de uso destes. (HACKER, 2000)

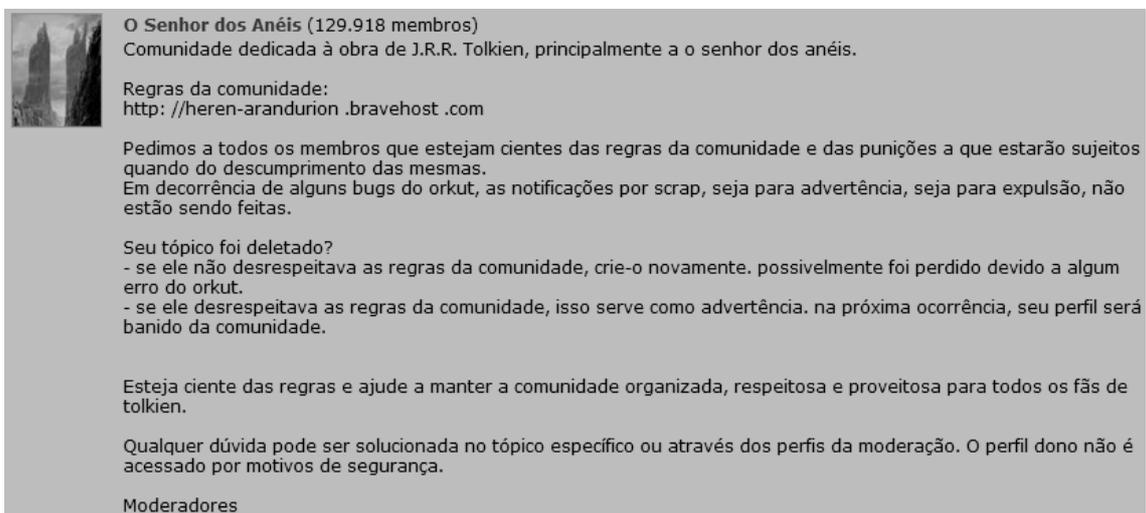
Essa variedade de jogos de linguagem, característicos às formas de vida que ao agir constituem a nossa subjetividade, nos possibilita reconhecer os outros como nossos semelhantes – grupos sociais de pertença – enquanto simultaneamente colabora para que possamos nos contrastar em relação a essas pessoas, de modo que, ao nos

vincularmos a esses grupos, passemos a nos diferenciar daqueles em relação aos quais não desejamos ser ou parecer conectados.

Desse modo, as razões da criança são construídas a partir do mundo exterior, carregado de entonação, tonalidade, emoção e valoração e é nesse sentido que a consciência humana envolve a consciência do outro. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995; HERMANS, 2001; BAKHTIN, 2002)

Portanto, nas especificidades da comunidade com a qual o sujeito dialoga e interage, algumas características pessoais se destacam, o que está relacionado à presença de diferentes níveis hierárquicos no discurso [assimetrias].

Essas diferenças no discurso envolvem a tensão eu-outro relacionada às diferenças de poder entre as vozes daqueles que estão envolvidos na ação comunicativa. Esta hierarquização torna possível àqueles que ocupam uma posição privilegiada, tanto legitimar o outro enquanto falante quanto orientar e contribuir com o conteúdo que está em destaque no contexto:



**O Senhor dos Anéis** (129.918 membros)  
Comunidade dedicada à obra de J.R.R. Tolkien, principalmente a o senhor dos anéis.

Regras da comunidade:  
<http://heren-arandurion.bravehost.com>

Pedimos a todos os membros que estejam cientes das regras da comunidade e das punições a que estarão sujeitos quando do descumprimento das mesmas.  
Em decorrência de alguns bugs do orkut, as notificações por scrap, seja para advertência, seja para expulsão, não estão sendo feitas.

Seu tópico foi deletado?  
- se ele não desrespeitava as regras da comunidade, crie-o novamente. possivelmente foi perdido devido a algum erro do orkut.  
- se ele desrespeitava as regras da comunidade, isso serve como advertência. na próxima ocorrência, seu perfil será banido da comunidade.

Esteja ciente das regras e ajude a manter a comunidade organizada, respeitosa e proveitosa para todos os fãs de tolkien.

Qualquer dúvida pode ser solucionada no tópico específico ou através dos perfis da moderação. O perfil dono não é acessado por motivos de segurança.

Moderadores

**Figura 01.** Voz do moderador da comunidade ‘O Senhor dos Anéis’ adicionada por João ao perfil do Orkut

É nestes contextos de uso da linguagem que a cultura colabora com o processo de autoria, indispensável ao desenvolvimento intersubjetivo. Logo, ao se posicionar

frente ao mundo, o sujeito transforma-se em agente e, conseqüentemente, em autor da própria história, contribuindo, reciprocamente, para o desenvolvimento cultural e coletivo.

Esse agenciamento ocorre quando o sujeito encontra-se implicado na organização dos eventos. Tal organização, diga-se de passagem, envolve o diálogo com as vozes dos outros significativos ao próprio sujeito, ainda que estes não estejam fisicamente presentes, embora metaforicamente incorporados ao contexto (LAKOFF; JOHNSON, 1980):



**Figura 02.** Recorte do campo ‘amigos’ no perfil de Orkut de João

Esses outros estão simultaneamente localizados em nós e fora de nós mesmos e é em relação a esses outros que nos constituímos enquanto sujeitos. (VYGOTSKY, 1996a, 1996b, 1998a, 1998b; BAKHTIN, 2002, 2003; HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Portanto, para que tenhamos consciência de nós mesmos, o outro se faz necessário (VYGOTSKY, 1996b; HOLQUIST, 1994; BAKHTIN, 2002, 2003; PERES, 2007), tendo em vista que apenas podemos ser um “eu” ao sermos outros para nós mesmos, à medida que nos reconhecemos diferentes dos nossos semelhantes. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Essa tensão eu-outro que envolve as diferenças no diálogo, por sua vez, nos remete ao conceito de *outro dialógico* [outros sociais ou outros “eu’s” e seus respectivos mim’s] que percorre toda a obra de Bakhtin e pode ser melhor entendido quando este trata a questão da autoria no romance polifônico.

A idéia de polifonia, proposta por Bakhtin (2002b), caracteriza-se pela ampla variedade de consciências e de mundos que, por sua vez, está relacionada à livre movimentação das vozes dos heróis no todo polifônico da obra.

Esses personagens, ao ganharem vida, passam a dialogar com suas próprias vozes, cada um com a sua respectiva visão de mundo. Nesse caso, cada herói passa a ser percebido como autor da própria ideologia. (HERMANS, 2001) Nesse momento, os personagens deixam de ser atores [mim] e passam a ser agentes [“eu”] à medida que participam da obra implicados em um processo de co-autoria.

Ou seja, ao passar a ser um “eu”, o personagem deixa de ser objetivado, mesmo que tenha sido criado por uma consciência externa, o autor. (BAKHTIN, 2002b; PERES, 2007) O autor, por sua vez, passa a ser mais uma entre as tantas vozes possíveis, já que colabora, junto aos demais, com a organização espaço-temporal dos eventos.

Ou seja, na perspectiva do *Self* Dialógico, a imaginação participa da construção do espaço dialógico interno onde se relacionam as diversas vozes [posições do “eu”]. Nessas vozes, outros imaginários – personagens fictícios – podem desempenhar alguma

função, participando, inclusive, de modo ativo na vida do sujeito. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Conseqüentemente, a nossa existência passa a depender de um outro que nos legitime e complemente, tornando possível nossa diferenciação dos demais, que é obtida quando o outro nos responde. (MEAD, 1934/2007) Dessa forma, o sentido que inscreve o sujeito na própria existência vai sendo dialogicamente construído tanto pelo autor quanto pelas palavras, vocalizações, gestos, olhares, expressões faciais, movimentos e idéias dos heróis que, neste caso, tornam-se co-autores.

Mas esse outro sempre vai estar além dos nossos contornos, pois o outro é bem mais complexo que a descrição que fazemos dele. Essa inconclusividade e incompletude são características do diálogo e contribuem para que haja um duplo endereçamento: para um outro concreto e um outro generalizado.

Endereçando nossa fala para alguém, assumimos nossa co-responsabilidade na ação comunicativa e, conseqüentemente, a nossa autoria que, a partir de uma localização espaço-temporal, responde a um outro que, por sua vez, também enuncia e responde em relação a outros. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Nessas relações dialógicas ininterruptas, o *Self* Dialógico emerge e se desenvolve. Por ser dinâmico, o *Self* Dialógico não apresenta contornos bem definidos com o exterior – o ambiente, o meio – que também participa e está em nós. Além do ambiente, as diferentes partes componentes do “eu” [posições internas] bem como os componentes do mundo – pessoas, seres e coisas – internalizados pelo sujeito [posições externas] integram o *Self* Dialógico. (HERMANS, 2001)

Esses contornos permeáveis tornam possíveis as trocas constantes entre aquilo que é interno e externo ao sujeito, de modo que o ato narrativo envolva tanto os outros significativos [nossos pais, nossa família, nossos amigos] quanto os componentes do

mundo e tudo aquilo que consideramos ‘meu’ [minha casa, meu país, meus amigos, meus estudos].

Todos esses componentes estão em nós – apropriação da ordem cultural –, podendo inclusive ocupar posições no mundo interno do *Self* Dialógico. Mas para que essa localização seja assegurada, faz-se necessário tecer interrelações [enredo] tanto entre o que vivemos e sentimos quanto entre o que se passa no ambiente social e cultural. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Nesse caso, a voz de uma posição interna [“eu” como mulher independente] pode entrar em conflito com a voz de uma posição externa [meu marido] ou com uma voz cultural [as mulheres devem ser submissas ao marido], como podemos observar, por exemplo, no relato da participante Luna que integra nossas análises.

Recorrendo a esses personagens enquanto contamos nossas histórias, compomos uma localização espaço-temporal que possibilita a cada um de nós romper com o socialmente instituído e inscrever a nossa própria existência.

Paradoxalmente, é no desejo de superação dessas rupturas que o *self* se constitui como um todo coerentemente integrado, ocasião em que a idéia de um corpo encontra-se interligada a um sentimento de unidade que é conseguido quando nossas partes constituintes estão dinamicamente relacionadas. (BAKHTIN, 2002, 2003; ORTEGA, 2005; HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Adotando o corpo como referencial, podemos então antecipar as respostas da audiência, nos posicionando em relação ao mundo. Desta forma, sentimos que temos um ponto de vista e que este nos resgata da possibilidade de desintegração, já que, assumindo nossos posicionamentos, asseguramos nossa própria manutenção no tempo e no espaço. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Se confundindo e contrastando com os demais [pessoas e grupos] o sujeito, então, assume posicionamentos que o permitem concordar ou se opor ao ponto de vista desses outros. Essas tensões colocam em jogo forças centrífugas [de afastamento: multivocalidade] e cetrípetas [de atração: criação de coerência e integração pelo diálogo] fundamentais às negociações dialógicas.

Contudo, esses estados de tensão nunca estão total ou definitivamente resolvidos, pois as tensões de poder são indispensáveis à mobilidade do *Self* Dialógico. Por seu turno, esse movimento contribui, simultaneamente, para a criação e manutenção de alguma estabilidade espaço-temporal, conforme o impacto das assimetrias de certas vozes em relação a outras. (HERMANS, 2001)

Em síntese, ao nos endereçarmos a um outro passamos a existir, pois o passado e o possível revelam como fazemos sentido das continuidades pessoais – nossa e dos demais – de modo que o nosso senso de continuidade seja intersubjetivamente sustentado em meio a um constante processo de mudança, o que se concretiza quando a pessoa se revela, se atualiza e se reinventa sob a forma de uma enunciação ou fala.

Considerando os aspectos realçados nas nossas discussões até o momento, nos propomos comentar, na próxima seção, a respeito da participação da cultura nas construções narrativas, dada a natureza social da enunciação.

### **1.3. Cultura, *self* e identidade: do ator multifacetado à multiplicidade do agente**

Uma das maneiras para olhar e explicar as formações sociais diz respeito ao modo como as pessoas se comunicam e colaboram umas com as outras em situações cotidianas.

Nesse sentido, o ato de contar histórias revela-se como uma prática comunicativa cotidianamente utilizada e tradicionalmente difundida entre pessoas e grupos, podendo ser observada desde os primórdios da humanidade até os dias atuais.

Sem sombra de dúvidas, as formas de vida e os mecanismos que dão suporte às construções narrativas se diversificaram, ampliaram e evoluíram ao longo dos tempos, tornando possível, inclusive, historicamente pensarmos a respeito da noção de *self* e subjetividade.

Como construção histórica, a subjetividade acontece e ganha contornos no âmbito das relações sócio-culturais, estabelecidas pelos falantes e pelos seus grupos de pertença (BEZERRA; MEIRA, 2006). É nelas que ocorrem as trocas dialógicas, indispensáveis às práticas de sustentação de si e é por meio dessas práticas que pessoas e grupos se atualizam continuamente. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995)

Dialogando com os nossos semelhantes demarcamos a nossa própria existência, o que acontece apenas quando estamos em contato com um outro para quem endereçamos nossa mensagem. (BAKHTIN, 2002)

Apesar de indispensável, esse outro não se restringe às pessoas concretas, de carne e osso, abrangendo também pessoas e seres que co-habitam a mente do falante. Esses outros, enquanto personagens fictícios, co-habitam o nosso mundo interno, dialogando e interagindo conosco na imaginação. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995; HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Esses personagens são os protagonistas das histórias que contamos sobre nós mesmos e conjuntamente constroem conosco uma imagem de 'mim' no mundo. Em tais situações o personagem é um ator que contracena com outros que co-habitam o mundo interno e externo do sujeito.

Contudo, enquanto compõe a própria história, cada um de nós pode conferir vozes a esses personagens, ocasião em que se observa a livre movimentação das consciências desses outros, que de atores [personagens] passam a agentes [“eu”] do ato narrativo e, conseqüentemente, a estarem implicados como co-autores na composição do enredo (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005):



**Figura 03.** Personagem que co-habita o mundo de João, autor do perfil, e que o ajuda a inscrever sua própria existência enquanto transita entre cenários presenciais e virtuais

Enquanto co-autores, esses outros colaboram, com as suas respectivas opiniões, para que possamos negociar e assumir nossos posicionamentos ao longo do tempo, contribuindo para que possamos nos reatualizar constantemente enquanto simultaneamente asseguramos o senso de continuidade (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005) que nos resgata das devastações do tempo (CHANDLER, 2000; CHANDLER et al., 2003):

quem sou eu: Piratas são melhores que ninjas!  
 eu:  
 Sou a melhor pessoa que posso pensar em ser...  
 Tento ser prático, tento ser simples, tento ser bom...  
 Sou sincero e sei que minha sinceridade machuca muita gente...  
 Sou uma pessoa em constante mudança, procuro a simplicidade em tudo e meu defeito que mais me condena é minha timidez...

**Figura 04.** Recorte do campo ‘quem sou eu’ no perfil de João no Orkut

Nesses termos, o ato de narrar, enquanto prática social, revela-se mais importante que a narrativa em si, analiticamente dividida em elementos, tal como se observa nas concepções estruturalistas, pois é na co-construção entre parceiros dialógicos que a ação narrativa ganha novos contornos.

A experiência torna-se, então, narrativamente co-construída e organizada pelos partícipes da situação de interação presencial e imaginada. Estes, situados em certo momento histórico, negociam significados e sentidos pessoais que são ajustados à tessitura da trama, conferindo à mesma um colorido, um tom pessoal.

Nesse sentido, buscamos uma narrativa vivida, ou seja, uma identidade narrativa que é simultaneamente conseguida quando a pessoa que compõe o próprio perfil enreda os eventos, conferindo a eles um tom pessoal enquanto colabora e interage com outros trançando os diferentes fios que, paradoxalmente, conferem um senso de continuidade à própria existência.

Essa identidade narrativa – que assegura o senso de continuidade paradoxalmente conseguido na mudança – vai se ajustar à ocasião e às finalidades da interação entre os partícipes, tendo em vista que os posicionamentos que integram a história de vida do autor são inseparáveis das respostas que o mesmo antecipa em relação a um outro, a uma audiência, ainda que imaginada.

Esse caráter vivo, relacional e dinâmico da comunicação é marcante no dialogismo, que se fundamenta no aspecto sócio-cultural e situacional da linguagem ao ressaltar os aspectos pragmáticos da comunicação em detrimento de uma estrutura estanque, cristalizada.

Nesse sentido, a perspectiva do *Self* Dialógico (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995; HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005) adota um enquadre relacional e recorre à metáfora do diálogo para repensar o *self*, de modo que a noção de

identidade narrativa seja construída a partir das trocas dialógicas entre vozes ou posicionamentos. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Nessa co-construção polifônica um tema em particular não possui um significado fixo, auto-contido e imutável, pois se apresenta aberto aos múltiplos pontos de vista em perspectiva – versões de mundo divergentes e até mesmo opostas – negociados pelos interlocutores ao longo do tempo.

Essas diferenças de opinião, evidentes nas trocas dialógicas, colaboram para que os envolvidos no ato de narrar assumam vários posicionamentos pessoais ao longo do tempo, o que contribui para que a constituição do senso de *self* não se restrinja à construção de múltiplas auto-imagens [histórias em que atuamos como personagens] – aspecto multifacetado da identidade – mas, sobretudo, implique a autoria num processo de agenciamento semiótico que envolva as múltiplas perspectivas dos co-autores [“eu’s”] engajados nas dinâmicas dialógicas internas e externas ao próprio sujeito. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Em outras palavras, ao passar a ser um “eu”, o sujeito e todos aqueles que co-habitam a sua mente se envolvem em um processo de criação e transformação da linguagem que os implica na composição de um enredo. Tal composição está além da nossa atuação como protagonista em uma história, uma vez que requer a negociação das diversas opiniões dos partícipes para que a história se desenrole e ganhe novos contornos ao longo do tempo.

Fundamentada nessas premissas, a perspectiva do *Self* Dialógico se distancia, portanto, das concepções cartesianas sobre o *self*, pautadas numa perspectiva isolada, autocontida e monológica do ser. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Nesse enquadre, o *self* apenas pode ser entendido a partir de uma natureza dual, em que o “eu” opera como autor, como um agente responsável pelo processo de

interpretação e organização do fluxo da experiência enquanto simultaneamente incorpora a semelhança, assegurando o senso de continuidade pessoal que o resgata das devastações do tempo. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Já o mim – ator, personagem – torna-se indispensável para que o sujeito possa orientar suas ações no mundo e está relacionado à construção pessoal de uma imagem de si, daquilo que o sujeito considera parte integrante de si, possibilitando a conexão daquele que somos àquilo que nos complementa e que chamamos de ‘meu’: outros significativos, histórias pregressas, coisas e ambientes, que por sua vez caracterizam um prolongamento físico e simbólico de nós mesmos. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995; HERMANS, 2001)

Ou seja, a diferenciação de si em relação aos demais, bem como a construção de uma identidade narrativa que garanta nosso senso de continuidade face às mudanças que ocorrem ao longo do tempo, acontece simultaneamente por meio da relação mutuamente constitutiva entre o “eu” e o mim, de modo que a nossa própria reflexão e subjetividade [“eu”] seja revelada a partir da apropriação contínua e recusa daquilo que eu penso sobre mim mesmo, o que confere ao mim uma dimensão de agente. (HERMANS, 2001)

Tentando simplificar um pouco: o “eu” estaria relacionado à diferença, a tudo aquilo que está em constante processo de mudança e que o sujeito destaca como sendo importante para si, tornando possível distinguir-se dos demais.

O mim estaria relacionado a uma identidade narrativa, àquilo que é familiar e que pertence ao sujeito – tanto o próprio corpo quanto os estados mentais e as coisas que compõem o mundo físico – e que confere ao mesmo um senso de continuidade [senso de *self*], um prolongamento físico e simbólico de si.

O senso de continuidade pessoal então é atingido através da identidade que é construída a partir das relações mutuamente dependentes entre pares de opostos

mutantes [“eu” e não-“eu”], tornando possível ao sujeito conferir imagens – significados – pessoais a si e aos demais que, por sua vez, retroalimentam o próprio processo subjetivo. (VALSINER, 2004, 2005)

No que diz respeito a essa identidade, Salgado et al. (2007, p.10) comenta:

De facto, ao dizer-se que nos reconhecemos a nós mesmos a partir da consciência que temos de nós, estamos a afirmar que o problema da identidade é um problema de conhecimento – o que equivale a dizer que nos reconhecemos porque, no fim de contas, conhecemos o mundo à nossa volta e que acabamos por nos apreender da mesma forma que apreendemos qualquer outro objecto existente no mundo. Há um sujeito cognoscente que, fruto desta sua propriedade, é capaz de se conhecer a si mesmo. Assim, neste processo, cria-se uma imagem ou representação de si (o Mim) que vai sendo constantemente reatualizada – da mesma forma que vamos reatualizando a representação que criamos dos nossos pais, do nosso velho automóvel, ou de qualquer pessoa ou objecto do nosso mundo. No entanto, há um outro lado da moeda: é que esta imagem é criada por um Eu, um sujeito conhecedor, detentor de uma mente consciente, produtora das imagens e acções sobre si e sobre o mundo.

Contudo, explicar a identidade a partir da consciência de si e dos demais pode dar margem a alguns problemas epistêmicos indesejados, tão característicos à ciência moderna, tal como se observa, por exemplo, quando as pessoas colocam em dúvida se a imagem produzida pelo sujeito corresponde a uma imagem ‘verdadeira’ ou a uma realidade objetiva. (SALGADO et al., 2007)

A fim de evitar esse tipo de confusão, esclarecemos que a realidade que aqui defendemos é perpassada pelo simbólico e não depende do sujeito cognoscente e das relações que estabelece com os demais, uma vez que a imagem de si, rerepresentada pelo sujeito tanto em situações presenciais quanto virtuais, ganha contornos situacionais e pode ser circunstancialmente tomada como verdadeira pelos interlocutores a partir de razões consideradas plausíveis.

Portanto, conforme propõe Salgado et al. (2007), o problema da identidade pessoal, na abordagem dialógica, mostra-se como um problema multimodal e complexo, uma vez que,

para esta abordagem, o nosso conhecimento e reconhecimento é algo construído e não dado, sendo essa construção uma elaboração criada a partir de rotinas de relação com os outros. Tais rotinas ou padrões de relação são, por seu turno, constrangidas pelo corpo que somos e temos, bem como pela cultura que nos rodeia e que ajudamos a fazer – mas são, sobretudo, molduras de relação abertas à novidade e transformação. Assim, a psique não se esgotará nem na biologia, nem na cultura, mas nesse ponto subjectivo e pessoal onde esses níveis se fundem – onde a cultura se torna carne e onde a carne se torna signo. (SALGADO et al., 2007, p.27)

Tendo em vista que o nosso senso de continuidade pessoal é intersubjetivamente sustentado no diálogo, ao simultaneamente respondermos e nos diferenciarmos dos demais, buscamos, na seqüência, tecer alguns comentários sobre a inter-relação continuidade-mudança, indispensável à integração do *self*.

#### **1.4. Continuidade e mudança nos processos de intersubjetivação**

Conforme alguns estudos culturais sugerem (CHANDLER, 2000; CHANDLER et al., 2003; LALONDE; BRANDSTÄTTER, 2007), o senso de *self* constitui-se numa relação dialética entre continuidade e descontinuidade ao simultaneamente incorporar a semelhança e a mudança, de modo que a síntese dialética dos opostos se caracterize como condição necessária à integração do *self*. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995; HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Por sermos seres vivos, nossos *selves* são obrigados a se manter em movimento ao longo do tempo e, para tanto, precisam mudar. (CHANDLER et al., 2003) Tais

mudanças não são necessariamente previsíveis, sendo influenciadas por fatores históricos e situacionais, a ponto dessas mudanças, pessoais e coletivas, nos conduzirem a uma atualização constante, viabilizada a partir das construções e reconstruções narrativas. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995)

Ou seja, sempre que algo na nossa vida não for como deveria ser, recorreremos a uma composição narrativa a partir da qual ressignificaremos nossa experiência, embora, ao enredarmos os eventos, o façamos investindo, de certo modo, nos significados coletivos herdados das nossas tradições culturais. (CHANDLER, 2000; CHANDLER et al., 2003; LALONDE; BRANDSTÄTTER, 2007)

Ajustando nossas próprias ações às práticas culturais, cada um de nós confere certa estabilidade no modo de falar sobre si, enquanto simultaneamente abraça as transformações que ocorrem ao longo do tempo, o que torna a identidade narrativa inteligível aos demais.

Apesar desse aspecto, até certo ponto, socialmente partilhado, enquanto agentes, interpretamos esses eventos do nosso próprio modo, atribuindo um significado pessoal que pode coincidir ou contrastar com os significados coletivos, culturalmente instituídos. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995)

Assim, ao tomarmos conhecimento das histórias que nos contam, nos relacionamos com os personagens [por exemplo: uma mãe, uma criança, uma avó, um homem pobre, uma mulher má, etc.] que esboçam os primeiros contornos da nossa própria história.

Esses personagens colaboram para que possamos fazer leituras da nossa história a partir das histórias dos outros, de modo que nossos entes e amigos queridos, bem como nossos desafetos sejam convocados a participar do nosso relato.

Ao colocarmos em cena esses outros significativos, trazemos à tona normas de conduta, concepções de mundo, crenças e valores dos quais podem emergir em nós sentimentos e atitudes contraditórios.

Compondo a própria vida o sujeito, então, cria novas versões da realidade, integrando componentes pessoais, perturbadores, ao ordinário. Logo, assumindo nossos posicionamentos pessoais, conquistamos nosso lugar na cultura, deixando nossas marcas de estilo, que inscrevem nossa própria existência, a partir dos recursos materiais, simbólicos e discursivos disponibilizados pelo nosso meio sócio-cultural, ou seja, a partir de tudo aquilo que conhecemos do mundo físico.

Esse “eu” cognoscente, conforme Hermans (2001) propõe, apresenta três características fundamentais: continuidade, distinção e volição. Nessa perspectiva, a continuidade está relacionada a um senso de identidade pessoal, a um senso de semelhança ao longo do tempo que envolve uma consciência social [*awareness*] e uma orientação para o outro, que simultaneamente torna possível a nós, humanos, nos distinguirmos dos demais. Já o senso de volição pessoal é refletido na postura ativa e deliberada do sujeito da experiência, caracterizando-se pela contínua apropriação e rejeição dos pensamentos.

Fundamentando-se na perspectiva pragmática de James e, nesse sentido, considerando a transição gradual entre o ‘mim’ e tudo aquilo que o sujeito toma como ‘meu’ na ocasião do relato, Hermans (2001) propõe que o mim [*self* enquanto objeto] é composto pelos componentes empíricos que pertencem ao próprio sujeito, por tudo aquilo que a pessoa pode chamar de ‘meu’: o próprio corpo, os estados mentais, as pessoas e coisas no mundo, o ambiente e tudo o mais que seja familiar e possibilite o prolongamento físico e simbólico do sujeito.

Essa extensão do *self* para o ambiente garante a continuidade do sujeito ao longo do tempo, apesar das mudanças. Contudo, para Hermans (2001), a extensão espacial do *self* não se restringe ao ‘meu’ de James, uma vez que também abrange as relações temporais traduzidas em relações espaciais, ou seja, a transição entre o passado e o presente rumo ao futuro bem como o domínio exterior do *self* [o “corpo” sócio-cultural: a família, a nação, etc.].

Em outras palavras, por ser uma totalidade múltipla e contraditória, o senso de *self* – continuidade pessoal – paradoxalmente precisa se submeter às transformações uma vez que, em sociedade, a diferenciação de si em relação aos demais confere continuidade ao sujeito pela possibilidade de negociação de sentidos com um outro, indivíduo ou grupo, de modo processual, dinâmico e dialógico. (LYRA, 2006; HERMANS, 2001)

Nesses termos, conceber um senso de *self* intersubjetivamente sustentado envolve considerarmos um locutor [sujeito], o ato de fala, as condições de produção desse ato de fala, o conhecimento compartilhado pelos interlocutores, bem como as opiniões e divergências destes.

Essas práticas de sustentação de si asseguram, portanto, a reapresentação simbólica do sujeito que o resgata da possibilidade de desintegração em situações de mudanças profundas e/ou repentinas, como se observa, por exemplo, na adolescência. (CHANDLER, 2000; CHANDLER et al., 2003)

Logo, na perspectiva do *Self* Dialógico, a constituição do senso de continuidade pessoal, apesar das mudanças, é atingida quando passamos a conceber, nomear, descrever, conferindo múltiplas versões à realidade. Para tanto, recorreremos à mediação semiótica que, por seu turno, requer a participação de outras pessoas [multivocalidade]. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Apesar de apresentarem diferentes opiniões, essas pessoas – outros “eu”s e seus respectivos mim’s –, paradoxalmente, asseguram o senso continuidade enquanto simultaneamente colaboram com os múltiplos posicionamentos do autor, em constante processo de mudança, tornando indispensável uma análise da identidade que considere a dinâmica de significados e sentidos produzidos nas interações simbólicas entre os envolvidos na ação de compor um perfil. (VALSINER, 2004, 2005)

Considerando que a constituição do sujeito acontece na relação mutuamente constitutiva eu-outro como lugares simbólicos e não como entidades estanques, cristalizadas, dedicamos a próxima seção à compreensão das relações dinâmicas entre as posições do “eu” no diálogo, já que estas se caracterizam enquanto lugares simbólicos assumidos pelo ser ao longo do tempo, cuja ênfase nos processos de mudança confere uma dinâmica desenvolvimentista ao estudo do *self*.

### **1.5. As posições do “eu” no diálogo**

Essa concepção de *self* que emerge e se atualiza nos diálogos estabelecidos entre o sujeito e os demais interlocutores – *Self Dialógico* –, contribui para que possamos pensar na relação mutuamente constitutiva entre o usuário da internet e os demais integrantes da rede enquanto transitam pelos diferentes cenários, presenciais e virtuais, que integram a experiência humana.

Esses cenários – diga-se de passagem, freqüentemente tidos como opostos – estão interligados por relações dinâmicas funcionais – dualidades enquanto unidades sistêmicas (VALSINER, 2004, 2005) –, de modo que o funcionamento psicológico

*online* revele aspectos de continuidade em relação aos modos de funcionamento psicológico *offline*.

No *self* dialógico, o funcionamento humano é explicado pelas transformações que acontecem nos posicionamentos assumidos pelo sujeito ao longo do tempo, que apesar de mudarem constantemente, podem ser mapeadas tanto estrutural [interno e externo] quanto temporalmente [passado, presente e futuro].

Nessa perspectiva, a mediação semiótica adquire um papel central já que a mesma torna possível o distanciamento psicológico do cenário aqui-e-agora, de modo que a vida pessoal do sujeito envolva todos os outros, inclusive as vozes internas das pessoas significativas e dos personagens fictícios, bem como os papéis e expectativas sociais internalizados pelo sujeito no processo de apropriação da ordem cultural:

As posições externas se referem às pessoas e objetos no ambiente que são, do ponto de vista do indivíduo, relevantes a partir da perspectiva de uma ou mais posições internas... Inversamente, as posições internas recebem sua relevância pela relação estabelecida com uma ou mais posições externas (e.g. Eu me sinto uma mãe porque eu tenho filhos). Em outras palavras, as posições internas e externas ganham significado ao emergirem das transações mútuas ao longo do tempo. (HERMANS, 2001, p. 252 – tradução pessoal)

A experiência desses diferentes pontos de vista, conforme a posição espaço-temporal do sujeito, confere ao ato comunicativo algum nível de compreensão situada, consolidada na perspectiva do interlocutor.

Esse nível de compreensão situada a partir do posicionamento do interlocutor fundamenta-se na idéia de que algo está em contraste com uma periferia, com uma borda de contornos irregulares formada por um campo de possibilidades, de significados relevantes para o sujeito. (VALSINER, 2004, 2005)

Apesar de passar por experiências semelhantes [e.g. falar sobre si ao ser convidado a responder ‘quem sou eu’ no Orkut ou em algumas situações presenciais],

cada pessoa vai construir seu próprio enredo pautado nas relações dialógicas que estabelece com uma multidão de interlocutores internos e externos a si mesmo.

Cada um desses interlocutores nos responde considerando suas próprias opiniões, baseadas em suas próprias experiências pessoais, de modo que os personagens passem a colaborar ativamente com a organização e orientação daquilo que está sendo dito.

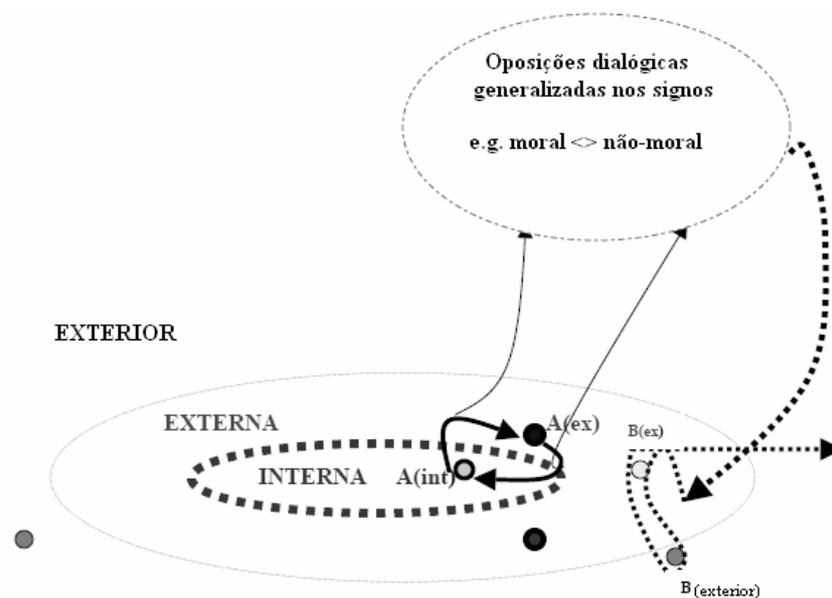
Ao falar, o sujeito enfatiza certas circunstâncias, objetos e pessoas em detrimento de outras, tornando específicas as relações entre as posições do “eu”, ou seja, entre a pessoa e um outro social, que pode ser inclusive uma pessoa que dialoga pela tela do computador. (VALSINER, 2005)

Nas palavras de Hermans (1996) apud Valsiner (2005), o sujeito não pode ser concebido sem estar implicado na construção de uma dinâmica de posições do “eu”, uma vez que estas

são organizadas na imaginação. Nessa concepção, o “eu” tem a possibilidade de se mover, como se faz no espaço, de uma posição para outra, de acordo com as mudanças na situação e no tempo. O “eu” flutua entre posições diferentes, e até mesmo opostas, e tem a capacidade de imaginariamente dotar cada uma dessas posições com uma voz de modo que as relações entre personagens em uma história, estejam envolvidas em um processo de pergunta e resposta, de acordo e desacordo. Cada personagem tem uma história para nos contar sobre suas próprias experiências a partir do próprio ponto de vista. Esses personagens trocam informações entre seus respectivos *mim's*, resultando em **um *self* complexo, narrativamente estruturado**. Nesta multiplicidade de posições, algumas delas podem se tornar mais dominantes que outras, tanto que as vozes das posições menos dominantes podem ser aniquiladas. (p. 200 – tradução pessoal, grifo nosso)

Em outras palavras, várias posições do “eu” co-habitam a estrutura relacional e dinâmica do *self* dialógico, sendo espacialmente distribuídas em zonas concêntricas – melhor entendidas se imaginadas numa perspectiva 3D – que podem ser dinamicamente

re-organizadas e re-localizadas em função das circunstâncias que envolvem o sujeito.  
(VALSINER, 2004, 2005)



**Figura 05.** Estrutura tridimensional do Self Dialógico (VALSINER, 2004, 2005)

Enquanto se posiciona, se deslocando no tempo e no espaço, o sujeito cria vozes que se relacionam a outras vozes, de modo que o mesmo

[...] possa imaginariamente mover-se para um ponto futuro no tempo e então falar para mim mesmo sobre o sentido daquilo que estou fazendo agora na minha situação presente. Essa posição, em algum ponto no futuro, pode ser muito útil para me ajudar a avaliar minhas atividades presentes de uma perspectiva em longo prazo. O resultado pode ser que eu discorde do meu *self* presente, ofuscando-o de coisas mais essenciais. (HERMANS, 1996, apud VALSINER, 2004, p. 03)

Assim, o significado de si emerge das transações mútuas entre as posições ao longo do tempo que tomam forma e ganham destaque a partir da perspectiva assumida pelo indivíduo ao se referir às pessoas, às circunstâncias e ao meio.

Portanto, a relação entre cognição, afeto, subjetividade e os aspectos sócio-histórico-culturais, concebida a partir da atividade e experiência humana dialógica de endereçamento do discurso a um outro [pessoa ou grupo], pode ser pensada de modo

relacional e dinâmico na ocasião de uso de artefatos, que em interconexão com os humanos, viabilizem ações colaborativas intersubjetivas.

Essas colaborações intersubjetivas, por seu turno, asseguram práticas de sustentação de si em cenários virtuais, como as que freqüentemente observamos na Comunicação Humana Mediada por Computador [CHMC] em redes de relacionamentos *online*, por exemplo.

Nesse sentido, buscaremos, na seqüência, tecer algumas considerações sobre a comunicação *online* a fim de melhor esclarecer a relação entre a colaboração e as práticas de sustentação de si em função de uma audiência em ambientes virtuais.

Para tanto, focamos nas relações estabelecidas entre os usuários da rede de relacionamentos Orkut, recorrendo, nesse caso, à perspectiva do dialogismo.

## **1.6. Comunicação, diálogo e as redes de relacionamentos *online***

Em linhas gerais, a Comunicação Humana Mediada por Computador como o próprio nome já sugere, caracteriza-se pela comunicação estabelecida entre humanos por meio de computadores conectados em rede digital através de um servidor de acesso à internet.

Essa comunicação acontece através da escrita, imagens, áudio e vídeo, entre ao menos dois usuários interconectados em algum ponto da rede através de uma interface gráfica, embora ambos estejam fisicamente distantes.

Pode ser síncrona, quando os usuários estão simultaneamente conversando por mensagens instantâneas [*chats, msn, skype*], ou assíncrona, quando há uma defasagem

de tempo entre as mensagens trocadas pelos interlocutores [*e-mails, blogs, fóruns*]. (DE OLIVEIRA, 2007)

Esse panorama, no entanto, ganha novos contornos com a Web 2.0. Baseada nessa nova geração da plataforma Web, a internet deixa de se restringir à publicação de conteúdos, passando a oferecer novos serviços que ampliam o poder de conexão entre pessoas e grupos a partir da ação colaborativa entre os mesmos.

O software social Orkut faz parte da nova geração de softwares que integram tanto ferramentas síncronas quanto assíncronas ao ambiente virtual [e.g. *google talk* com mensagens instantâneas, recados ou *scraps*, depoimentos, mensagens *sms* via celular e *e-mail*]. Nesses novos cenários, as ações *online* tornam-se mais dinâmicas e suscetíveis a inovações, integrando o diálogo e o engajamento social de forma simples e bem mais intuitiva, por meio de uma interface amigável, de fácil navegação.

Nesse espaço de fluxos, a participação do usuário não se limita à leitura das informações publicadas, abrangendo principalmente a edição de conteúdos e a negociação dos diferentes pontos de vista entre os participantes das atividades *online*.

Essas atividades podem ter início na internet ou em situações *offline*, embora ganhem novos e diversificados arranjos à medida que as pessoas têm oportunidade de falar, compor diálogos e interagir em cenários virtuais.

Mas a Web 2.0 não se restringe apenas aos computadores pessoais. Muitos aplicativos destinados à tv digital e aos dispositivos móveis portáteis, por exemplo, já estão sendo reformulados e outros tantos propostos e difundidos concebendo o acesso totalmente baseado na internet colaborativa, tendo em vista uma maior proximidade comunicativa entre os usuários.

Face à referida conjuntura, faz-se então necessário entender a relação de interdependência entre a cultura, a tecnologia e o componente humano do sistema, tendo

em vista que o virtual e o presencial fazem parte de um contínuo, participando não apenas de modo complementar, mas integrados à experiência humana. (VIETA,2005)

Nesses termos, o ambiente virtual é tomado como um aspecto ou extensão do mundo físico e nossas ações *online* como um prolongamento físico e simbólico de nós mesmos, do nosso corpo, pois conforme propõe Vieta (2005), “[...] nós ainda permanecemos incorporados num mundo de carne e sangue e não de bits e bytes”. (p. 30)

A ênfase em uma concepção do corpo sendo fundamental ao processo de constituição do *self* torna-se, portanto, indispensável à perspectiva dialógica, conforme podemos observar na passagem que se segue:

[...] é de suma importância o lugar singular que o corpo ocupa como valor em relação ao sujeito em um mundo singular concreto. Meu corpo, em seu fundamento, é um corpo interior; o corpo do outro, em seu fundamento é um corpo exterior. (BAKHTIN, 2003, p. 44)

Mas, conforme propõe Holquist (1994), o ser humano não se restringe a um corpo, caracterizando o mesmo como um corpo consciente. Essa afirmação reforça, portanto, nossos argumentos de que a complexidade humana não pode ser apenas restrita aos aspectos físicos e endógenos, devendo, sobretudo, incluir a linguagem.

É por meio da linguagem que falante e ouvinte se constituem mutuamente. Essa constituição intersubjetiva confere a ambos uma participação ativa numa relação de coexistência simultânea em que a diferenciação do sujeito em relação aos demais vai ser atingida a partir do posicionamento – perspectiva – dele em relação a esses outros. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005)

Apesar de considerar o corpo um constituinte indispensável, as relações dialógicas, estabelecidas tanto nas situações presenciais quanto virtuais, podem, ainda, abranger os diálogos internos que estabelecemos com outras pessoas na imaginação. (HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995)

Contudo, essas pessoas, mesmo na imaginação, apresentam alguma configuração corpórea. Além disso, freqüentemente atribuímos vozes a essas pessoas que co-habitam a nossa mente, conferindo-lhes, desse modo, algum nível de consciência.

A fim de complementar esse nosso raciocínio, recorreremos à Bakhtin (2002) quando este propõe que

a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. (p.124)

Nesse sentido, enunciar aspectos de si em uma rede de relacionamentos *online*, tal como observamos no software social Orkut, configura-se como uma prática que mostra nuances das formações sócio-histórico-culturais observadas em contextos *offline*, o que nos permite conceber as ações no ambiente virtual como uma extensão e continuidade das ações freqüentemente desempenhadas nas situações presenciais cotidianas.

Ao configurar um perfil virtual o autor passa a afetar os demais usuários com seus enunciados – registros *online* – também sendo afetado por esses outros quando eles publicam seus comentários. Versões desses diálogos podem se estender para situações presenciais e retornar aos ambientes virtuais, caracterizando um processo dialógico contínuo e ininterrupto.

Assim, para que se estabeleça o diálogo e a comunicação possa acontecer, faz-se necessária a colaboração e mutualidade entre os partícipes, bem como algum nível de complementaridade entre os mesmos, tendo em vista que o humano compõe um todo bem mais complexo que a descrição que fazemos dele, de modo que as assimetrias entre os interlocutores e as trocas dialógicas nunca se esgotem, conferindo abertura para a emergência do novo, da novidade. (VALSINER, 2004, 2005)

Nesse sentido, torna-se indispensável pensar a *cybercultura* como um conjunto de manifestações sociais que não negam os modos de funcionamento presenciais, permitindo o prolongamento e ajustamento desses para situações diferenciadas em que se observa a convergência e interdependência dos aspectos sociais, históricos, culturais e tecnológicos.

Essa perspectivação do fenômeno permite-nos considerar a localização dos usuários a partir de um referencial semiótico das ações dos mesmos que passam a ser asseguradas por meio daquilo que os participantes consideram ser mais relevante na ocasião, de modo que o *cyberespaço* não se restrinja a uma localização e espaço físicos e nem tão pouco a um tempo cronológico.

Nesse caso, o *cyberespaço* pode ser entendido como um meio sócio-histórico-cultural alternativo, caracterizado pela ubiquidade e pela flexibilidade temporal – tempo humano, não estritamente cronológico –, um espaço de fronteiras flexíveis, simbólico, onde o contexto emerge junto com as relações sociais em rede.

Por possibilitarem o diálogo e a interação entre os usuários, observamos que os dispositivos digitais – semelhante ao que ocorre em situações presenciais – viabilizam novos acordos de sentido. Entre eles, os sentidos de estar comunicativamente mais perto daquilo que está fisicamente longe, ganham destaque, e revelam-se como uma mola propulsora às ações comunicativas nos ambientes virtuais.

Essas ações, por disporem de recursos digitais que as auxiliem, ganham novos e diferenciados contornos. Mas apesar dessas transformações, nossa atividade reflexa, descrita por meio de palavras, contribui para que possamos resgatar tudo aquilo que nos é familiar e que confere um prolongamento físico e simbólico a nós mesmos, de modo que o nosso senso de continuidade seja atingido a partir de tudo aquilo que

consideramos importante na ocasião – campo semiótico de possibilidades relevantes –, tornando a ação significativa àqueles que estão envolvidos.

O mundo torna-se então portátil, ilustrativo e efêmero, pois apenas num apertar de botões o usuário é capaz de lidar com pessoas, seres e coisas recorrendo constantemente à imaginação, de modo a ressignificar e reconfigurar a si e ao meio amparado por tudo aquilo que lhe é familiar [cultura].

Tal atitude torna possível ao usuário – enquanto compõe um perfil virtual– superar a ausência de um corpo físico, transformando a si e aos demais ao organizar os eventos de modo característico, pessoal, semelhante ao que ocorre em situações presenciais, passando, simultaneamente, a co-existir no espaço de fluxos digital.

Em síntese, aquilo que os usuários consideram importante e os vínculos, superficiais e até mesmo duradouros, estabelecidos por eles em situações presenciais, organizam as ações humanas tanto *online* quanto *offline*, a fim de atingir certos objetivos na comunicação com seus pares.

Desse modo, as ações interpessoais e as comunidades de prática que tomam forma na Comunicação Humana Mediada por Computador [CHMC] possibilitam a transposição dos limites geográficos e a superação da imposição cronológica do tempo, garantindo a conexão e a proximidade comunicativa entre usuários.

Considerando que a comunicação e a colaboração são aspectos indispensáveis às trocas dialógicas estabelecidas entre usuários conectados em rede, buscaremos, na seqüência, abordar a questão do corpo como aspecto central à constituição do sujeito no Orkut, recorrendo, para tanto, às lentes do dialogismo.

### **1.6.1. O sujeito dialógico no Orkut**

Projetado e desenvolvido pelo turco Orkut Büyükkökten, o software social Orkut tem origem datada em 19 de janeiro de 2004. Na ocasião, o software recebeu o nome do desenvolvedor e tinha como finalidade tornar possível a comunicação entre usuários de modo que eles pudessem criar e manter relacionamentos via internet. (WIKIPEDIA, 19/11/07)

Inicialmente, o acesso e a consequente construção de perfis no Orkut aconteciam por intermédio de um usuário já cadastrado no sistema que convidava um conhecido com a finalidade de integrá-lo a uma rede *online* de amigos confiáveis. Para tanto, o usuário precisava aceitar o convite, se cadastrando também no sistema.

Com o passar do tempo, o acesso ao Orkut passou a ser liberado, não havendo mais a necessidade de um convite formal realizado por um usuário já cadastrado. Atualmente, basta apenas que o pretense participante crie um cadastro no Google, aceite os termos de serviço e a política de privacidade e autentique o próprio acesso à rede.

Autenticando nosso acesso ao Orkut mediante registro *online* do nosso “nome” de usuário e senha, anunciamos nosso ingresso à rede digital. Nesse instante, tanto o sistema quanto os demais usuários em rede são notificados da nossa presença.

Essa presença se torna possível ao considerarmos um corpo – metaforizado – em movimento. Em tais situações, corpo e mensagem estão entrelaçados, constituindo-se em um “evento em que o sujeito se apresenta como signo” (PERES, 2007):

Quando eu vejo você, eu vejo seu corpo inteiro, e eu vejo ele como tendo um lugar definido numa configuração completa de uma paisagem inteira. Eu vejo você ocupando uma certa posição vis-a-vis com outras pessoas e outros objetos na paisagem (você é um entre muitos outros). Além disso, você não somente tem características físicas definidas, ocupando uma posição social específica e assim por diante, mas eu também vejo você como tendo um caráter definido também. (HOLQUIST, 1994, p. 27)

Portanto, recorrendo à linguagem corporal, o sujeito inscreve sua presença, ocupando um lugar específico em uma rede de relações. Essa configuração corpórea, por sua vez, afeta aos demais, produzindo emoções, sensações e idéias que se diversificam conforme o contexto.

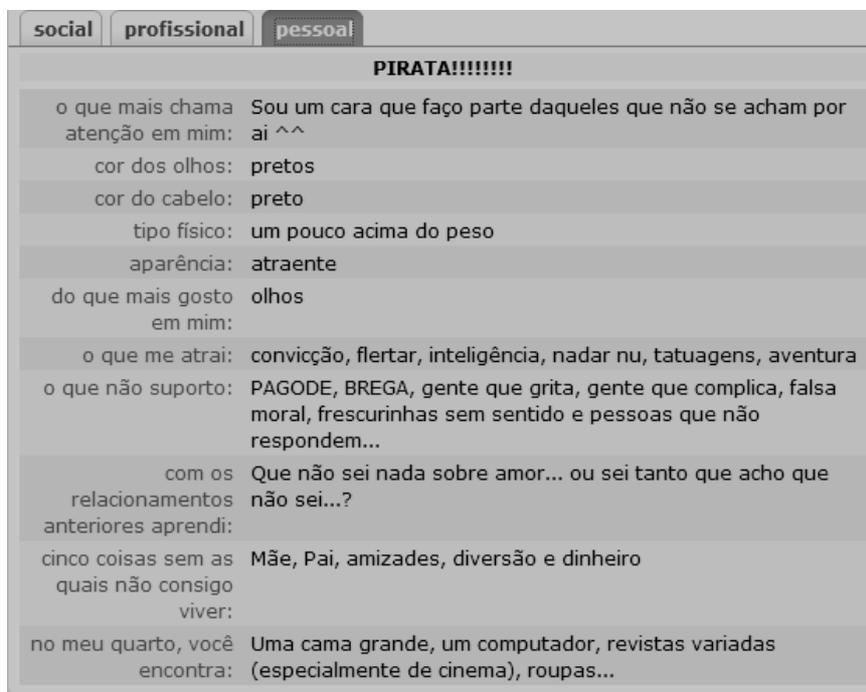
No Orkut, os perfis virtuais ganham destaque. Semelhante ao que ocorre no nosso dia-a-dia, ao criarmos um perfil virtual somos convidados a responder ‘quem sou eu’, o que nem sempre se revela como uma tarefa fácil, embora vez por outra a façamos.

Preencher o campo ‘quem sou eu’ no Orkut requer dos usuários muita criatividade, pois cada vez que o fazem, essas pessoas trazem à tona características pessoais que, apesar de semelhantes, são publicadas de diferentes formas, conforme as mudanças na situação e no tempo.

Tal como nos diários íntimos de outrora, esses usuários passam a dispor de um “lugar” simbólico para registrar tudo aquilo que lhes parece significativo na ocasião [expectativas, desejos, aspirações, frustrações, revoltas, esperanças, amores, desafetos, etc.]. Mas diferentemente daqueles, temos à disposição, atualmente, diversos recursos tecnológicos que nos permitem publicar, reeditar e até mesmo apagar conteúdos e pessoas de nossas vidas, inclusive a nós mesmos.

Esse caráter efêmero do Orkut revela nossa transitoriedade que está relacionada aos aspectos culturais e ao momento histórico em que vivemos. Sempre em busca de nós mesmos, estabelecemos elos discursivos, íntimos e públicos, que nos permitem entrar em contato com os diversos personagens [outros sociais ou outros “eu”s e seus respectivos mim’s] que co-habitam o nosso mundo – interno e externo, presencial e virtual – e que ativamente colaboram com a composição da nossa própria história de vida, nos ajudando a assegurar a nossa própria continuidade no tempo.

É com essa multidão de interlocutores, metaforicamente incorporados ao ambiente (LAKOFF; JOHNSON, 1980), que o usuário de Orkut se comunica e interage e é para essa audiência que ele endereça sua mensagem:



**Figura 06.** Perfil pessoal de João no Orkut

Portanto, para que ocorra a comunicação, faz-se necessário que os interlocutores se anunciem, se reconheçam e se [re]atualizem constante e simultaneamente. Nesse caso, o outro, ainda que imaginado, ocupa um lugar decisivo no processo, pois o projeto e a ação comunicativa dependem desse outro para que se legitime e complemente. (MEAD, 1934/2007)

Considerando que o diálogo, enquanto atividade de fala interior e exterior, é ininterrupto, notaremos que o usuário de Orkut encontra-se envolvido em uma rede de negociações sociais cujo início é muitíssimo anterior a sua participação na rede de relacionamentos digital.

Conceber a linguagem e a comunicação, nesses termos, implica considerarmos a noção de gênese envolvida na emergência e desenvolvimento de um senso de *self*, que é atingido quando a comunicação se entrelaça ao contexto e às práticas sócio-culturais.

Portanto, muito antes de se reunirem e dialogarem no Orkut, os usuários se reuniram e se reportaram uns aos outros em contextos diversos, tanto presenciais quanto virtuais: participando de atividades de trabalho, educacionais e de lazer, escrevendo um diário íntimo, lendo um livro, usando sites de busca, participando de fóruns e listas de discussão *online*, etc.

Nessas [inter]ações, esses sujeitos buscam respostas – ainda que imprevisíveis – regulados por um campo semiótico de possibilidades que molda o contexto histórico-social repleto de múltiplas vozes. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004,2005)

Esse caráter histórico e situacional, particular aos envolvidos, permite-os tecer o fio dialógico que confere vida ao ato narrativo, de modo que o processo de constituição de um senso de *self* simultaneamente se revele como um processo vivo, criativo, dinâmico e mutável.

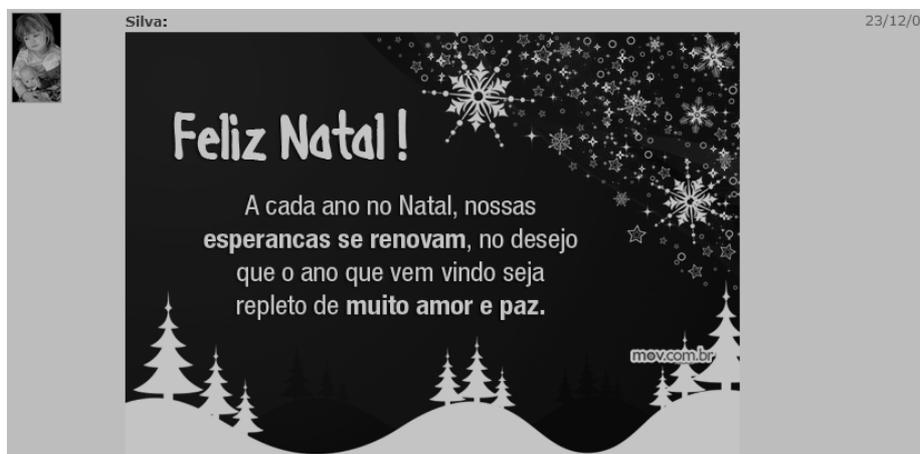
Dialogando e interagindo com os demais, o sujeito então se apropria da linguagem e a transforma, deixando marcas de estilo enquanto transita pelos diferentes cenários que compõem a experiência humana. (PERES, 2007)

Assim, tal como ocorre em situações presenciais, o usuário de Orkut, ao compor um perfil virtual, mostra-se como uma subjetividade marcada pelos posicionamentos revistos e renegociados ao longo de um tempo irreversível (VALSINER, 2004, 2005), o que confere um caráter situacional às negociações estabelecidas nos jogos de linguagem do presente. (HACKER, 2000)

Por meio desses posicionamentos, os sujeitos, então, respondem uns aos outros compondo elos discursivos entre perfis e comunidades, o que possibilita ao sujeito

relacionar as vozes dos outros que o antecedem às respostas antecipadas da audiência [diálogo prospectivo com os outros].

Endereçando sua mensagem a um destinatário – ainda que imaginado – o usuário de Orkut também é marcado por esses outros em seus acabamentos [na escolha de verbos, pronomes, no uso de dêiticos, abreviações, entonações e organização textual], de modo que esses contornos pessoais, conferidos pelos interlocutores ao ato narrativo no momento em que respondem uns aos outros, caracterizem as colaborações no ambiente, tornando específicas as relações entre os componentes da rede:



**Figura 07.** Mensagem animada enviada ao perfil de João por um integrante da rede de amigos.

Apesar dessas especificidades, os usuários orientam suas ações *online* a partir de afinidades, gostos e interesses comuns que, por sua vez, aproximam os usuários daquilo que eles conhecem do mundo físico, funcionando como pontes entre comunidades, perfis e desenvolvedores [quando reportam ações ilícitas na rede à central de segurança, por exemplo].

Dessa forma, o Orkut [suporte cultural alternativo] não descaracterizaria os momentos de continuidade e mudança, mas de modo diverso, estaria relacionado: 1) à criatividade – quando o usuário reinventa a si mesmo, recorrendo ao uso de abreviações,

entonações, emoticons, imagens, áudio e vídeo e 2) à abertura para o novo – já que possibilita ao usuário integrar o passado a um futuro ainda em construção.

Em síntese, na relação sujeito-meio os artefatos desempenham um papel social e não podem ser entendidos desvinculados das ações sociais e da participação ativa do contexto que emerge nessas ações.

Portanto, compreender como a pessoa deixa “marcas” ao se conectar à internet tanto colabora para que possamos dialogar com engenheiros, designers e desenvolvedores de processos e produtos digitais, quanto contribui para que possamos repensar esses ambientes e propor novos cenários que permitam a emergência do aspecto criativo e criador do humano, muitas vezes restrito pelo desconforto causado pela insegurança na rede.

## 2. Metodologia e método

*“A saída desse impasse pode estar apenas na mudança radical dos princípios básicos da pesquisa, em uma colocação absolutamente nova das questões, na escolha de novos métodos”. (VYGOTSKY, 1996b, p. 08)*

Há alguns anos a etnografia tem se revelado um poderoso meio para se obter informações factuais acerca de fenômenos relacionados a pessoas e grupos e das relações destes com as coisas.

Consiste em técnicas e procedimentos de observação *in loco* – no ambiente em contexto –, bastante utilizadas por Antropólogos e nas Ciências Sociais para investigar situações em que as pessoas encontram-se engajadas em práticas colaborativas específicas [como: estudo, trabalho, recreação, entre outras]. (PREECE; ROGERS, SHARP, 2005)

Os resultados dessas investigações revelam os modos pelos quais as pessoas gerenciam umas às outras – co-regulação das ações pelos participantes – enquanto estão envolvidas na co-construção da atividade, o que nos oferece indícios para que possamos repensar e melhorar ambientes, processos, produtos e serviços, ao levarmos em consideração o modo como as pessoas se comportam e usam tecnologias em contextos específicos. (PREECE; ROGERS, SHARP, 2005)

Para tanto, os observadores fazem uma imersão no ambiente em foco e participam das atividades diárias [conversas, reuniões, trabalho, confraternizações, etc.] tendo como objetivo explicitar os diversos detalhes da colaboração entre pessoas que

interagem em contextos específicos, bem como as relações que as mesmas estabelecem com os artefatos e com o ambiente.

Além das observações, os pesquisadores também podem recorrer a anotações, entrevistas, áudio, vídeo e registros das ações dos usuários, de modo a poder analisar os aspectos sociais envolvidos nas práticas cotidianas a fim de entender como as pessoas desempenham as próprias atividades, semelhante ao que se observa nos estudos que envolvem tecnologia digital. (PREECE; ROGERS, SHARP, 2005)

A fim de efetivamente estudar pessoas e comunidades em cenários *online*, o etnógrafo virtual faz sua imersão em um ambiente específico do *cyberespaço* [Orkut, chat, blog, *rpg online*, etc.], passando a fazer parte do mesmo.

O estudo, predominantemente qualitativo, caracteriza-se pela participação do pesquisador que, imergindo no ambiente virtual, se sujeita às circunstâncias de vida daqueles que estão sendo observados, passando a se assumir circunstancialmente circunscrito ao grupo. (THOMSEN et al., 1998)

Durante o período de observação, o etnógrafo virtual, então, passa a interagir e a dialogar com os demais integrantes a ponto de construir uma imagem detalhada dos modos como o meio é usado para criar e sustentar relações. (HINE, 1998)

De acordo com Thomsen et al. (1998), sem a interação do etnógrafo virtual com a comunidade observada, não é possível obter o nível de credibilidade indispensável ao estudo.

Para estes autores (THOMSEN et al., 1998), a etnografia virtual caracteriza-se: pelo engajamento prolongado e pela observação persistente do etnógrafo; pela profundidade da amostra e da análise; pela aprendizagem de códigos retóricos ao longo do tempo [algumas palavras ou referências simples evocam sentidos complexos e memórias grupais]; por lidar com pessoas diversas; e usar informantes para conseguir

legitimação das suas ações e confiança, de modo a obter da comunidade tomadas de consciência e explicações que não são tão aparentes àqueles que vêm ‘de fora’.

Tais características contribuem para que o etnógrafo perceba e descreva como as relações são historicamente estabelecidas e como as pessoas produzem sentidos de modo a assegurar sua própria manutenção no tempo e no espaço em meio a um constante processo de mudança.

Essas evidências permitem então que nós, pesquisadores, possamos contar a história dessas pessoas e grupos de modo que outras pessoas e comunidades tomem conhecimento da leitura que fizemos do fenômeno.

Desse modo, a etnografia mostra-se como uma contribuição extremamente relevante à compreensão da integração da tecnologia às atividades cotidianas, uma vez que ambas encontram ressonância nos próprios sujeitos, tanto na identidade individual quanto grupal, repercutindo nas ações dos mesmos.

Para tanto, orientamos nossos esforços buscando, nas trocas dialógicas e nas construções narrativas, uma forma de resgatar, das opiniões dos usuários, as práticas de sustentação de si que inscrevem o sujeito na própria existência em meio às transformações que ocorrem ao longo do tempo.

Nesses termos, a narrativa é tomada a partir de um referencial compreensivo-interpretativo do discurso em que a mediação semiótica e a intersubjetividade estão fundamentalmente integradas ao curso dos eventos (GÓES, 2000).

Em tais circunstâncias, observa-se uma conexão permanente da história de vida do sujeito com a cultura em relação à qual o mesmo participa, tendo em vista que a cultura exerce influência significativa, modelando a mente daqueles que se encontram sob sua influência. (BRUNER, 1997) ao amparar as construções narrativas. (CHANDLER, 2000; CHANDLER et al., 2003)

Tais construções, por sua vez, se relacionam com as esferas mais amplas do social, do político e das formações ideológico-culturais, fazendo parte de um processo que retrata a estrutura macro-social nas interações entre os interlocutores e nas relações que estes estabelecem com os demais, com os artefatos e com o ambiente.

Portanto, considerar a produção narrativa nesses termos, corresponde a um avanço no percurso metodológico, tendo em vista que a narrativa sai da mera condição de ferramenta, passando a compor o cenário em que os sujeitos cognoscentes se constituem mutuamente – inclusive, em relação ao próprio pesquisador –, revelando-se como um caminho epistemologicamente possível ao equilíbrio necessário entre fatos, conceitos e teorias nas ciências psicológicas. (MACHADO; LOURENÇO; SILVA, 2000)

## **2.1. Objetivos do estudo**

Tendo em vista que a literatura e as demais mídias frequentemente abordam a possibilidade da existência de um “eu” virtual totalmente desvinculado da existência física e das experiências face-a-face presenciais, nos propomos investigar e entender como se constrói o “eu” dos usuários da internet e, mais especificamente, dos usuários de Orkut.

Tal como nos diários de antigamente, os usuários desse software costumam privilegiar informações pessoais, destacando situações e eventos à medida que compõem o próprio perfil virtual.

Contudo, o Orkut apresenta uma particularidade que o distingue dos diários de outrora: estes eram trancados a sete chaves, escondidos em locais secretos ou de difícil acesso às pessoas indesejadas, enquanto que o Orkut é um software social e, portanto, público, de modo que tudo aquilo que o usuário posta no ambiente seja lido por inúmeros usuários conectados em rede.

Diante da atual conjuntura, nos deparamos com alguns questionamentos que nortearam as nossas ações enquanto pesquisadora:

- Diante das transformações vivenciadas por nós, como explicar a identidade e o senso de continuidade nas nossas experiências cotidianas mutantes?
- Como o *self* se configura no trânsito entre situações presenciais e virtuais?
- Como o enunciado participaria desse processo?
- Que aspectos de si as pessoas reapresentam no ambiente virtual?

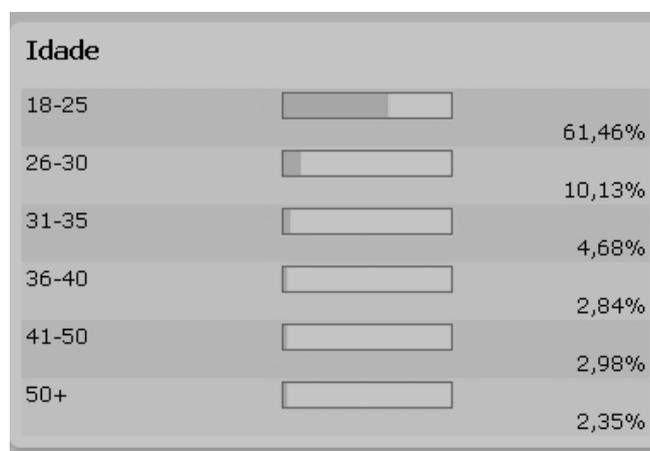
A partir desses questionamentos pessoais, nos propomos investigar *como ocorrem as continuidades e discontinuidades nas formas discursivas pelas quais as pessoas reportam a si mesmas enquanto transitam entre cenários presenciais e virtuais* a fim de entender como o sujeito, na relação com os demais, assegura sua própria manutenção no tempo e no espaço em meio a um constante processo de mudança.

Para tanto, focamos nos posicionamentos assumidos pelos participantes tanto na entrevista presencial quanto no perfil Orkut, tendo em vista que neste o usuário é convidado a se reportar para os demais participantes de uma rede de relacionamentos *online*.

## **2.2. Os Participantes**

O software social Orkut é um ambiente virtual destinado ao público em geral, desde que seus integrantes façam uso pessoal do site e relatem idade maior que 18 anos, conforme sugerido no termo de serviço e na política de privacidade do mesmo.

Tal ambiente apresenta uso predominante entre os jovens, embora se revele como uma prática comum às pessoas de todas as idades, uma vez que alguns usuários com idade inferior aos 18 anos, a fim de ter acesso ao sistema e às suas benesses, se declaram maiores em relação à idade mínima limítrofe.



**Figura 08.** Estatística da faixa-etária dos usuários de Orkut  
 Fonte: <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx> acesso em: 19/11/07

Baseando-nos nessas considerações iniciais optamos pelo estudo predominantemente qualitativo de três usuários do Orkut, um do sexo masculino e dois do sexo feminino, aos quais atribuímos os nomes fictícios João, Luna e Mara, estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, com faixa-etária entre 20 e 30 anos, residentes na RMR [Região Metropolitana do Recife], que apresentam ao menos conhecimentos básicos de informática e que fazem uso regular da internet para fins diversos.

### **2.2.1. A escolha dos participantes**

Tendo em vista o fato do software social Orkut apresentar um uso predominante entre jovens, optamos pela realização do estudo com estudantes da UFPE, pela possibilidade de acesso aos mesmos na respectiva instituição de ensino.

Observando os critérios éticos necessários à realização do estudo [autorização do Comitê de Ética e Pesquisa envolvendo seres humanos, processo número 153/2007 – CEP/CCS/UFPE], iniciamos a etapa de recrutamento dos participantes.

O andamento desta ocorreu em um período de três semanas, quando então abordamos estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes cursos nas respectivas salas de aula, situadas nas dependências do Campus da UFPE.

Na ocasião, os mesmos disponibilizaram nome, telefone, e-mail e perfil do Orkut para contato. Durante a etapa de contato, perguntamos novamente aos estudantes se eles tinham interesse em participar do estudo. Caso a resposta fosse afirmativa, agendávamos o dia, a hora e o local da entrevista.

Contudo, a participação na entrevista e o conseqüente prosseguimento do estudo dependia da aceitação voluntária dos mesmos, obtida no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado e datado pelos voluntários momentos antes da entrevista.

Foi facultada aos participantes a possibilidade de desistir do estudo a qualquer momento, caso assim desejassem.

### **2.3. Procedimentos**

A fim de entender a continuidade do *self* ao longo do tempo apesar das mudanças evidentes em sua história de vida, foi agendada uma entrevista com cada um dos participantes. A mesma aconteceu em uma sala situada nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE.

Inicialmente, solicitamos aos participantes que após a exibição do filme *Um conto de Natal* [MGM, 77 minutos, cor, 2004], respondessem a uma entrevista, adaptada dos estudos realizados por Chandler et al. (2003).

Pela entrevista, buscamos ter acesso às opiniões dos participantes a respeito dos possíveis aspectos de continuidade e descontinuidade em suas próprias vidas e na vida do protagonista do filme [outro social].

As opiniões dos informantes sobre a história do personagem Ebenezer Scrooge, protagonista do filme, são indispensáveis ao estudo, pois é a partir da “leitura” que os informantes fazem da história desse outro, que eles trazem para o próprio relato todos aqueles que consideram significativos na ocasião.

Para tanto, nos fundamentamos nas contribuições de Chandler et al. (2003), adotando como referencial o material utilizado na investigação da continuidade do *self* pelo autor.

Os procedimentos têm como finalidade:

- 1) solicitar relatos dos participantes sobre a experiência de continuidade ao longo da própria história de vida;

- 2) solicitar que os participantes se descrevam, com o máximo de detalhes possível, tanto no tempo presente quanto há cinco ou dez anos atrás, conforme seja mais significativo em suas histórias de vida, enfatizando como os relatos sobre si, no passado e no presente, são de fato diferentes;

3) perguntar aos entrevistados como podem reconciliar a convicção anteriormente exposta sobre a própria continuidade, tendo em vista a clara evidência que eles mesmos ofereceram sobre uma mudança pessoal. (CHANDLER et al., 2003)

Nesta fase, os participantes:

- a) Assistiram à versão em vídeo do “clássico” *A Christmas Carol* [Um conto de Natal], de Charles Dickens;
- b) Responderam, no contexto de uma entrevista estruturada, a uma série de perguntas sobre os acontecimentos na história de vida do personagem e como o participante entende as mudanças e continuidades do mesmo ao longo da história;
- c) Opinaram sobre as continuidades e mudanças ocorridas na vida do personagem ao longo da história.

Em seguida, os participantes foram solicitados a:

- d) Relatar as mudanças e continuidades que ocorreram em suas vidas (CHANDLER et al., 2003)
- e) Relatar as mudanças e continuidades que ocorreram em suas vidas após publicar um perfil no Orkut, situando-o historicamente.

A entrevista sobre *self*, portanto, segue-se à entrevista sobre o personagem – outro social – e a ordem da apresentação da história, a mídia em que ela foi apresentada, assim como a entrevista semi-estruturada que segue a apresentação desses materiais é fundamentada nos procedimentos adotados nos estudos de Chandler et al. (2003).

As entrevistas com os participantes do estudo foram gravadas em arquivos digitais de áudio e vídeo para posterior transcrição.

### 2.3.1. Entrevista sobre continuidade pessoal

A entrevista foi concebida com a finalidade de observarmos os diversos posicionamentos dos participantes em relação aos aspectos de continuidade e de descontinuidade em suas próprias vidas e na vida do protagonista da história do filme.

A história utilizada corresponde a uma literatura tradicional à cultura ocidental – *Um Conto de Natal* [*Christmas Carol*], de Charles Dickens – sendo apresentada em formato de vídeo digital [DVD].

Os participantes, na ocasião, foram solicitados a fornecer descrições sobre como se parece o personagem principal no começo e no final da história, tal como se observa no protocolo da entrevista sobre o filme:

#### A Christmas Carol

Agora que você assistiu à história do Scrooge, eu gostaria de te fazer algumas perguntas. Pra começar, eu gostaria que você descrevesse o personagem principal, Ebenezer Scrooge, como se você o estivesse descrevendo para alguém que nunca viu a história antes. Me fala um pouco mais do Scrooge. Como é que você acha que ele se parece no começo da história?

Agora eu gostaria que você me dissesse como era o Scrooge no final da história.

Bom, tem um momento da história que o Scrooge é visitado por uns fantasmas e então algumas coisas acontecem. Para você, o Scrooge do final da história é a mesma pessoa do início da história? Ou você acha que isso não tem nada a ver?

Pelo que você me disse, o Scrooge do início é diferente do Scrooge do final da história. Considerando todas essas mudanças, você diria que o Scrooge no final da história

continua sendo a mesma pessoa? O que faz o Scrooge ser a mesma pessoa ao longo da história?

Então você está me dizendo que, de alguma maneira, o Scrooge é o mesmo, apesar das mudanças que continuam acontecendo.

Então o que é que você acha sobre o Scrooge? O que você acha do modo como o Scrooge fala sobre como ele era antes e das coisas que aconteceram com ele?

Como o Scrooge poderia explicar para alguém que uma única e mesma pessoa poderia agir de maneiras tão diferentes como ele o fez ao longo da história?

Com a entrevista, pretendíamos chamar a atenção dos entrevistados às diferenças evidentes nas partes iniciais e posteriores desses relatos a fim de instigá-los a explicarem porque ou como descrições tão diferentes puderam se referir a uma única e mesma pessoa.

Onde necessário, perguntas de sondagem foram utilizadas a fim de instigar os participantes a expandirem suas explicações.

Em seguida, de maneira semelhante à experiência de falar sobre um outro, os participantes foram solicitados a descrever aquilo que pensavam a respeito das mudanças e continuidades na própria vida, tal como se observa no protocolo de entrevista sobre *self*:

### **Self**

Agora eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre você.

Primeiro eu gostaria que você descrevesse quem era você há cinco (ou dez) anos atrás. Se uma pessoa não te conhecesse, o que você diria pra ajudar essa pessoa a entender quem era você naquela época?

Agora eu gostaria que você descrevesse quem é você nesse exato momento.

Parece que aquela pessoa que você era há cinco anos atrás mudou de maneira bastante significativa. Quais foram as mudanças mais importantes que aconteceram em sua vida nos últimos cinco anos?

Agora eu gostaria que você me explicasse porque você acha que é a mesma pessoa que era há cinco anos atrás. O que faz você ser a mesma pessoa? Ou você acha que essa pergunta não tem nada a ver?

Como você explicaria todas as mudanças que aconteceram na sua vida? Como uma mesma pessoa pode agir de maneiras tão diferentes quanto as que você descreveu?

Como você se tornou a pessoa que você é nesse exato momento?

Como você relaciona a pessoa que você foi e que você é, com a pessoa que você será um dia? Você acha que há uma conexão entre essas coisas, ou isso não tem nada a ver?

Desse modo, pudemos obter as opiniões dos participantes ao solicitarmos que os mesmos se descrevessem considerando uma possível transição entre o passado, o presente e um futuro ainda em construção.

Novamente, perguntas de sondagem foram utilizadas a fim de evitar relatos muito breves.

Finalmente, os participantes foram solicitados a descrever como entendem as mudanças e continuidades na própria história de vida após a construção de um perfil no Orkut, tal como se observa no protocolo de entrevista que se segue:

### Orkut

Agora eu gostaria de te fazer algumas perguntas sobre o seu Orkut.

Primeiro eu gostaria de saber há quanto tempo você tem um perfil no Orkut.

Agora eu gostaria de saber quem é você no Orkut.

Sua vida mudou depois de ter criado um perfil no Orkut? mudou como?

Me fala um pouco dos seus amigos do Orkut. Quem você costuma adicionar ao seu perfil?

O que você leva em consideração quando está organizando as informações no seu perfil?

O que você pensa quando escolhe a foto do seu perfil? o que você leva em consideração na escolha dessa foto?

Como você escolhe as comunidades no seu perfil? elas têm alguma relação com atividades que você desenvolve *offline*?

Agora eu gostaria que você me explicasse o que torna você a mesma pessoa que você era antes de ter um perfil no Orkut?

O Orkut contribuiu para que você fosse a pessoa que você é nesse exato momento? como?

Como você acha que o Orkut contribuiria para conectar a pessoa que você foi e que você é, com a pessoa que você será um dia? Para você, essa conexão é possível?

A repercussão do Orkut na vida dos usuários ganha destaque. Os usuários foram então solicitados a se descreverem antes e após a aquisição do Orkut a fim de explicar como descrições tão diferentes podem corresponder a uma única e mesma pessoa. Mais uma vez recorreremos às perguntas de sondagem a fim de evitar relatos muitos breves.

As entrevistas foram realizadas em uma única seção com aproximadamente 100 minutos de duração [tempo necessário à exibição do filme, seguido pela entrevista] e gravadas em formato digital MP3 e em vídeo para posterior transcrição.

Cabe ressaltar que os posicionamentos assumidos pelos sujeitos ao longo da entrevista, bem como nos recortes obtidos dos perfis do Orkut dos entrevistados, são indispensáveis ao nosso estudo tendo em vista o nosso interesse pelos elos discursivos que relacionam as vozes dos outros que antecedem o sujeito às respostas que o mesmo antecipa em função de uma suposta audiência de modo que esses elos assegurem ao sujeito a manutenção da sua própria continuidade em meio a um constante processo de mudança, enquanto transita entre cenários presenciais e virtuais.

## **2.4. Material**

Foi utilizada uma versão em vídeo do clássico *A Christmas Carol* [Um Conto de Natal, MGM, 77 minutos, cor, 2004], de Charles Dickens, o protocolo de entrevista sobre continuidade pessoal em relação ao filme, ao *self* e ao Orkut bem como os recortes dos perfis de Orkut dos entrevistados.

### **2.4.1. A história: Um Conto de Natal, de Charles Dickens.**

O enredo, basicamente, trata da história de Ebenezer Scrooge, que se caracteriza como um rabugento homem de negócios, sovina, sem laços familiares, sem compaixão, que só pensa nos lucros e em fechar bons negócios.

O mesmo era um homem solitário que tendo perdido a irmã amada ainda bem jovem, passa a não mais se importar com as pessoas.

Marley, sócio e melhor amigo de Scrooge, também ganancioso, falece num dia de natal. Scrooge então assume os negócios mostrando cada vez mais estar obcecado pelos lucros.

Numa véspera de natal, o fantasma de Marley vem ao encontro de Scrooge, revelando ao mesmo o arrependimento por não ter vivido uma vida com mais amor, compaixão e solidariedade. Marley alerta Scrooge da necessidade de mudar, de refletir sobre as ações que realizou ao longo da vida e avisa que o mesmo vai ser visitado por três espíritos.

Os três espíritos – um do natal passado, um do natal presente e outro do natal futuro – fazem Scrooge refletir sobre suas próprias atitudes e de como as mesmas podem repercutir negativamente na vida dos demais.

Após o contato com os espíritos, Scrooge muda completamente, transformando-se numa pessoa mais generosa, que partilha com os demais seus bens materiais, mostrando-se capaz de amar novamente e de resgatar seus laços familiares.

## **2.5. A atividade realizada com a mídia**

Aqueles que aceitaram participar do estudo tiveram seus perfis virtuais acessados. O período de observação – etnografia virtual – dos perfis dos usuários teve uma duração aproximada de três meses. Na ocasião, tiramos “fotos” dos perfis visitados [software Webshot versão 1.4.00] para posterior análise.

Cabe ainda ressaltar que, muito antes de observar os perfis dos entrevistados, a pesquisadora já era usuária do Orkut, estando, na ocasião do estudo, bastante familiarizada com o ambiente, com as funcionalidades e com as práticas comunicativas no mesmo.

No decorrer do estudo, realizamos recortes das produções narrativas dos relatos face-a-face, bem como dos perfis do Orkut dos entrevistados com a finalidade de tecer considerações sobre os dados cuja análise denuncie o senso de continuidade, apesar das mudanças – descontinuidades – evidentes na história de vida do usuário, bem como as possíveis particularidades devido às características do ambiente virtual utilizado.

## **2.6. o aspecto empírico do estudo**

A construção de elos discursivos que garantam a continuidade pessoal a partir das distinções intersubjetivas que inscrevem o autor na própria existência, dada a irreversibilidade do tempo, é fundamental à perspectiva do *Self* Dialógico.

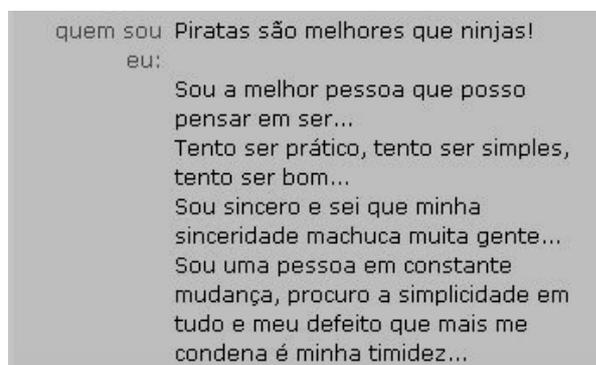
Assumindo diferentes posicionamentos ao longo do tempo, o sujeito enreda os eventos, deixando suas ‘marcas’ enquanto transita por cenários presenciais e virtuais, o que, no nosso entendimento, pode acontecer de duas formas:

- 1) *Estando implicado num processo de autoria*: em tais situações observamos um processo de reflexão ativa por parte do sujeito em relação aos diálogos imaginados tanto na ocasião de interação com a pesquisadora – interlocutora fisicamente presente – quanto ao compor um perfil virtual.

Nesse caso, o sujeito recorre a um ato narrativo de auto-reflexão ao falar a respeito de um outro, que embora esteja fisicamente ausente, encontra-se metaforicamente incorporado enquanto audiência.

O agente então se implica num processo de autoria, assumindo um “eu” narrador [discurso indireto: ele]. E.g.: *!...! seria o personagem principal que sofreria uma transformação durante o o filme por causa da visita dos três, dos três espíritos que mostro:u (++) o porquê ele ficou frio !...!* [recorte do relato de João, co-construído na situação de interação com a pesquisadora].

Ao assumir a posição de narrador do evento vivido, o sujeito também assume uma posição de alteridade em relação à própria experiência vivida:



quem sou Piratas são melhores que ninjas!  
eu:  
Sou a melhor pessoa que posso  
pensar em ser...  
Tento ser prático, tento ser simples,  
tento ser bom...  
Sou sincero e sei que minha  
sinceridade machuca muita gente...  
Sou uma pessoa em constante  
mudança, procuro a simplicidade em  
tudo e meu defeito que mais me  
condena é minha timidez...

**Figura 09.** Posicionamentos assumidos por João a partir do diálogo com piratas e ninjas ao se descrever no campo ‘quem sou eu’ do Orkut

Os processos discursivos envolvidos nessa forma de análise são, portanto, construções relacionais por meio das quais ocorre a mútua constituição do sujeito e dos demais ao longo da ação comunicativa de endereçamento do discurso a um outro.

2) *Agindo como se fosse um outro*: nesse caso, o sujeito assume a perspectiva desse outro que é então comunicada aos demais envolvidos na ação comunicativa.

O sujeito então age como se o outro estivesse presente na ocasião ao conferir voz – consciência – ao personagem que, por sua vez, se reporta ao próprio sujeito [discurso direto: “eu”]. A voz do personagem é então explicitada no contexto aqui-e-agora, o que confere ao personagem uma dimensão de co-autoria [“eu” narrado]. E.g.: *!.../ e provavelmente ela ia dizer (+) – não’ eu nunca faria isso na minha vida’ !.../* [recorte do relato de João, co-construído por meio do diálogo estabelecido com uma audiência interna feminina durante a situação de interação com a pesquisadora].

Assim, as diferentes vozes e as múltiplas perspectivas dos outros significativos, presentes e imaginados, vão colaborar com o movimento entre as diferentes posições e, conseqüentemente, para abertura necessária à emergência do novo, configurando a co-construção dialógica dos diversos posicionamentos assumidos pelo próprio sujeito ao longo do tempo.

Esses outros, portanto, refletem o próprio sujeito que, por sua vez, também reflete esses outros (VYGOTSKY, 1996b). Nesse caso, o modo como o sujeito interpreta os eventos permite que o mesmo confira um lugar de destaque a esses eventos, que por sua vez estão entrelaçados aos aspectos afetivos envolvidos nessas vivências. Por seu turno, essas vivências nos permitem apontar as possíveis diferenças nas perspectivas assumidas pelo sujeito.

Portanto, implicados no processo de tessitura de uma narrativa vivida, autores e co-autores colaboram com o próprio processo de constituição intersubjetiva que, por sua vez, também envolve:

- Os possíveis elos entre aquilo que o participante considera significativo e uma localização temporal que o inscreve na própria existência. Nesse sentido, as posições assumidas pelo sujeito permitem que o mesmo se movimente, através da imaginação, como se o fizesse no espaço, de acordo com as mudanças na situação e no tempo. (VALSINER, 2004)

Assim, ao falar sobre si enquanto transita pelos diferentes cenários que compõem a experiência humana, o sujeito destaca certos eventos em detrimento de outros enquanto tece o fio dialógico que conecta aquilo que considera passado, presente e futuro, ressignificando o passado e o presente em cena enquanto simultaneamente se inclina ao futuro.

Se interligando a um futuro ainda em construção (VALSINER, 2005), o sujeito consegue, portanto, assumir posições alternativas em relação àquilo que considera participar do presente, tanto em relação às situações presenciais quanto às situações virtuais.

Tendo em vista que as posições do “eu” – assumidas pelo falante ao endereçar sua fala para uma audiência – mudam conforme a situação e o tempo, buscamos descrever a dinâmica desenvolvimentista envolvida na constituição do senso de *self* no trânsito entre os cenários presenciais e virtuais que compõem a experiência humana.

Dedicamos o próximo capítulo a uma discussão mais detalhada sobre o fenômeno investigado. Nesta etapa explicitamos a unidade de análise, os critérios e as técnicas bem como a tipologia utilizada.

### 3. Análise dos dados

*É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbui-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. (BAKHTIN, 2002)*

O período de observação das interações entre usuários do Orkut [etnografia virtual] mostrou-se bastante significativo aos propósitos desta pesquisa, pois nos permitiu verificar a emergência e o desenvolvimento do senso de *self* nos diálogos estabelecidos entre co-enunciadores.

Preocupados com uma coerência teórico-conceitual que, do nosso ponto de vista, é imprescindível ao tratamento e análise dos dados, orientamos nossos esforços fundamentados numa perspectiva dialógica e interacional do ser.

Por se tratar de um estudo que adota uma perspectiva relacional, dinâmica e dialógica do processo de constituição do *self*, fez-se extremamente indispensável considerar a organização do sistema ao longo do tempo.

Nesse sentido, a presente análise envolve a interpretação das ações dos usuários de Orkut no trânsito entre situações *online* e *offline*, o que permitiu que pudéssemos destacar padrões [identidade narrativa] e eventos significativos [diferentes posicionamentos em perspectiva] a partir da observação *online* e das entrevistas presenciais realizadas.

Em outras palavras, à luz de um referencial compreensivo-interpretativo, pudemos interpretar os dados de modo que, a partir da leitura de como o fenômeno se apresenta, pudéssemos descrever as próprias ações dos usuários.

À procura de uma integração reconhecidamente descrita pelas múltiplas relações das partes com o todo e a fim de superar as dicotomias freqüentemente empregadas na época – objetivo *vs.* subjetivo, individual *vs.* social, interno *vs.* externo –, Vygotsky aborda a questão do método, contrapondo-se “[...] à análise por elementos, propondo a busca de uma análise por unidades e definindo a unidade como aquela instância de recorte que conserva as propriedades do todo que se pretende investigar”. (GÓES, 2000, p. 14)

Atentos ao aspecto pragmático da enunciação ou fala, optamos pelo enunciado por este manifestar-se como a voz de uma posição do “eu” que interliga o agente comunicativo a sua audiência – presencial ou imaginariamente incorporada – nas práticas de sustentação de si.

Nesse sentido, focamos nos elos discursivos que relacionam as vozes dos outros que antecedem o sujeito às respostas que o mesmo antecipa em função de uma suposta audiência, de modo que o sujeito possa garantir uma localização no tempo e no espaço que o permita inscrever sua própria existência.

Desse modo, na relação mutuamente constitutiva eu-outro, o enunciado nos permite distinguir, momento a momento, as diversas posições do “eu” assumidas pelo sujeito no ato narrativo, que através de uma localização espaço-temporal narrativa, é resgatado do fluxo polissêmico. (HERMANS, 2001; VALSINER, 2004, 2005; CHANDLER et al. 2003)

Fundamentados nessas premissas, destacamos as principais características dos enunciados, indispensáveis às nossas análises (PERES, 2007):

- Os enunciados são endereçados a uma audiência [outros sociais ou outros “eu’s” e seus respectivos mim’s];

- Os contornos dos enunciados são delimitados pelas falas alternadas dos sujeitos;
- Os enunciados constituem uma unidade de sentido;
- O sentido do enunciado estabelece relações entre as diversas posições autorais;
- Os enunciados revelam juízos de valor;
- Cada enunciado apresenta projeto e ação comunicativa com formas características de acabamento;
- Por ser uma forma “acabada”, antecipa a resposta do outro, esperando que esse outro o complemente [inconclusividade e incompletude].

Para tal, nos filiamos a uma noção de sujeito que se enuncia através dos diferentes posicionamentos assumidos ao longo de um tempo irreversível, encontrando no fio dialógico que tece uma rede de significados e sentidos, o elo entre as vozes que precedem e que seguem a enunciação, tornando possível ao mesmo garantir o senso de continuidade em meio às mudanças que ocorrem na situação e no tempo.

Esses múltiplos endereçamentos do autor multiposicionado, os aspectos afetivos envolvidos nesses diversos posicionamentos bem como a criatividade e a novidade que emergem nesse processo são freqüentemente negligenciados nas análises tradicionais do conteúdo e do discurso.

A fim de entender como ocorrem as continuidades e descontinuidades no modo como as pessoas falam sobre si em relação a uma audiência no trânsito entre situações presenciais e virtuais, optamos por uma abordagem predominantemente qualitativa do fenômeno, fundamentada nos estudos de Hermans (2001) e Valsiner (2004, 2005), pela possibilidade de resgate das tentativas de garantia da continuidade pessoal, ainda que de

modo ficcional, frente às mudanças vivenciadas pelos usuários nos diferentes cenários que tomam forma na experiência humana de endereçamento do discurso para um outro.

O interesse pela dinâmica desenvolvimentista relacionada ao senso de continuidade face às mudanças que ocorrem ao longo do tempo direcionou nossos esforços para um rastreamento minucioso do fenômeno investigado, o que nos permitiu conduzir nossas análises em um nível microgenético.

Do nosso ponto de vista, este nível de análise nos permite acompanhar, segundo a segundo, a interdependência dos fenômenos intersubjetivos, que neste estudo está articulado às posições do “eu” no diálogo.

Esses diferentes posicionamentos possibilitam-nos, enquanto pesquisadores, entender a ontogênese a partir do fluxo constante dos episódios microgenéticos relacionando-os, ainda, ao ambiente. (VALSINER, 2005)

Para tanto, consideramos que as práticas discursivas integram, compõem, transformam e transitam pelos diferentes cenários que participam da experiência humana presencial e virtual de endereçamento do discurso para um outro que, neste estudo, compreenderam os três momentos da entrevista sobre a continuidade pessoal dos participantes: a entrevista sobre o filme, sobre o *self* e sobre o Orkut, bem como os recortes dos aspectos de si semiotizados pelos usuários no ambiente virtual.

Na seqüência, destacamos a tipologia de análise proposta por Hermans (2001) e Valsiner (2004, 2005). Deste modo, pudemos analisar o todo em função das suas partes constituintes que, por sua vez, operam de modo dinâmico, integrado e coerentemente organizado, com vistas a produzir uma ampla variedade de fenômenos de ordem superior, contribuindo, inclusive, para que pudéssemos identificar as interrelações entre um “eu” narrador e um “eu” narrado.

### 3.1. Tipologia de análise

Considerando que o sujeito se revela por meio dos diálogos estabelecidos com diversas vozes ao nomear, contrastar e negociar as múltiplas leituras que faz da sua relação com o meio, propomos que o senso de continuidade nos modos como a pessoa fala sobre si é atingido e mantido por meio das relações dinâmicas entre vozes internas e externas ao sujeito, bem como entre as diversas fatias de tempo – presente, passado e futuro – que compõem a história de vida do mesmo. (VALSINER, 2004, 2005).

Ou seja, conforme Hermans (2001) propõe, o senso de continuidade no *self* dialógico envolve:

- Os componentes empíricos que pertencem ao próprio sujeito [tudo o que a pessoa pode chamar de ‘meu’]: o próprio corpo, os estados mentais, as pessoas e coisas no mundo, o ambiente, bem como tudo o que seja familiar e possibilite um prolongamento físico e simbólico do sujeito;
- As relações temporais traduzidas em relações espaciais ou, em outras palavras, a transição entre o passado e o presente em direção ao futuro [enredo];
- O domínio exterior do *self* [o ‘corpo’ sócio-cultural: a família, a nação e os demais grupos de pertença]

Nesse sentido, adotamos as posições do “eu” como referencial teórico de análise (HERMANS, 2001, VALSINER, 2004, 2005), tendo em vista que as identidades narrativas – compostas pelas diferentes partes que estabelecem relações dinâmicas entre

si: meta, autor, eventos, cenário, personagens e enredo – acontecem na linguagem e tomam forma a partir das relações dialógicas estabelecidas pelos interlocutores.

De acordo com Goffman (1974), para que possamos interpretar aquilo que está sendo narrado, precisamos perceber os conectivos que funcionam como pistas que contextualizam o discurso. Tomando essas pistas como referência, podemos circunscrever o enquadre (*frame*) da ação narrativa.

Para Goffman (1974) a interpretação da animação na narrativa requer que a nossa atenção esteja focada nos personagens encenados e nas pistas que revelam indícios destes pois, nesta perspectiva, enquanto narramos, nós não apenas informamos ao ouvinte, mas principalmente criamos uma dramatização que envolve e afeta a platéia.

Para tanto, fazemos uso de estratégias que enlaçam a atenção da audiência, de modo que tanto nós, autores, quanto os demais estejamos envolvidos com a história narrada, como ocorre, por exemplo, quando as pessoas se utilizam de recursos verbais e não-verbais, que abrangem desde os gestos e os olhares até o emprego do discurso direto e indireto pelos interlocutores.

Tomando tais considerações como ponto de partida, agrupamos as respostas dos participantes do estudo de acordo com o conteúdo das mesmas que, neste caso, correspondem às posições do “eu” no ato narrativo.

Em outras palavras, a fim de destacarmos os aspectos pragmáticos da comunicação, focamos nas práticas sócio-culturais de sustentação de si mediadas pelos signos uma vez que as mesmas envolvem ações dialógicas situadas de endereçamento do discurso a um outro [audiência].

Nesse sentido, complementamos nossas análises considerando alguns critérios sócio-culturais frequentemente usados na organização dos eventos sócio-comunicativos [para que, quem, para quem, como, onde e quando] observados nas práticas de

sustentação de si, os quais relacionamos às condições pragmáticas do discurso (ARAÚJO, 2007) que, por sua vez, conferem organização e coerência ao ato narrativo:

**Quadro 01.** Condições pragmáticas do ato narrativo

Condições pragmáticas do ato narrativo
Para que: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Metas ou propósitos</li> </ul>
Quem [agente]: <ul style="list-style-type: none"> <li>• “eu” enquanto “eu” [autoria];</li> <li>• “eu” enquanto outro [co-autoria].</li> </ul>
Para quem [audiências]: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisadora [outro social presente na situação de interação];</li> <li>• Personagens [outros dialógicos que surgem no relato do informante].</li> </ul>
Como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Auto-descrição [posicionamento do sujeito referente à perspectiva sobre si mesmo];</li> <li>• Hetero-descrição [posicionamento do sujeito em relação aos outros dialógicos presentes e imaginados, incluindo as perspectivas e diálogos dos mesmos].</li> </ul>
Onde: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversos cenários que tomam forma nas trocas dialógicas presenciais e virtuais.</li> </ul>
Quando: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Enredo: organização das diversas fatias de tempo que compõem a narrativa do sujeito.</li> </ul>

Tais condições permitem ao sujeito tecer os fios dialógicos que conferem vida ao ato narrativo, enquanto simultaneamente integra as diversas fatias de tempo e tudo aquilo que pode chamar de ‘meu’ ao próprio relato.

As condições pragmáticas do ato narrativo caracterizam, portanto, os elos discursivos indispensáveis às práticas de sustentação de si, permitindo ao sujeito relacionar as vozes dos outros que o antecedem às respostas que o mesmo antecipa em função de uma suposta audiência, de modo a assegurar sua própria continuidade em meio a um constante processo de mudança.

A tipologia adotada revela, então, como as pessoas tentam dar sentido à própria continuidade, bem como a dos demais, visto que, ao falar, o sujeito se atualiza colocando em evidência as referências passadas e inclinações futuras possíveis que nos permitem identificar o senso de continuidade pessoal frente às experiências mutantes. (CHANDLER, 2000; CHANDLER et al., 2003)

Desse modo, a historicidade que emerge e integra os relatos dos participantes se mostra nas referências passadas e nas antecipações do que está por vir, uma vez que o passado e o possível – abertura para a ruptura do canônico e emergência do novo – caracterizam modalidades indispensáveis para que o agente possa construir um senso de *self* ou fazer sentido sobre si mesmo, sobre as experiências de continuidade e mudança na própria história de vida.

Desse modo, no relato dos participantes, as manifestações anteriores e posteriores são entendidas como ‘verdadeiras’ por razões históricas (CHANDLER et al., 2003), consideradas circunstancialmente plausíveis pelos interlocutores.

Ou seja, ao longo do tempo, o sujeito aprende, na relação com os demais, a falar sobre si, sobre os outros e sobre as coisas no mundo [para que, quem, para quem, como, onde e quando], fundamentado, para tanto, nas tradições culturais. Essas tradições oferecem então ao sujeito um repertório de possibilidades e restrições que tornam o próprio relato inteligível aos demais membros da cultura.

Contudo, apesar dos relatos produzidos pelos participantes – em certo sentido – serem socialmente compartilhados tornando-os inteligíveis aos demais, podemos observar a criatividade do sujeito ao tecer a trama de significados e sentidos pessoais em diferentes momentos e de diferentes formas sobre eventos tomados como semelhantes, – por exemplo, falar sobre si em situações presenciais e em ambientes virtuais – o que

revela um tempo flexível, humano, diacrônico, na composição narrativa da própria história de vida.

Tais relatos mostram ainda a apropriação das tradições culturais pelo sujeito quando este nomeia, descreve e contrasta as diferentes versões da realidade, o que está intimamente relacionado ao vínculo de pertencimento que esse estabelece com grupos sociais e manifestações culturais, ou, conforme Bruner (1997) sugere, a um “*kit de ferramentas comunitário*” (p. 22).

Assim, os elos discursivos, construídos entre as diversas fatias de tempo, estão intimamente relacionados às práticas sociais de manutenção da continuidade entre os integrantes de uma dada cultura (CHANDLER et al., 2003) o que, por sua vez, também revela toda complexidade que envolve a mudança na síntese dialética continuidade-mudança.

### **3.2. Análise dos recortes das entrevistas presenciais e dos perfis virtuais**

Os múltiplos posicionamentos do *self* são identificados a partir dos relatos dos entrevistados. Os personagens que emergem na ocasião do endereçamento do discurso a um outro revelam toda pluralidade e polifonia da identidade narrativa dos participantes do estudo, tanto no momento em que eles se apresentam à pesquisadora na entrevista presencial quanto nos diálogos que estabelecem no ambiente virtual em relação a uma suposta audiência.

Nesse caso, as opiniões dos entrevistados compõem a complexa trama de posicionamentos que garantem a constituição do senso de continuidade pessoal em meio

à mudança, uma vez que, ao dialogarem, cada um dos entrevistados passa a tecer inter-relações entre as vozes daqueles que os antecedem às respostas que os mesmos antecipam em função de uma suposta audiência enquanto transitam por cenários presenciais e virtuais.

### **3.2.1. Análise do protocolo de entrevista de João**

João é um estudante de graduação, do sexo masculino e com 23 anos. A entrevista com o mesmo teve uma duração de 28 minutos e aconteceu no dia 25 de setembro de 2007, logo após a exibição do filme “Um Conto de Natal” [A *Christmas Carol*].

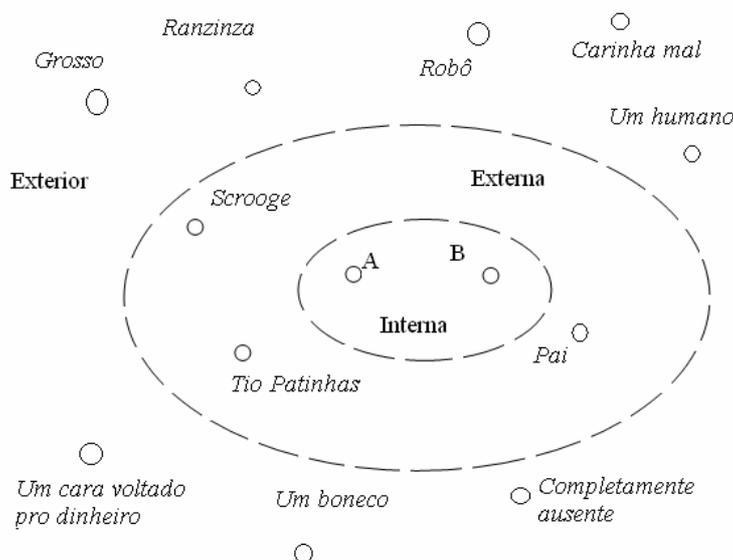
Na ocasião, a entrevista ganha contornos informais, semelhantes aos diálogos estabelecidos entre as pessoas em situações cotidianas. João então foi convidado a responder as perguntas que estavam relacionadas ao filme e, mais especificamente, à história do personagem Ebenezer Scrooge que, neste caso, é considerado um outro social para fins deste estudo.

Inicialmente, a pesquisadora convida o entrevistado a descrever Ebenezer Scrooge para uma pessoa que supostamente nunca tivesse ouvido a história antes. Na ocasião, João constrói um posicionamento social e estabelece elos entre o personagem e a própria história de vida, destacando um outro personagem [tio Patinhas], que no próprio relato ocupa um lugar simbólico significativo: */.../ como eu já tinha assistido essa mesma história só que com o tio Patinhas, ai eu liguei ele diretamente ao tio Patinhas que/ tipo/ todo mundo conhece, né” assim/ não o pessoal hoje em dia, mas da*

*nossa idade e tal (+) então seria aquele cara:: voltado pro dinheiro e: ranzi:nza /.../ Na seqüência da entrevista, João confronta as diferentes leituras que fez da relação que estabeleceu com o personagem ao afirmar: /.../ primeiramente eu não:: tive uma relação como pessoa, eu vi ele mais como: u:m boneco, né” que/ como era um filme/ como a gente tinha/ como era um filme de:: (+) eh , de natal, eu já pensei (+) – não’ ele vai passar alguma moral (+) na história, né” então (+) então, eu pensei (+) – não’ ele é o carinha mal que:: alguma coisa vai acontecer pra que:, tipo/ ele se arrependa, como como é um conto de natal, né” daí (++) no início, no início, como eu disse, ele seria um robô, né” maltratando todo mu:ndo, eh, sendo grosso, tipo/ sendo completamente ausente, isso é o espírito natalino mesmo, né” pra:: caracterizar bem uma pessoa: ruim dessa forma. Hu::m (+) eh, no início do filme ele seria o mal ((risos)) eh, durante, durante a transformação dele, durante todo aquele/ o/ a/ as visões, né” eu: tive mais, tipo/ consciência como se ele fosse um humano mesmo já no final, a/ o fato dele, dele ter mudado completamente, eh, tirou essa parte de humanidade dele (+) ele virou um bonequinho do bem, né” hã: eh: no final, tinha aquela coisa dele tá com medo das coisas aconte/ das coisas ruins a/ ruins acontecerem e ele, tipo/ eh:, morrer, morrer solitário (+) que desde a infância dele ele é meio traumatizado com isso/ que o pai dele não ia buscar ele no natal e/ assim /.../*

Ao falar sobre Scrooge, João assume múltiplos posicionamentos, revelados na ocasião da entrevista com a pesquisadora por meio dos aspectos valorativos, construídos a partir do mundo exterior, em relação a todos aqueles que co-habitam o próprio mundo, interno e externo, de João, permitindo-o estabelecer diálogos entre posições internas e externas na ocasião de endereçamento do discurso a um outro:

**Figura 10.** Posições do “eu” no relato de João ao descrever Scrooge



Posições internas:

A : “*Medo das coisas ruins acontecerem*”

B : “*Morrer solitário*”

O senso de *self* ou si mesmo é uma construção discursiva que só é possível na relação do sujeito com um outro, indivíduo ou grupo. Essa “mesmidade” (SALGADO et al., 2007) ou continuidade está relacionada à concepção de que o conhecimento é construído na ação situada de endereçamento do discurso a um outro, presente ou metaforicamente incorporado ao contexto.

Ou seja, nossa existência é assegurada à medida em que “o ‘eu’ constrói o outro como uma posição que o ‘eu’ pode ocupar”. (SALGADO et al., 2007, p. 20, grifo nosso) No entanto, de acordo com Hermans (2001) a nossa identidade pessoal é simultaneamente uma identidade sócio-cultural, uma vez que a nossa manutenção no tempo é garantida por meio de práticas sócio-histórica e culturalmente sustentadas.

Dessa forma, o entrevistado consegue integrar as diversas fatias de tempo à tessitura da trama, ao simultaneamente compor os elos discursivos que relacionam as

vozes dos outros que o antecedem às respostas que o mesmo antecipa em função de uma suposta audiência, ainda que imaginada.

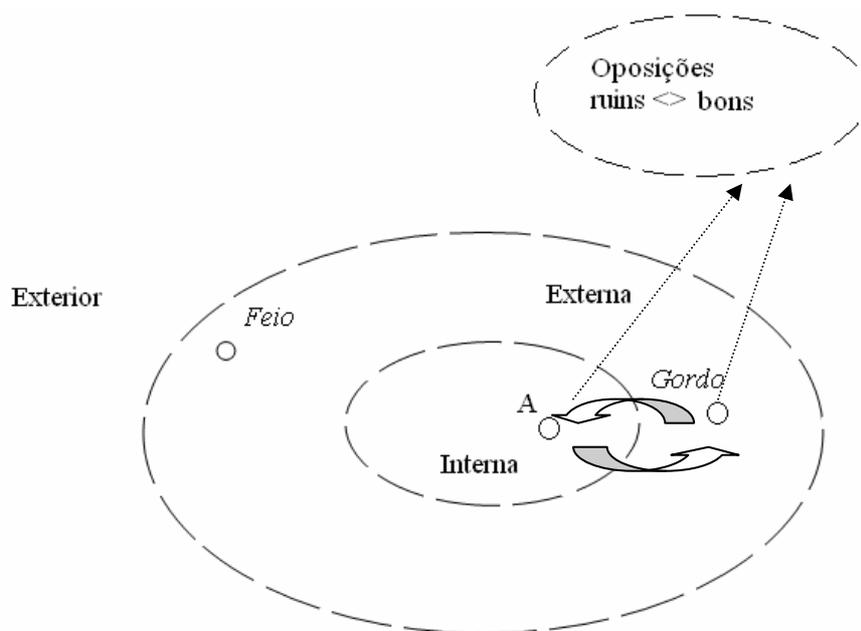
Esses elos são sustentados por meio de critérios sócio-culturais [para que, quem, para quem, como, onde e quando] que permitem aos envolvidos organizar e orientar suas ações enquanto simultaneamente tecem os fios dialógicos que conferem vida ao ato narrativo.

Em outras palavras, os termos com os quais nos descrevemos são heranças culturais que sustentam nossas práticas de garantia da continuidade pessoal. Estas são mediadas pelos signos e acontecem nas negociações estabelecidas nos jogos de linguagem do presente, a partir dos quais nos tornamos inteligíveis para nós e para os outros, enquanto simultaneamente nos diferenciamos dos demais.

Nesse sentido, no desenrolar da entrevista, ao ser convidado a pensar sobre como uma mesma pessoa poderia agir de maneiras tão diferentes, João emerge das experiências que nomeia como “*sentimentos ruins*” e que orientam sua perspectiva atual sentida como um desejo de experimentar “*novos sentimentos*”, que do próprio ponto de vista, seriam “*sentimentos bons*”:

*!...! então' sentimentos, né" tipo/ o:: eu tinha medo, eu tinha medo de me expressar, eu eu:: falava que eu era feio, que eu era:: gordo, que/ e essas coisas/ que eu era todo/ tudo sentimentos, né" sentimentos ruins (+) então: experimentando novos sentimentos você vai querer também sentir (+) sentimentos bons !...!*

**Figura 11.** Posições do “eu” no relato de João ao se referir à perspectiva de mudança



Posição interna:

A : “*eu tinha medo de me expressar*”

Na seqüência, João estabelece diálogos entre o personagem Ebenezer Scrooge e uma personagem que nomeia como “mãe” [quando então dialoga com uma voz feminina] ao contrastar a mudança com sentimentos que nomeia como “ruins” e “bons”, e que se revelam na posição co-construída com a pesquisadora. Em outras palavras, João emerge da imaginação e dos diálogos estabelecidos com esses outros significativos – personagens – que, por sua vez, são incorporados ao próprio relato por João:

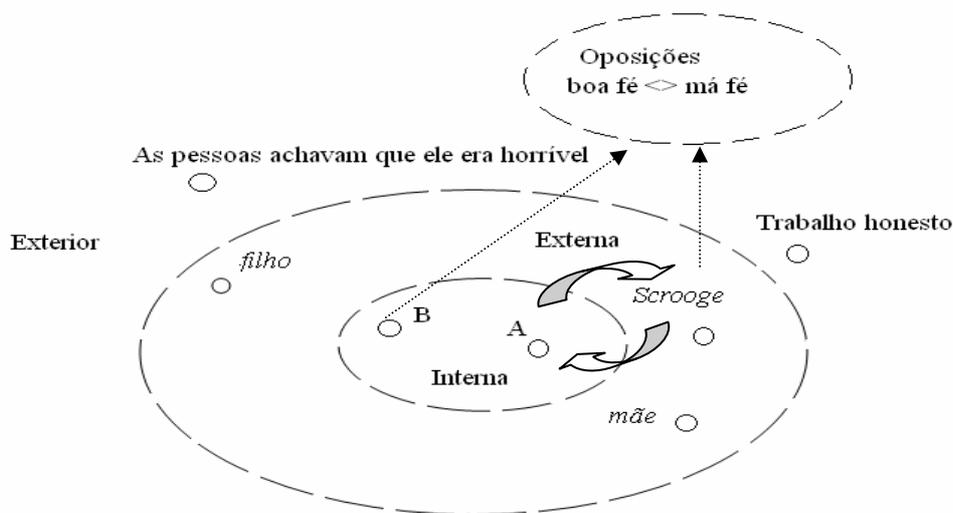
*!...! então eu acho que: (+) no filme, como o cara teve medo da morte, medo de/ tipo/ de ter feito um mal pras pessoas/ que como ele falava desde o início no filme, ele tinha um trabalho: honesto, então ele não pensava em fazer o mal às pessoas, então (++) eh:: o fato de não saber que está fazendo um mal, ai, eh, eh, que ele tava fazendo (+) ai ele agia do mesmo jeito (+) mas depois que ele começou a ver que ele tava fazendo o mal/ que as pessoas achavam que ele, que ele era horrível e tal, né” eh:: (++) age, age, age, de de de boa fé ou de má fé, dependendo do/ da/ sentimento que você tiver, da emoção do/ tipo/ como como aquelas estórias da da mãe levantar o*

*caminhão pro o filho sair de baixo, né” abrir a boca do jacaré (+) e provavelmente ela ia dizer (+) – não’ eu nunca faria isso na minha vida’ né” acho que a emoção que vai acontecendo na hora /.../*

Enquanto fala sobre o personagem Ebenezer Scrooge, João tece os fios dialógicos que conferem vida ao ato narrativo, permitindo que a voz de uma personagem que o mesmo nomeia como ‘mãe’ se manifeste.

Ao ganhar voz, essa personagem e suas respectivas opiniões vão colaborar ativamente com a organização do enredo, permitindo que João se revele ao assumir os posicionamentos revistos e negociados na relação.

**Figura 12.** Posições do “eu” no relato de João ao fazer sentido daquilo que considera agir de “boa fé” e de “má fé”:



Posições internas:

A : “*medo da morte*”

B : “*medo de, tipo, ter feito um mal pras pessoas*”

Ao expor suas razões, João fala a respeito de Scrooge. João, então, constrói Scrooge como uma posição que o “eu” pode ocupar. Ao longo do relato, João dialoga com as vozes de outros personagens que passam a compor o cenário no qual o ato

narrativo acontece. A voz da mãe, então, surge no relato de João como uma co-autoria que o ajuda a organizar os eventos e produzir sentidos sobre aquilo que está sendo comunicado à pesquisadora.

Desse modo, esses outros significativos colaboram co-construindo os diferentes posicionamentos que João explicita em seu relato e que tornam possível ao mesmo assegurar um senso de continuidade face às mudanças que ocorrem ao longo do tempo.

Ou seja, no relato de João, os diversos mim's se transformam em personagens que ganham voz e dialogam entre si, permitindo-nos observar a interdependência entre as vozes que tornam a intersubjetividade um sistema dinâmico e complexo.

- *Em relação a si mesmo:*

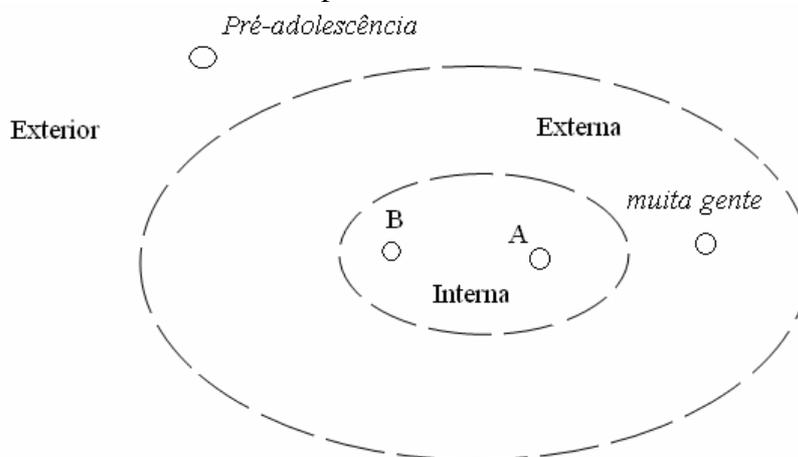
Ao ser convidado a se descrever há cinco anos atrás, João optou por falar sobre a fase colegial e a mudança para uma vida adulta, profissional e com responsabilidades, que o mesmo nomeia como uma “fase de transição”: *!..! cinco anos atrás (+) dois mil e dois, né” dois mil e dois (+) dois mil, dois mil e um, dois mil e dois (+) pronto’ dois mil e dois foi uma fase de transição minha’ que na minha/ na na minha fase colegial, né” !..!*

João então relaciona a mudança a uma insatisfação pessoal em relação a si mesmo, na época: *!..! eu poderia me considerar meio, assim, aquele nerd que fica estudando, que num gosta de fé:sta, que eu me achava feio, que eu me achava gordo, que eu fazia aquilo porque eu não sabia falar direito, algo tipo/ toda aquela nóia de criança, né” !..!*

A posição inicial co-construída com a pesquisadora na ocasião da entrevista estava então relacionada à passagem para uma vida adulta, profissional e com responsabilidades: *!...! como eu passei por, por uma experiência/ tipo/ de trabalho, da convivência lá, de ter responsabilidade e tudo o mais/ eu mudei bastante (+) eu tava mudando (+) foi a minha fase de transição !...!*

Essa mudança de posicionamentos no relato de João está atrelada a uma experiência de ansiedade, por vezes contraditória, relacionada ao que João considera um desafio, um teste, que João, por sua vez, associa a um sentimento de medo e desejo diante da possibilidade de experimentar aquilo que nomeia como “*sentimentos bons*”: *!...! Ai eu fui pro cursinho, conheci muita gente/ tipo/ e tava/ na naquela época eu tava me desafiando a melhorar, a: quebrar a timidez, a: ir pra festa, a fazer coisas que eu num costumava fazer por, por medo (+) daí (++) eu ainda não era quem eu sou hoje em dia (+) eu ainda tava na fase de me: desafia:r, de::: de: descobrir as coisas, né” então (+) eu ainda: sou, né” mas naquela época eu era ainda, ainda mais/ tipo/ eh:: fechado, mais/ tipo/ tinha mais medo de me expressar (+) então: (+) naquela época (++) eu seria (2.0) seria minha pré, minha pré-adolescência (+) seria minha época de pré-adolescência mesmo !...!*

**Figura 13.** Posições do “eu” no relato de João, relacionadas à ansiedade daquilo que considera um desafio face à possibilidade de sentir “sentimentos bons”



Posições internas:

A : *“eu tava me desafiando a melhorar, a quebrar a timidez, a ir pra festa, a fazer coisas”*

B : *“eu num costumava fazer por, por medo”*

Esse aspecto contraditório, relacionado à ansiedade, também pode ser observado na narrativa de João quando o mesmo, ao ser solicitado pela pesquisadora a falar sobre si naquele exato momento, revela que: *!...! hoje em dia já são/ um perfil, completamente diferente, eh:: eu tô me testa:ndo/ que/ tipo/ mas já num nível completamente diferente (+) hu::m (+) tô até aqui’ que naquela época eu nem nem levantaria a mão na sala de aula pra dizer (+) – não’ eu quero’ né” fazer parte da pesquisa !...!*

Na seqüência, João resgata o aspecto contraditório do seu relato, relacionado ao medo e desejo de experimentar aquilo que considera *“sentimentos bons”*, explicitando o que vivencia como um desafio, um teste: *!...! hoje em dia aparece uma viagem e eu (+) tento me organizar pra ir/ uma festa/ eu já, falo direto na aula pra/ tipo/ isso, isso ainda é um teste, mas já sei que eu faço isso com espontaneidade !...!*

Ao ser convidado a falar sobre si em relação ao Orkut durante a entrevista presencial, João inicialmente apresenta e contrasta as próprias expectativas em relação ao software social, cuja perspectiva inicial estava associada a um sentimento [posição interna] de aversão pelo Orkut, assumindo, na seqüência, um posicionamento relacionado ao que considera como vantagem [posição externa]: *!...! deixa eu ver (++) acho que: (+) eu entrei pra faculdade em dois mil e três e, e:: acho que foi no meio de dois mil e três que eu ouvi falar de gmail (+) daí apareceu o orkut (+) só que eu tinha uma meio aversão ao orkut, né” tá me exibindo como um produto, e tal, né” ai como eu vi que o orkut tinha:: vantagens, né” como comunicação e tal, ai, eu fiz o meu perfil (+)*

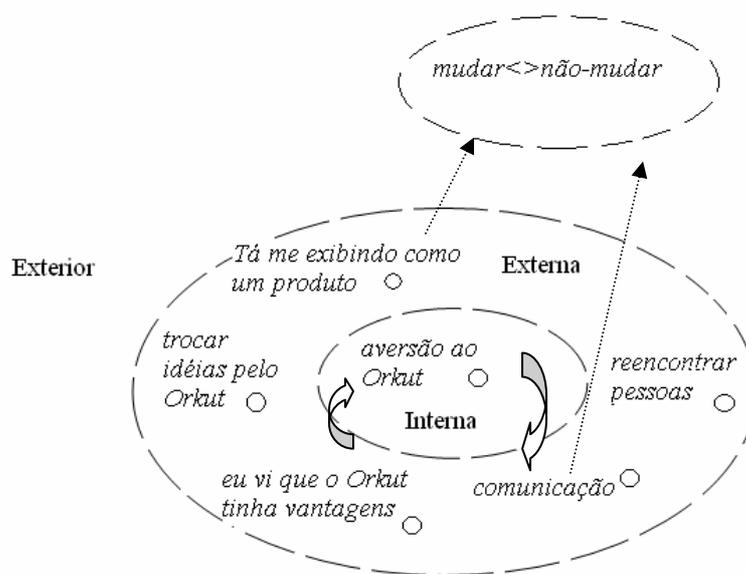
*que já mudou eu acho que um monte de vezes (+) num, num costume ficar muito tempo mudando não /.../*

Mais adiante, ao ser questionado se havia notado alguma mudança após ter criado um perfil de Orkut, ou se ele achava que isso não tinha nada a ver, João estabelece elos de ligação entre a mudança e os aspectos sócio-comunicativos do ambiente virtual: */.../ como eu não tenho internet em casa, só tenho internet mais no no trabalho, então pra me achar em MSN e tal só em determinados horários (+) já no Orkut, o pessoal deixa mensagem lá e eu respondo quando eu puder e tal, então me ajudou porque é uma ferramenta que me ajuda a comunicar (+) ajuda as pessoas que/ tipo/ não pegaram meu contato durante/ quando eu conheci, elas/ me encontraram no Orkut, então, eh::, foi bom pra mim, pra:: eu reencontrar essas pessoas, né” pessoas da da da escola, coisas antigas, né” então, o que mu/ o que/ se Orkut mudou minha personalidade ou a minha vida” acho que mudou um pouco mesmo (++) porque também, trocar, trocar idéias pelo Orkut e/ eu acho que mudou /.../*

Nesse relato, é possível notarmos que João, enquanto usuário do Orkut, reconhece a sua presença e a dos demais no ambiente virtual quando considera, por exemplo, ser possível */.../ reencontrar essas pessoas /.../* bem como ao afirmar que */.../ elas/ me encontraram no Orkut /.../*, ainda que essa presença seja marcada pela apresentação do sujeito como signo.

Além disso, a mediação semiótica no Orkut permite ao sujeito resgatar o desejo de sentir “*sentimentos bons*” quando João aponta para uma possibilidade de mudança que pode ser conseguida pela atualização do perfil do Orkut.

**Figura 14.** Posições do “eu” no relato de João face à possibilidade de mudança mediada pelo Orkut



Ao ser confrontado com a possibilidade de mudança – associada por João aos sentimentos de medo e desejo em relação à possibilidade de sentir “*sentimentos bons*” – e na tentativa de produzir sentidos sobre a mesma, João direciona o foco do relato para algo que, ao menos no momento, considera mais resistente à mudança, ou seja, à “morte”, o que acontece, por exemplo, quando João afirma que */.../ pra mudar a educação, pra mudar a moral da pessoa num/ é preciso ter um choque mu::ito mu::ito grande/ tipo/ sabe” choque de morte ou algo assim (+) como eu nunca passei por isso, eu não tenho certeza se eu realmente mudei cem por cento /.../* Portanto, segundo essa perspectiva do participante, para que aconteçam mudanças profundas, ele precisaria passar por */.../ um choque mu::ito mu::ito grande /.../*, como o */.../ choque de morte, ou algo assim /.../*.

Na tentativa de compor uma identidade narrativa e, conseqüentemente, assegurar o senso de continuidade pessoal, João monta diálogos entre seu próprio “eu” e os “eu’s”

dos outros de modo que tanto João quanto esses outros estejam implicados num processo de autoria e co-autoria, conforme os exemplos que se seguem:

- Voz de João [autoria]:

- 1) /.../ *como era um filme de: (+) eh:, de natal, eu já pensei (+) – não' ele é o carinha mal que alguma coisa vai acontecer pra que: tipo/ ele se arrependa /.../*
- 2) /.../ *eu posso até responder (+) – não'*
- 3) /.../ *eu ainda tenho/ tipo/ aquela mentalidade (+) – não' eu tenho dezoito anos, eu tenho de ser sério e tal e pá /.../*
- 4) /.../ *hu::m (+) tô até aqui' que naquela época eu nem nem levantaria a mão na sala de aula pra dizer (+) – não' eu quero' né" fazer parte da pesquisa /.../*
- 5) /.../ *agora eu eu mesmo digo (+) – pô' eu tô muito sério' /.../*
- 6) /.../ *então eu vou fazer aquilo que eu acho que eu/ que eu acho que é bom (+) não querendo (+) – não' eu vou chamar atenção pra mim, ou algo do tipo /.../*
- 7) /.../ *ai eu digo (+) – não' eu já passei por essa fase' /.../*
- 8) /.../ *não acho que houve mudança pra dizer que (+) – não' hoje sou outra pessoa /.../*
- 9) /.../ *eu adiciono o pessoal geralmente que eu conheci, que eu conheci (+) – oi" como vai" /.../*
- 10) /.../ *eu não tenho (+) – não' ele não é meu amigo' não vou adicionar /.../*
- 11) /.../ *naquela lista de/ que a gente diz (+) – não' meus hobbies, esses aqui, filmes, esses aqui, esses, né" /.../*

- Voz dos outros “eu's” [co-autorias]:

- 1) /.../ *como aquelas histórias da da mãe levantar o caminhão pro o filho sair de baixo, né" abrir a boca do jacaré (+) e provavelmente ela ia dizer (+) – não' eu nunca faria isso na minha vida' /.../*

Desse modo, o sujeito se apresenta como um autor multifacetado e multiposicionado, que se revela e desenvolve por meio dos diálogos montados entre as diversas vozes, nomeando, contrastando e negociando as diversas leituras – interpretações – que faz da própria relação com os demais, com os artefatos e com o ambiente.

### 3.2.1.1. Recortes do perfil no Orkut

quem sou Piratas são melhores que ninjas!  
 eu:  
 Sou a melhor pessoa que posso  
 pensar em ser...  
 Tento ser prático, tento ser simples,  
 tento ser bom...  
 Sou sincero e sei que minha  
 sinceridade machuca muita gente...  
 Sou uma pessoa em constante  
 mudança, procuro a simplicidade em  
 tudo e meu defeito que mais me  
 condena é minha timidez...

**Figura 15.** Recorte do campo ‘quem sou eu’ do perfil de João no Orkut

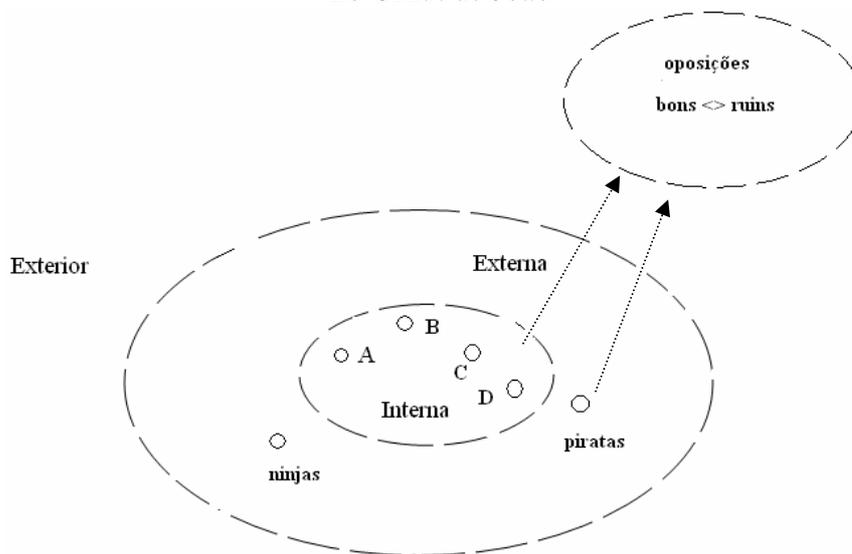
No ambiente virtual, João, por vezes, se define como “*pirata*”, sendo recorrentes os diálogos que estabelece com esses personagens e os demais outros significativos, enquanto simultaneamente se revela: “*Piratas são melhores que ninjas!*” [aspecto valorativo do discurso de João, construído a partir do mundo exterior].

Esses “*piratas*” estariam relacionados aos sentimentos de medo e desejo daquilo que João considera “*sentimentos bons*” o que integra a composição do perfil *online* a uma identidade narrativa que garante a continuidade de João no ambiente virtual.

Nesse sentido, organizando o próprio perfil, João resgata o que considera um desafio, um teste, ao se confrontar com a possibilidade de experimentar “*sentimentos*

*bons*” enquanto enuncia aspectos de si no perfil virtual: “*Sou a melhor pessoa que posso pensar em ser... Tento ser prático, tento ser simples, tento ser bom...*”

**Figura 16.** Posições do “eu” em relação ao campo ‘quem sou eu’ no Orkut de João



Posições internas

A : “*sou a melhor pessoa que posso pensar em ser*”

B : “*tento ser prático*”

C : “*tento ser simples*”

D : “*tento ser bom*”

Apesar de toda essa diversidade de perspectivas e posicionamentos, recorrendo às práticas de sustentação de si, João, em colaboração com os personagens, constrói elos discursivos que relacionam as vozes dos outros que o antecedem às respostas que o mesmo antecipa em função de uma suposta audiência o que possibilita à autoria assegurar o próprio senso de continuidade [senso de *self*] em meio a às mudanças que ocorrem no curso dos eventos, as quais, diga-se de passagem, são mencionadas por João diversas vezes, tanto em situações presenciais quanto virtuais.

### 3.2.1.2. Inclinações futuras durante a entrevista presencial

Ao ser convidado a falar sobre si na ocasião da entrevista presencial, João destaca e organiza certos eventos em detrimento de outros, se deslocando no tempo e no espaço de modo a poder falar de um futuro ainda em construção: *!...! hu::m já tenho, já tenho caminhos assim, que eu, que eu quero traçar, já:: já tenho/ tipo/ agora eu eu mesmo digo (+) – pô' eu tô muito sério' e:: estranhamente isso: é bom, mas naquela época eu achava que essa seriedade de hoje não era seriedade, era era mais (++) cha/ caretice, ou algo do tipo, né" (+) mesmo sabendo que: era caretice aquilo hoje em dia, né" aquilo que é caretice !...!*

Na tentativa de contrastar aquilo que considera sentimentos “bons” e “ruins”, João se localiza em algum ponto no futuro que o permite estabelecer uma ponte entre o passado e o presente: *!...! já tenho caminhos assim, que eu, que eu quero traçar !...!* bem como reconhecer que, de alguma forma, já consegue experimentar “sentimentos bons”, quando declara: *!...! agora eu eu mesmo digo (+) – pô' eu tô muito sério' e:: estranhamente isso: é bom !...!*

Ao ser convidado a refletir sobre a possibilidade de conexão entre o Orkut e a própria história de vida – quem o usuário foi, é e pretende ser um dia –, João assume uma perspectiva que reitera a importância que confere aos demais na forma como organiza o próprio perfil e endereça os respectivos conteúdos às supostas audiências.

Nesse sentido, João contrasta as atitudes presentes – as comunidades que adiciona no ambiente *online* – com uma posição pessoal de abertura para o diálogo, relacionando as tendências e ações futuras aos próprios gostos e interesses, ao associar com aquilo está *!...! propenso a fazer, a ouvir !...!: !...! com quem eu pretendo ser (+++) eh, eu acho que tem, porque/ tipo/ as comunidades que eu, que eu adiciono de/ tipo/ eu*

*gosto é disso, eu gosto daquilo e tal, dizem um pouco que/ um pouco do que eu to propenso a fazer, a ouvir, a a (+) e tal /.../*

Assim, por se revelar contraditória, múltipla e dinâmica, a subjetividade adquire diferentes contornos no trânsito entre os diversos cenários que compõem a experiência humana, conforme as diferentes perspectivas que assumimos à medida que endereçamos nossos enunciados para uma audiência.

Contudo, essa diferença de perspectivas não nos impede de relacionarmos certos sentidos que nos permitam assegurar alguma continuidade ao longo do tempo, conforme veremos nos recortes que se seguem.

### **3.2.1.3. Senso de continuidade de João no trânsito entre situações presenciais e virtuais**

#### **a) Senso de continuidade relacionado ao que João nomeia como “*sentimentos ruins*”**

❖ Na entrevista presencial, em relação a um outro social:

*/.../ hã: eh: no final, tinha aquela coisa dele ta com medo das coisas aconte/ das coisas ruins a/ ruins acontecerem e ele, tipo/ eh:, morrer, morrer solitário (+) que desde a infância dele ele é meio traumatizado com isso/ que o pai dele não ia buscar ele no natal e/ assim /.../*

❖ Na entrevista presencial, em relação a si mesmo:

*/.../ eu tinha medo, eu tinha medo de me expressar, eu eu:: falava que eu era feio, que eu era:: gordo, que/ e essas coisas/ que eu era todo/ tudo sentimentos, né” sentimentos*

*ruins /.../*

*/.../ eu poderia me considerar meio, assim, aquele nerd que fica estudando, que num gosta de festa, que eu me achava feio, que eu me achava gordo, que eu fazia aquilo porque eu não sabia falar direito, algo tipo/ toda aquela nóia de criança, né” /.../*

*/.../ e:: como eu passei por uma fase de transição, que eu acho foi meio, meio dura porque saí de/ tipo/ eu sou um menininho que foi gordo a vida toda e: ainda, ainda tenho minha, minha barriga, né” /.../*

❖ Na entrevista presencial, em relação ao Orkut:

*/.../ daí apareceu o orkut (+) só que eu tinha uma, meio, aversão ao Orkut, né” tá me exibindo como um produto, e tal, né” /.../*

❖ No perfil de João no Orkut:

Sou sincero e sei que minha sinceridade machuca muita gente...  
Sou uma pessoa em constante mudança, procuro a simplicidade em tudo e meu defeito que mais me condena é minha timidez...

**Figura 17.** Recorte do registro de João no campo ‘quem sou eu’ do Orkut

Ao se descrever no campo ‘quem sou eu’ do Orkut, João se revela como uma subjetividade marcada por tudo aquilo que nomeia como “*sentimentos ruins*” e que no ambiente virtual ganha novos contornos a partir daquilo que considera ‘meu’ em seu relato: “*/.../ minha sinceridade machuca muita gente /.../*” ; “*/.../ meu defeito que mais me condena é minha timidez ...*”

**b) Senso de continuidade relacionado ao contraste entre medo e desejo de experimentar aquilo que João nomeia como “*sentimentos bons*” e que na perspectiva de João revela-se como um teste, um desafio.**

❖ Na entrevista presencial, em relação a um outro social:

*/.../ ele tinha um trabalho: honesto, então ele não pensava em fazer o mal às pessoas, então (++) eh:: o fato de não saber que está fazendo um mal, ai, eh, eh, que ele tava fazendo (+) ai ele agia do mesmo jeito (+) mas depois que ele começou a ver que ele tava fazendo o mal/ que as pessoas achavam que ele, que ele era horrível e tal, né”  
eh:: (++) age, age, age, de de de boa fé ou de má fé, dependendo do/ da/ sentimento que você tiver, da emoção /.../*

❖ Na entrevista presencial, em relação a si mesmo:

*/.../ eu só tenho aquela coisa que acho que se as pessoas forem pensar algo de mim, que pensem de bom (+) então eu vou fazer aquilo que eu acho que eu acho que eu/ que eu acho que é bom (+) não querendo (+) – não’ eu vou chamar atenção pra mim, ou algo do tipo, mas/ tipo/ se eu chamar atenção, que seja: algo bom eh:: (3.0) como eu coloquei no orkut (+) eu disse que eu era um cara psicológica psicologicamente perfeito (+) mas seria algo como se fosse, eh::, pra me testar também /.../*

*/.../ então: experimentando novos sentimentos você vai querer também sentir (+) sentimentos bons /.../*

*/.../ hoje em dia já são/ um perfil, completamente diferente eh:: eu tô me testando/ que/ tipo/ mas já num nível completamente diferente (+) hu::m (+) tô até aqui’ que naquela época eu nem nem levantaria a mão na na sala de aula pra dizer (+) – não’ eu quero, né” fazer parte da pesquisa /.../*

*./.../ hoje em dia aparece uma viagem e eu (+) tento me organizar pra ir/ uma festa/ eu já, falo direto na aula pra/ tipo/ isso, isso ainda é um teste, mas já sei que eu faço isso com espontaneidade ./.../*

❖ No perfil de João no Orkut:

quem sou eu: Piratas são melhores que ninjas!  
 eu:  
 Sou a melhor pessoa que posso pensar em ser...  
 Tento ser prático, tento ser simples, tento ser bom...

**Figura 18.** Recorte do registro de João no campo ‘quem sou eu’ do Orkut

paixões: me desafiar!

**Figura 19.** Recorte do registro no campo ‘paixões’ no perfil social do Orkut de João

esportes: me desafiar!

**Figura 20.** Recorte do registro no campo ‘esportes’ no perfil social do Orkut de João

atividades: PCGames, RPG, Namorar, Animes, Mangás, encontros de amigos, me desafiar! ...

**Figura 21.** Recorte do registro no campo ‘atividades’ no perfil social do Orkut de João



**Figura 22.** Recorte do registro de João no álbum do Orkut

Ao afirmar em português “Piratas são melhores que ninjas!” e em inglês “Pirates are better than ninjas!”, João assume em seu relato um aspecto valorativo construído a partir do mundo exterior. Nesse caso, João se confunde com o pirata e se contrasta em relação aos ninjas como uma forma de resgatar o que afirmou, por exemplo, ao se descrever no campo ‘quem sou eu’ do Orkut: “/.../ sou a melhor pessoa que posso pensar em ser /.../”.

Nesse caso, semelhante a um camaleão que muda a cor da pele para se adaptar às mudanças no contexto, João, usuário da internet, se disfarçando como um personagem de desenho animado, transforma a si mesmo enquanto compõe o próprio perfil.

Ao se confundir com um outro, se comportando como um personagem de ficção se comportaria, João simultaneamente se contrasta dos demais e se revela, enquanto destaca tudo aquilo que considera significativo na ocasião.

Em outras palavras, enquanto coloca uma máscara, João simultaneamente a deixa cair, passando a inscrever sua própria existência a partir de tudo aquilo que para ele é falso [o pirata].

Nesse sentido, nos tornamos nós mesmos à medida que nos reconhecemos como outros [personagens]. Assumindo nossas máscaras – buscando ou não enganar os outros, dependendo dos propósitos em relação aos quais nos motivamos a agir dessa forma – deixamos, simultaneamente, transparecer aquilo que é significativo para nós.

Por sua vez, esses personagens, protagonistas das historinhas que contamos sobre nós, ao dialogarem conosco, colaboram com os nossos posicionamentos ao longo do tempo, contribuindo para que possamos nos diferenciar dos nossos semelhantes enquanto tecemos os fios dialógicos em que uma certa subjetividade faz sentido.

Portanto, é nessa tensão entre o eu e o outro que atores [mim's], o autor ["eu"] e co-autores [vozes dos personagens ou outros "eu"s] se encontram e dialogam, tornando possível ao sujeito se contrastar, se diferenciar, enquanto simultaneamente assegura um prolongamento físico e simbólico a si mesmo.

### 3.2.2 Análise do protocolo de entrevista de Luna.

Luna é uma estudante do mestrado em Educação, do sexo feminino e com 30 anos. A entrevista com a mesma teve uma duração de 30 minutos e aconteceu no dia 05 de setembro de 2007, logo após a exibição do filme "Um Conto de Natal" [*A Christmas Carol*].

A entrevista presencial ganha, na ocasião, contornos informais, semelhantes aos diálogos estabelecidos entre as pessoas em situações cotidianas.

Inicialmente, Luna foi convidada a responder as perguntas que estavam relacionadas ao filme e, mais especificamente, à história do personagem Ebenezer Scrooge que, no presente estudo, é considerado um outro social.

Ao ser convidada a descrever Ebenezer Scrooge como se o fizesse para uma pessoa que supostamente nunca ouviu a história antes, Luna, de início, se posiciona destacando alguns aspectos do personagem: "*uma pessoa dura*", "*fria*", "*seca*", "*sovina*", "*pirangueiro*", "*reflexo de uma história pregressa*", "*pão-duro*" que se tornam relevantes à medida que produz significados e sentidos na relação co-construída com a pesquisadora: */.../ eu entendi o seguinte (+) que ele era uma pessoa dura, fria, (+) seca, eh::: como é que eu digo" quando uma pessoa é::: com relação a dinheiro" deixa eu ver se eu me lembro a palavra (+) meio sovina mesmo, meio pirangueiro,*

*vamos dizer assim (+) mas eu acho que ele era desse jeito por toda uma história que ele tinha passado /.../*

Na ocasião, Luna endereça seu discurso para uma audiência:

- Pesquisadora [outro social presente na situação de interação];
- Personagens [outros dialógicos que surgem no relato do informante].

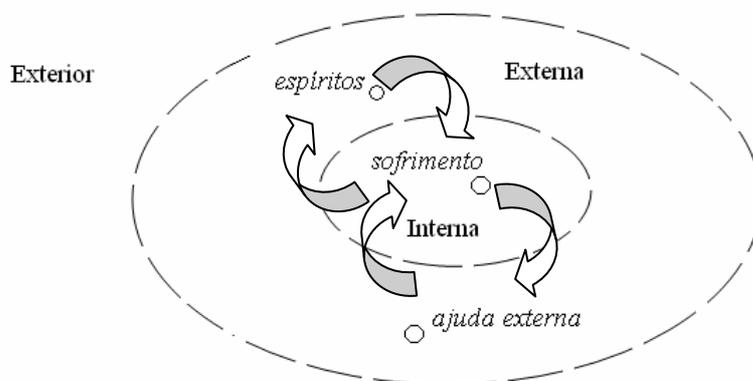
Enquanto se posiciona em relação aos outros dialógicos presentes e imaginados, Luna se engaja em um processo de hetero-descrição que a permite descrever o outro como uma posição que o “eu” pode ocupar.

Na seqüência da entrevista, a fim de explicar como Scrooge lhe parece no começo da história – meta proposta na situação de interação estabelecida com a pesquisadora –, Luna se refere ao outro como se fosse ele mesmo [“eu” Scrooge]. Assim, buscando ajustar-se à meta e refletir sobre, Luna manifesta a voz do personagem Scrooge, implicando-o em um processo de co-autoria: */.../ no início do filme ele é extremamente cruel e, assim, resistente a qualquer tipo de tentativa de se aproximar dele (+) simplesmente não queria (+) tanto que tem uma passagem dele que ele fala assim(+)* ((Luna muda o tom de voz)) – *cantiga de Natal’ que tolice’* ((Luna volta então a falar com a própria voz)) *quer dizer, ele não se permitia (+) ele não permitia que as coisas chegassem até a ele (+) simplesmente se fechava no mundo dele de crueldade e tal (+) e solidão (+) e cabou-se /.../*

Luna então se transforma no personagem que passa a ativamente colaborar com o posicionamento de Luna. Desse modo, se confundindo e se contrastando com o personagem, Luna se mostra como uma subjetividade marcada pelos posicionamentos revistos e negociados ao longo do tempo, permitindo-a se diferenciar ao simultaneamente tecer os elos discursivos que garantem um prolongamento físico e simbólico a si mesma.

Mais adiante, ao ser convidada a falar sobre quem era o Scrooge no final da história, Luna relaciona a mudança do personagem aos outros [que a mesma refere como “ajuda externa”], conferindo lugar de destaque aos “espíritos”, com quem dialoga em seu relato: *!...! que vamos supor que não tivessem aqueles espíritos que tivessem ido e mostrado a ele, ter feito ele lembrar o que ele passou na infância, o sofrimento e tal (+) e mostrar que era possível ainda mudar/ acho que se não tivesse tido esse tipo de intervenção, ele não teria mudado (+) entendeu” ele ele mudou completamente, uns 180, da água pro vinho/ vinho chileno ((Luna e a pesquisadora riem juntas)) porque houve uma certa ajuda externa, mas eu acredito que ele não teria mudado se tivesse ficado totalmente sozinho, não.”*

**Figura 23.** Posições do “eu” no relato de Luna relacionadas à mudança de Scrooge no final da história



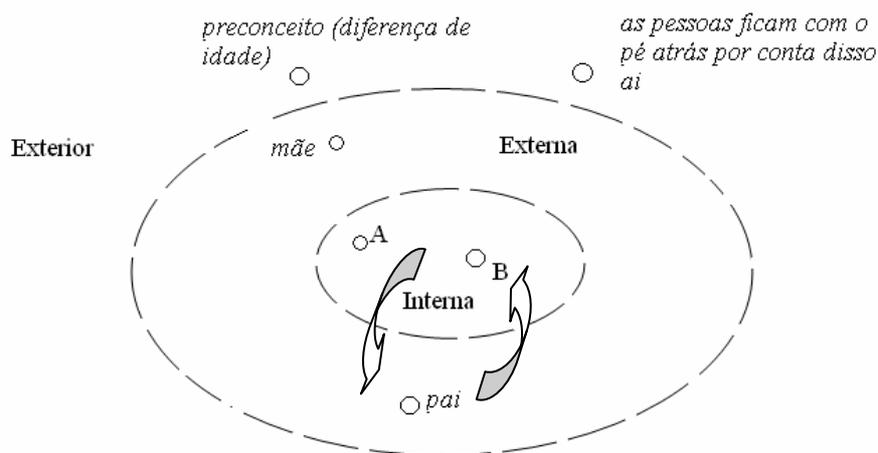
Enquanto interage com a pesquisadora e dialoga com os outros internalizados, Luna tenta fazer sentido daquilo que está sendo comunicado [como na ocasião em que se dirige à pesquisadora e pergunta: “entendeu?”] enquanto simultaneamente organiza as diversas fatias de tempo numa trama de significados e sentidos que conferem coerência àquilo que está sendo dito.

Desse modo, a tessitura da trama narrativa é co-construída ao longo da interação com a pesquisadora, à medida em que Luna dá destaque a certas coisas e não outras [campo semiótico de possibilidades] já que o modo como fala está regulado pela situação de interação, presencial e imaginada.

- *Em relação a si mesmo:*

Ao ser convidada a falar sobre si mesma há cinco anos atrás, Luna relaciona uma posição social inicial [tornar-se mãe do segundo filho] à transição para uma vida de casada e com responsabilidades [como requer a maternagem, por exemplo], integrada à experiência de ansiedade sentida e relacionada – por Luna – à diferença de idade entre ela e o marido. Para tanto, confere destaque ao preconceito dos demais sobre a referida situação, revelando a condição de sofrimento que vinha passando na ocasião por não ter uma boa relação com a mãe e por ter perdido recentemente o pai: *!...! então, talvez, assim/ são elementos que geralmente choca e as pessoas GERALMENTE ficam com o pé atrás por conta disso ai (+) e eu enfrentei muito preconceito por conta disso, por conta dessa diferença de idade (+) mas eu explicaria o seguinte (++) que eu era uma pessoa que: tinha sofrido muito na vida no momento:, eh, eh, assim, não tinha uma relação muito boa com minha mãe, tinha perdido meu pai há pouco tempo e houve u:ma certa época de minha vida, um pouco mais pra trás, em que eu quis desistir, porque eu não acreditava mais em mim !...!*

**Figura 24.** Posições do “eu” no relato de Luna relacionadas à ansiedade face à diferença de idade entre Luna e o marido



Posições internas:

A : *“eu era uma pessoa que tinha sofrido muito na vida”*

B : *“eu quis desistir porque não acreditava mais em mim”*

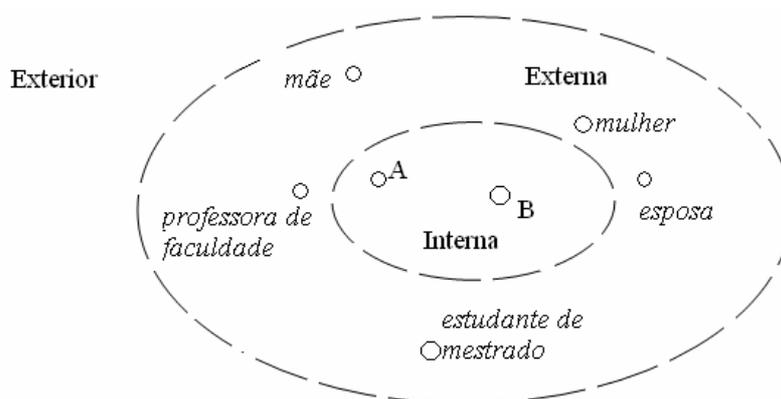
O marido então surge no relato de Luna como a voz dominante que, na ocasião, exercia forte influência sobre a mesma, já que ele apoiava Luna e acreditava nela: /.../ *então eu conheci essa pessoa, que é o meu marido hoje, que me deu muita força, que me fez levantar a cabeça, que acreditou em mim, que me: deu apoio pra estudar e eu tava o quê” tava na faculdade, há cinco anos atrás (++) não só por vontade minha, por vontade dele também (+) que ele foi o grande influenciador pra que eu fizesse faculdade, pra/ (++) é isso /.../*

Ao ser convidada a se descrever no exato momento da entrevista, Luna contrasta diferentes momentos da própria história de vida, integrando as diversas fatias de tempo de modo que fizesse sentido para si bem como para a pesquisadora [como quando se dirige à pesquisadora e pergunta: *“entendeu?”*, por exemplo].

Para tanto, Luna adota uma perspectiva orientada pelo referencial teórico e epistemológico do sujeito da pós-modernidade ao assumir um “eu” narrado, um discurso direto [“eu”] que implica Luna num processo de autoria: /.../ ((Luna e a

pesquisadora riem juntas)) *eu' nesse exato momento" eu diria que eu sou uma representação quase imperfeita do sujeito da pós-modernidade* ((Luna e a pesquisadora riem juntas)) *porque eu me sinto extremamente fragmentada (+) eu sinto como se eu tivesse vários eus em mim (+) assim/ eu sou um eu mãe, eu sou um eu mulher, eu sou um eu esposa, eu sou um eu estudante de mestrado, eu sou outro eu professora de faculdade, quer dizer, eu sou uma junção de vários eus num só eu que sou eu* ((risos)) *entendeu" /.../*

**Figura 25.** Posições do “eu” no relato de Luna ao se descrever para a pesquisadora no momento da entrevista



Posições internas:

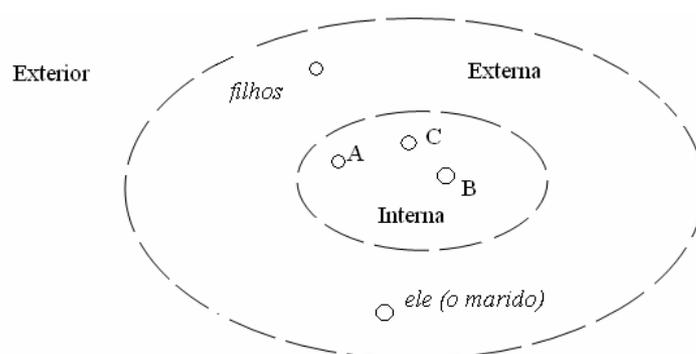
A : “*eu me sinto extremamente fragmentada*”

B : “*eu sinto como se tivesse vários “eu’s” em mim*”

Na seqüência, assume um posicionamento que se refere à transição de uma posição de dependência em relação ao marido [voz dominante no início do relato], para uma perspectiva de independência e opinião forte acerca das suas “*próprias coisas*” integrada a uma satisfação e realização pessoal em virtude de estar cursando o mestrado, o que está relacionado a uma experiência de ansiedade ao ter que lidar com um

sentimento de fragmentação de si mesma [posição interna], que Luna associa, inclusive, à atual crise vivida na relação com o marido: /.../ *ele/ não foi ele que botou isso na minha cabeça, fui eu, agi assim por minha conta (+) e hoje não me vejo mais assim/ eu me/ eu não consigo ser a mesma pessoa, entendeu” eu sou totalmente diferente (+) tenho minha hora pros filhos, tenho minha hora pra ele, mas quando eu tenho que fazer as minhas coisas, são MINHAS COISAS, e eu faço mesmo, independente de qualquer coisa (+) a casa pode cair, sabe” tanto que a gente tá vivendo a maior CRISE atualmente, porque mudou tudo (+) eu tô/ eu não sou a mesma pessoa de, vamos dizer assim, um ano atrás, de seis meses atrás (+) eu acho que o mestrado contribuiu muito pra isso, pra eu ter essa opinião mais forte, vamos dizer assim (+) e é isso’ (+) eu eu me sinto mesmo muito fragmentada e é assim/ sinto até que é complicado lidar com isso (+) mas eu prefiro me sentir fragmentada do que ser a mesma Luna de alguns anos atrás /.../*

**Figura 26.** Posições do “eu” no relato de Luna relacionadas ao desejo pessoal de independência



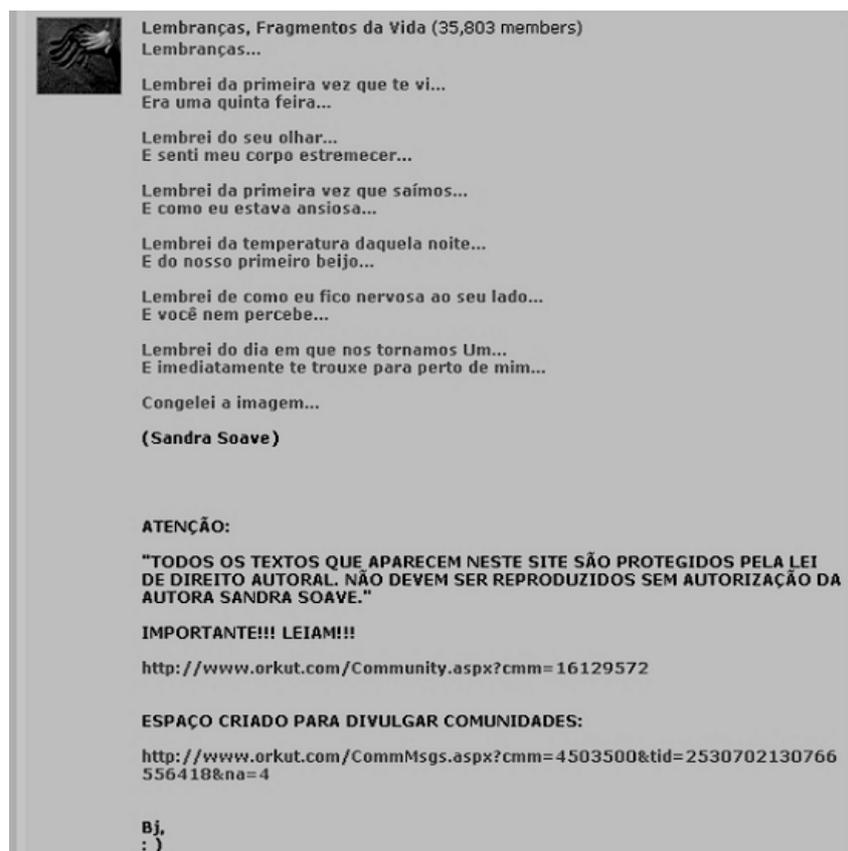
Posições internas:

A : “*eu sou totalmente diferente*”

B : “*opinião mais forte*”

C : “*eu me sinto muito bem fragmentada*”

Esse sentimento de fragmentação, enquanto aspecto de si atualmente dominante, também pode ser observado na interface do software Orkut, quando Luna se apropria do discurso de um outro – descrição da comunidade – e o destaca em seu perfil, conferindo-lhe também um lugar privilegiado no modo como enuncia a si mesma *online*, nos diálogos que estabelece com os demais em ambientes virtuais:



**Figura 27.** Comunidade ‘Lembranças, Fragmentos da Vida’ privilegiada no perfil do Orkut de Luna

Ao dialogar com esses outros e se apropriar dessas vozes Luna consegue compor os elos discursivos, íntimos e públicos, que a permitem demarcar sua própria existência no espaço de fluxos digital, de modo a garantir a manutenção de si mesma em meio às transformações que ocorrem no contexto.

No decorrer da entrevista, ao ser convidada a falar sobre si mesma há cinco anos atrás, Luna reflete sobre sua condição naquela época assumindo o lugar de um “eu” narrado – narrativa vivida que integra as pessoas e as situações significativas para o

sujeito –, ao se reportar ao interlocutor da situação de interação recorrendo a um discurso direto [“eu”], que, no entanto, envolve o diálogo com outros, ainda que imaginados, quando a mesma se refere ao segundo filho [e.g.: /.../ *eu tinha acabado de ter meu segundo filho /.../*], ao marido [e.g.: /.../ *então eu conheci essa pessoa, que é o meu marido hoje, que me deu muita força, que me fez levantar a cabeça, que acreditou em mim, que me deu apoio pra estudar /.../*], às pessoas [e.g.: /.../ *então, talvez, assim/ são elementos que GERALMENTE choca e as pessoas geralmente ficam com o pé atrás por conta disso ai /.../*], à mãe [e.g.: /.../ *não tinha uma relação muito boa com minha mãe /.../*], ao pai [e.g.: /.../ *tinha perdido meu pai há pouco tempo /.../*]” e a um mim [e.g.: /.../ *eu não acreditava mais em mim /.../*].

- *Em relação ao Orkut:*

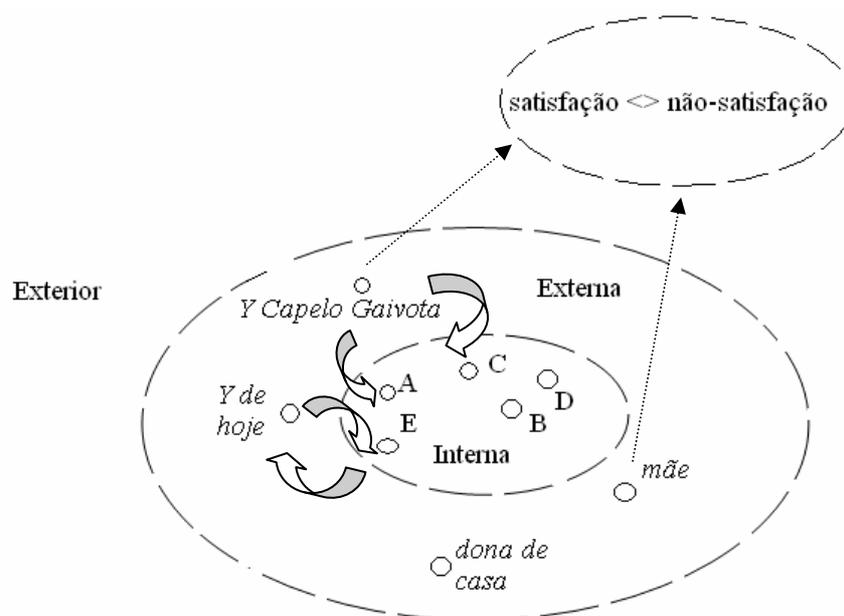
Após ser confrontada com a possibilidade de mudança em relação à criação de um perfil no Orkut, Luna revela que o perfil atual é uma versão diferente de um perfil anterior que, segundo a mesma, “*seguia à risca*” um formato de si que não correspondia à perspectiva atual sobre si mesma, o que levou Luna a deletar o referido perfil da própria vida, recriando e reinventando a si mesma na versão *online* de si, que por sua vez revela aspectos de continuidade relacionados aos gostos, interesses e afinidades daquilo que vivencia em situações *offline*.

Luna relaciona as mudanças em sua história de vida com a satisfação pessoal de ter opinião própria associada ao desejo de “*liberdade*”, de “*falar*”, de “*ser ouvida*”, de “*voar*”, conforme se observa no fragmento que se segue: /.../ *na realidade, Carol, eu tive outro perfil antes desse, que era um perfil que era da Luna que era antes (+) não era a Luna Capelo Gaivota (+) era Luna e só (+) era um perfil que/ assim/ que seguia*

*à risca o a forma como eu era (+) que era a Luna que não tinha muita opinião, era a Luna que era mãe, era a Luna que era dona de casa e só (+) e ai depois eu deletei esse perfil (+) apaguei mesmo o Orkut e criei um novo (+) que é essa Luna de hoje (+) que tem uma opinião, que quer liberdade, que quer falar, que quer ser ouvida, que quer voar (+) assim/ é mais ou menos isso ai /.../*

Nesse caso, Luna recorre ao personagem Fernão Capelo Gaivota e se transforma em Luna Capelo Gaivota enquanto simultaneamente se revela, passando a co-existir no espaço de fluxos digital.

**Figura 28.** Posições do “eu” no relato de Luna na ocasião em que se refere ao próprio perfil no Orkut



Posições internas:

A : “que tem uma opinião”

B : “que quer liberdade”

C : “que quer falar”

D : “que quer ser ouvida”

E : “*que quer voar*”

Ao ser convidada a pensar sobre si mesma em relação ao Orkut, Luna assume um discurso direto [“eu”] na interação com a pesquisadora. As relações dialógicas entre posições internas e externas, observadas nos diálogos montados entre as diferentes vozes, revelam tanto a multiplicidade do agente [transformações, descontinuidades] quanto os momentos de estabilidade [continuidades] no modo como Luna reporta a si mesma em função de uma audiência, fisicamente presente e imaginada.

Na tentativa de compor uma identidade narrativa [senso de continuidade] Luna monta diálogos entre seu próprio “eu” e os “eu’s” dos outros [agentes] de modo que tanto Luna quanto esses outros estejam implicados num processo de autoria e co-autoria, conforme os exemplos que se seguem:

- Voz de Luna [autoria]:

1) /.../ *eu balançava a cabeça e (+) – sim senhor, vamos /.../*

- Voz dos outros “eu’s” (co-autorias):

1) /.../ *tem uma passagem dele que ele fala assim (+) – cantiga de natal’ tolice’ /.../*

2) /.../ *então (+) se o marido dissesse (+) – nós vamos sexta-feira pra: Fortaleza’  
apronte tudo que a gente vai /.../*

### **3.2.2.1. Recortes do perfil no Orkut**

quem sou eu: Se EU não tivesse feito tanta coisa  
 eu: Se não tivesse dito tanta coisa  
 Se não tivesse inventado tanto  
 Podia ter vivido um amor grand' hotel  
 Se EU não dissesse tudo tão depressa  
 Se não fizesse tudo tão depressa  
 Se não tivesse exagerado a dose  
 Podia ter vivido um grande amor  
 Um dia um caminhão atropelou a paixão  
 Sem teus carinhos e tua atenção  
 O nosso amor se transformou em "bom dia"  
 Qual o segredo da felicidade???  
 Será preciso ficar só pra se viver???  
 Qual o sentido da realidade???  
 E o que é mesmo realidade???  
 Será preciso ficar só pra se viver???  
 Vc não me entende, Vc não me entendeu, não conseguiu e nem consegue me interpretar...  
 Eu sou a que no mundo anda perdida,  
 Eu sou a que na vida não tem norte,  
 Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
 Sou a crucificada ... a dolorida ...  
 Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
 E que o destino amargo, triste e forte,  
 Impele brutalmente para a morte!  
 Alma de luto sempre incompreendida!...  
 Sou aquela que passa e ninguém vê...  
 Sou a que chamam triste sem o ser...  
 Sou a que chora sem saber porquê...  
 Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
 Alguém que veio ao mundo pra me ver,  
 E que nunca na vida me encontrou!  
 raquel lasalvia  
 ...  
 ...  
 ...

**Figura 29.** Recorte do campo ‘quem sou eu’ do perfil de Luna

No recorte acima, Luna se apropria do discurso dos outros. Essas vozes, atualmente dominantes no relato de Luna, colaboram para que a autoria do perfil possa tecer os laços discursivos que conectam as vozes dos outros que a antecedem às vozes que antecipa em função de uma suposta audiência. Dessa forma, Luna constrói uma nova versão de si mesma a partir de uma música e de um poema – vozes que se mostram dominantes no relato de Luna – à medida que destaca essas vozes enquanto compõe o perfil virtual.

Apesar de ganhar novos contornos enquanto se descreve a partir da voz de um outro, Luna encontra meios de assegurar a manutenção de si mesma ao compor elos discursivos: entre os campos editados no perfil do Orkut, entre o próprio perfil e o perfil dos demais membros da rede de amigos e entre perfis e comunidades.

### **3.2.2.2. Inclinações futuras durante a entrevista presencial**

Ao ser convidada a pensar sobre o modo como relaciona a pessoa que foi, que é e que pretende ser um dia, Luna assume uma perspectiva futura atrelada a uma construção pessoal histórica que a mesma, por sua vez, associa a um “*processo de lapidação*”. Na tentativa de fazer sentido sobre e estabelecer conexões com o futuro, Luna se refere ao passado e a si mesma “*como uma pedra bruta, há um tempo atrás*”, revelando que tal processo, do seu ponto de vista, não teria um desfecho, ao afirmar: *!...leu não vou dizer que vou chegar ao ponto final da lapidação, mas eh/ que eu vou*

*lapidando aos poucos/ que eu vou construindo essas coisas aos poucos, essa lapidação aos poucos (+) não sei se um dia vou chegar a um ponto ótimo, não sei /.../*

Nos momentos finais da entrevista, ao ser confrontada com a possibilidade do Orkut conectar a pessoa que foi, que é e que pretende ser um dia, Luna assume que, do próprio ponto de vista, estabelecer tal conexão “*seria meio forsação de barra*” admitindo que esta “*não é uma coisa muito possível de fazer*” Mas, ajustada à ocasião da interação com a pesquisadora, imagina uma possibilidade remota de como isso poderia ser feito: */.../ mostrar, como eu e::ra/ a não ser que tivesse uma grande disponibilidade de MOSTRAR MESMO isso, de repente seria possível (+) pelo álbum, vamos dizer assim (+) ou pela minha descrição do perfil /.../* Embora, na seqüência, reforce o desinteresse por uma atitude deliberada de estabelecer tal conexão: */.../ eu não manifesto essa vontade não (+) de jeito nenhum /.../* Apesar disso, conforme o nosso próprio ponto de vista, advogamos que Luna realiza tal atividade – ainda que sem se dar conta – todas as vezes que organiza o próprio perfil.

### **3.2.2.3. Senso de continuidade de Luna no trânsito entre situações presenciais e virtuais**

Apesar dos múltiplos sentidos das palavras, recorreremos à forma narrativa a fim de comunicarmos nossas experiências, nossas emoções, de modo a estabelecermos inter-relações entre o que vivemos, o que imaginamos, o que sabemos e o que chamamos de ‘meu’.

Isso pode ser observado nos enunciados de Luna, tanto presenciais quanto virtuais, quando a mesma se refere ao pai, por exemplo. Este ganha diferentes contornos

ao longo do relato da informante à medida que Luna comunica seus diversos posicionamentos a um interlocutor, ainda que imaginado.

Apesar dessas múltiplas perspectivas, o senso de continuidade de si pôde ser assegurado, uma vez que Luna estabelece elos entre tudo aquilo que considera significativo na ocasião, ordenando os fios – dialógicos – a partir de uma configuração espaço-temporal que simultaneamente possibilita à informante revelar aquilo que considera ‘meu’:

**a) Senso de continuidade relacionado ao que Luna associa com um sentimento de ausência da figura paterna**

❖ Na entrevista presencial, em relação a um outro social:

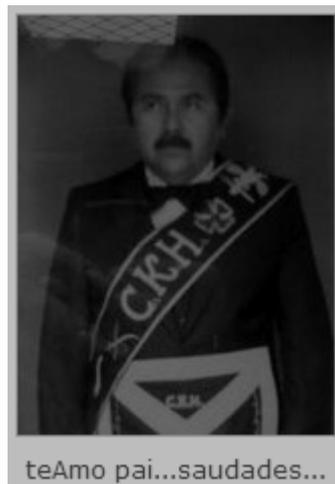
*/.../ ele não tinha acesso ao carinho, a um pai, até porque o pai não tinha esse tipo de coisa pra dar pra ele /.../*

*/.../ e ele tinha, assim, demonstrado uma certa preocupação em (++) fazer com que o pai tivesse orgulho dele (+) acho que isso ficou um pouco de frustração, que ele não conseguiu, o pai morreu e ele não conseguiu fazer com que o pai se sentisse orgulhoso /.../*

❖ Na entrevista presencial, em relação a si mesma:

*/.../ eu era uma pessoa que: tinha sofrido muito na vida no momento:, eh, eh, assim, não tinha uma relação muito boa com minha mãe, tinha perdido meu pai há pouco tempo /.../*

❖ No perfil de Luna no Orkut:



**Figura 30.** Registro editado por Luna no álbum do Orkut

 **Eu amo meu pai até o INFINITO!** (616 membros)  
 Essa Comunidade é para todas as filhas e filhos que amam seu pai !!!!  
 um homem QUE FEZ TUDO QUE UM PAI PODIA TER FEITO POR UM FILHO UM HOMEM QUE EU NÃO COSIGA DISER MAIS  
 AONDE QUER QUE ESTEJA , EU GOSTARIA MUITO DE TELO AQUI PARA PODER OLHAR EM seus olhos e dizer PAI EU TE  
 AMO !!!

Obrigado a todos q estao add essa comu !!

**Figura 31.** Comunidade 'Eu amo meu pai até o INFINITO'  
 adicionada por Luna ao próprio perfil

 **Fabio Jr. (Pai) (YouTube)**  
 saudades meuPai...

Adicionado: 19 mar  
 Duração: 04:20  
 Deixar um recado para diana

[adicionar aos meus vídeos](#)

**Figura 32.** Registro editado no vídeo 'Fabio Jr. (Pai)' do perfil de Luna no Orkut



**Eu AMO meu PAI !!** (4.137.619 membros)  
*Já participou de bate-papos onde pode ver as pessoas na webcam, ouvir musicas juntos, fazer amigos e até encontrar sua alma gêmea ????*  
 Entre já! <http://fon.gs/gente-bonita>  
 [gratuito e recomendado! ] 😊

---

**Comunidade dedicada aos pais e a você que ama muito seu pai e quer compartilhar esse sentimento com outros que também valorizam essa pessoa única, especial e fundamental em nossas vidas.**

Vc já ouviu esses sons?  
<http://www.fon.gs/toques-Orkut>

---

Quer seu orkut rosa ou preto?  
 colocar novos emotions?  
 nosso site proporciona isso a voce!  
 \* [www.fon.gs/segredos-Orkut](http://www.fon.gs/segredos-Orkut) \*

**Figura 33.** Comunidade ‘Eu AMO meu PAI !!’  
 adicionada por Luna ao próprio perfil



**Pai, mto obrigado(a) por tudo!** (211.325 membros)  
 aos pais vivos  
 aos pais que se foram  
 para os pais adotivos ou não  
 além do nosso amor  
 a nossa gratidão!!!

pai, obrigado(a)...

muito obrigado(a) por me dizer os caminhos os quais devo seguir; obrigado(a) por ter me orientado por diversas vezes, e por não ter desistido de mim; obrigado(a) por ter se preocupado comigo às vezes que eu saia sem avisar; desculpe-me pelos arroubos de minha juventude, pq mesmo q o tempo passe, serei sempre seu pequeno(a) filho(a); obrigado(a) por me advertir aos perigos da noite, pelas lições de cautela, pelos castigos, pelos gritos, tudo, completamente tudo para o meu bem.(etc)

eu reconheço o seu amor. e é por você que estou nesta comunidade. eu NÃO apenas te amo como sou grato ao senhor por tudo!

muito, mas muito obrigado(a) mesmo!

.

♥♥♥♥♥♥♥♥♥♥  
 ♥♦♦ Atensão: Novidade!  
 ♥  
 ♥°°° Quer Fazer Bons amigos(as)?  
 ♥ Paquerar.. Namorar.. Se Divertir..  
 ♥  
 ♥ [www.NovoAmor.net](http://www.NovoAmor.net)  
 ♥ [www.NovoAmor.net](http://www.NovoAmor.net)  
 ♥ [www.NovoAmor.net](http://www.NovoAmor.net)  
 ♥  
 ♥ (cadastro gratis, faça o teste!)  
 ♥

**Figura 34.** Comunidade ‘Pai, mto obrigado(a) por tudo!’  
 adicionada por Luna ao próprio perfil



❖ Na entrevista presencial, em relação a si mesma:

*!..! eu eu me sinto mesmo mu:ito fragmentada e é assim/ sinto até que é complicado lidar com isso (+) mas eu prefiro me sentir fragmentada do que ser a mesma Luna de alguns anos atrás !..!*

*!..! eu diria que eu sou uma representação quase imperfeita do sujeito da pós-modernidade ((Luna e a pesquisadora riem juntas)) porque eu me sinto extremamente fragmentada (+) eu sinto como se eu tivesse vários eus em mim !..!*

*!..! a minha essência continua a mesma (+) meu caráter continua o mesmo (+) alguns elementos mudaram, mas talvez a minha porção mais forte tenha permanecido, que é a a Luna mesmo, entendeu” é mais ou menos isso ai !..!*

*!..! eu acho que: é como eu te falei (+) essa estória de ter vários eus/ de repente, essas próprias circunstâncias impelem/ nos impelem a ser pessoas diferentes dentro de uma mesma pessoa/ de ter comportamentos diferentes dependendo do contexto !..!*

❖ Na entrevista presencial, em relação ao Orkut:

*!..! tanto que agora tem uma foto minha em que aparece parte do meu rosto e uma gaivota que são/ que é a junção de duas fotos que, um amigo meu fez/ essa montagem/ eu adorei/ achei maravilhosa e botei (+) quer dizer, não quero mostrar muito, quero mostrar uma parte (+) uma parte bonita, lógico !..!*

❖ No perfil de Luna no Orkut:

Nesse caso, Luna se apropria da voz de um outro que descreve a comunidade para então se descrever no perfil virtual, de forma a assegurar a própria continuidade enquanto confere novos contornos a si mesma:



**Figura 36.** Comunidade 'Lembranças, Fragmentos da Vida' adicionada por Luna ao próprio perfil

Ao se descrever, Luna confere destaque àquilo que considera significativo na ocasião, se destacando daqueles que considera seus semelhantes:

### a representação do eu na vida cotid... (9 fotos)

**Figura 37.** Recorte do registro editado na capa de um dos álbuns de Luna no perfil do Orkut

As diversas facetas de Luna, retratadas nas fotos do perfil, são integradas às diversas fatias de tempo e às vozes dos outros que contracenam tanto em cenários presenciais quanto virtuais – amigos, membros das comunidades, moderadores, desenvolvedores, etc. –, o que revela a multiplicidade que envolve o sujeito na tessitura dos fios dialógicos que conferem vida ao ato narrativo.

Esse sentimento de fragmentação, de acordo com a perspectiva de Luna está, portanto, relacionado à perda da condição de dependência em relação ao marido face à

possibilidade de ter liberdade, de experimentar coisas novas, de ter opinião, de falar, resumindo: de ser independente.

**c) Senso de continuidade relacionado à perspectiva de independência de Luna.**

❖ Na entrevista presencial, em relação a si mesma:

*"/.../ e hoje não me vejo mais assim/ eu me/ eu não consigo ser a mesma pessoa, entendeu" eu sou totalmente diferente (+) tenho minha hora pros filhos, tenho minha hora pra ele, mas quando eu tenho que fazer as minhas coisas, são MINHAS COISAS, e eu faço mesmo, independente de qualquer coisa (+) a casa pode cair, sabe" /.../*

*"/.../ de repente, essa mudança minha de postura diante do meu marido, também foi e é extremamente importante pra mim /.../*

*"/.../ eu to fazendo a minha parte (+) eu tô meio que existindo, vamos dizer assim /.../*

❖ Na entrevista presencial, em relação ao Orkut:

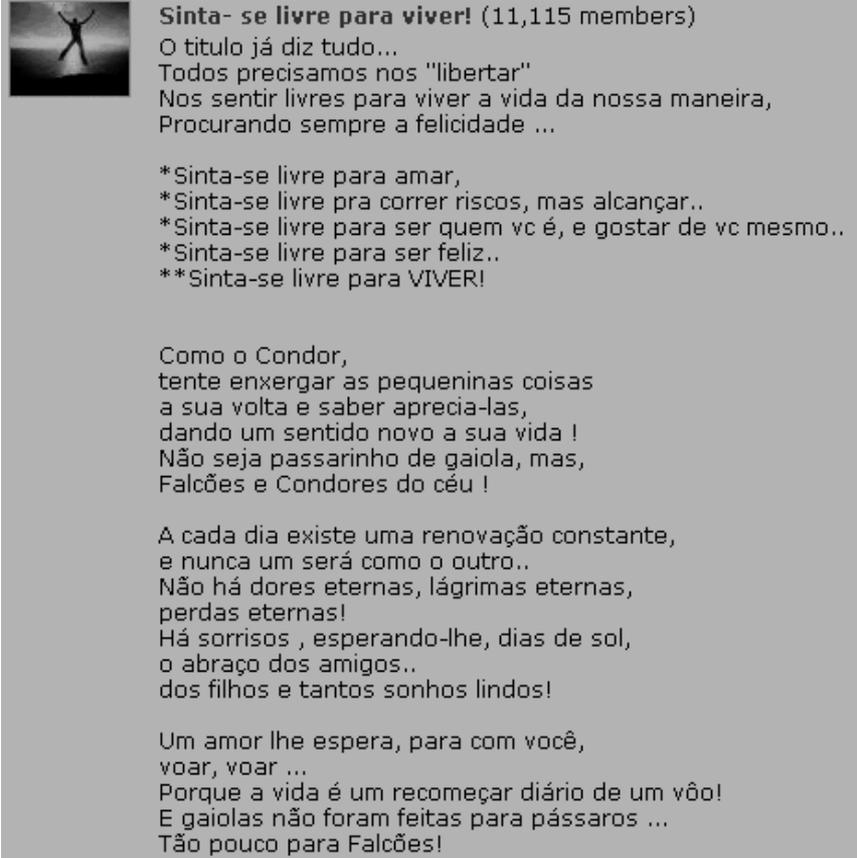
*"/.../ eu saí totalmente de um contexto onde as pessoas faziam tudo igual, tanto que, na minha família, eu sou a primeira pessoa a ter nível superior (+) quer dizer, então eu sai daquele estigma de de se se ficar só naquele círculo, de não conseguir sair, por mais/ assim/ que eu eu via que sofria quando eu saía, mais preferia encarar, sofrer e quebrar a cara e sair, do que continuar naquela coisa (+) então eu me identifiquei muito com Fernão Capelo Gaivota /.../*

*"/.../ tenho uma tatuagem de gaivota aqui na barriga com a palavra liberté, que é liberdade em Francês e/ assim/ eu me identifico muito com a gaivota mesmo em si (+) com a coisa de voar e de ser livre (+) não me considero livre hoje, não me considero/ assim/ é uma coisa que eu almejo/ muito/ /.../*

*/.../ eh, esse pseudônimo pra mim, de Luna Capelo Gaivota ((risos)) é perfeito /.../*

*/.../ eu tive outro perfil antes desse, que era um perfil que era da Luna que era antes (+) não era a Luna Capelo Gaivota (+) era Luna e só (+) era um perfil que/ assim/ que seguia à risca o a forma como eu era (+) que era a Luna que não tinha muita opinião, era a Luna que era mãe, era a Luna que era dona de casa e só (+) e ai depois eu deletei esse perfil (+) apaguei mesmo o Orkut e criei um novo (+) que é essa Luna de hoje (+) que tem uma opinião, que quer liberdade, que quer falar, que quer ser ouvida, que quer voar /.../*

❖ No perfil de Luna no Orkut:



**Sinta- se livre para viver!** (11,115 members)

O titulo já diz tudo...  
 Todos precisamos nos "libertar"  
 Nos sentir livres para viver a vida da nossa maneira,  
 Procurando sempre a felicidade ...

\*Sinta-se livre para amar,  
 \*Sinta-se livre pra correr riscos, mas alcançar..  
 \*Sinta-se livre para ser quem vc é, e gostar de vc mesmo..  
 \*Sinta-se livre para ser feliz..  
 \*\*Sinta-se livre para VIVER!

Como o Condor,  
 tente enxergar as pequeninas coisas  
 a sua volta e saber aprecia-las,  
 dando um sentido novo a sua vida !  
 Não seja passarinho de gaiola, mas,  
 Falcões e Condores do céu !

A cada dia existe uma renovação constante,  
 e nunca um será como o outro..  
 Não há dores eternas, lágrimas eternas,  
 perdas eternas!  
 Há sorrisos , esperando-lhe, dias de sol,  
 o abraço dos amigos..  
 dos filhos e tantos sonhos lindos!

Um amor lhe espera, para com você,  
 voar, voar ...  
 Porque a vida é um recomeçar diário de um vôo!  
 E gaiolas não foram feitas para pássaros ...  
 Tão pouco para Falcões!

**Figura 38.** Recorte da comunidade ‘Sinta-se livre para viver!’ adicionada por Luna ao próprio perfil

Liberdade!  
 Arranca-me da prisão  
 Alça vôo  
 num salto  
 bem alto  
 lá longe

**Figura 39.** Recorte do registro de Luna no perfil do Orkut



**Figura 40.** Recorte do registro de Luna no álbum do Orkut

 **Procuramos Independência** (15.057 membros)  
 -----//-----  
 Independência, essa palavra  
 Que o sonho humano alimenta  
 Que não há ninguém que explique  
 E ninguém que não entenda...

"Fear can hoLd you prisoneR. Hope can seT your free"

Em nome da independencia vale tudo: ligue, chore, ame, ria, beije, coma, dance. Mas acima de tudo seja muito feliz em tudo que vc fizer.

-----//-----

**Figura 41.** Comunidade 'Procuramos Independência' adicionada por Luna ao próprio perfil no Orkut

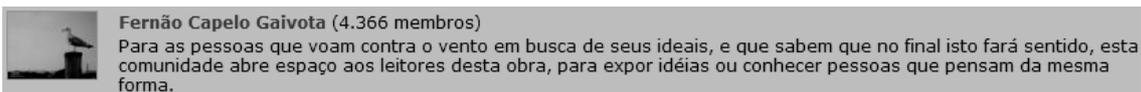
 **Liberdade pra dentro da Cabeça** (75.331 membros)  
 (((Liberdade pra dentro da cabeça)))

""Liberdade p'ra dentro da cabeça  
 Liberdade p'ra dentro da cabeça  
 Quando você for embora  
 Não precisa me dizer  
 O que eu não quero jogo fora  
 Você pode entender  
 Desigualdades e a luta  
 Afim de encontrar  
 A liberdade e a paz  
 Que a alma precisa ter  
 Estar com você  
 Na virada do sol  
 É compreender que o que há de melhor  
 Tá na vida, na transformação da natureza que me traz a noção  
 Na verdade eu não vou chorar  
 Hoje sei, o que o terra veio me ensinar  
 Sobre as coisas que vêm do coração  
 Pra que eu possa trazer para mim e pra você eee...  
 Liberdade p'ra dentro da cabeça""

Pra vc que se identifica com essa música, que na verdade pode ser considerada uma filosofia, ENTRE!

Queria deixar bem claro que esta comunidade não faz nenhum tipo de apologia ao uso de drogas, como também não tem nenhum preconceito contra o mesmo.

**Figura 42.** Comunidade 'Liberdade pra dentro da cabeça' adicionada por Luna ao próprio perfil



**Figura 43.** Comunidade ‘Fernão Capelo Gaivota’ adicionada por Luna ao próprio perfil no Orkut

Ao adicionar a comunidade ‘Fernão Capelo Gaivota’, Luna traz o personagem de uma história que leu para o seu perfil no Orkut e com ele dialoga. Este, por sua vez, tanto contribui para a organização do perfil [voz que descreve a comunidade e que permite à Luna resgatar o senso de independência, de liberdade] quanto orienta as ações de Luna, que passa a fazer tatuagem, editar fotos, escrever, enfim, agir, a partir do personagem da história. Nesse sentido, o personagem colabora com os diversos posicionamentos que Luna assume ao longo do tempo, permitindo à mesma enunciar tudo aquilo que considera significativo enquanto compõe o próprio perfil.

### 3.2.3. Análise do protocolo de entrevista de Mara

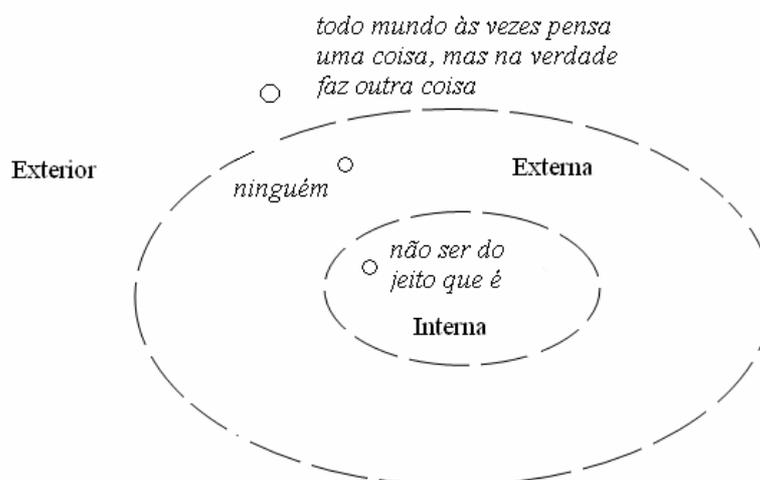
Mara é uma estudante de graduação, do sexo feminino e com 20 anos. A entrevista com a mesma teve uma duração de 18 minutos e aconteceu no dia 18 de setembro de 2007, logo após a exibição do filme “Um Conto de Natal” [*A Christmas Carol*].

Na ocasião, a entrevista ganha contornos informais, semelhantes aos diálogos estabelecidos entre as pessoas em situações cotidianas. Inicialmente, Mara foi convidada a responder as perguntas que estavam relacionadas ao filme e, mais especificamente, à história do personagem Ebenezer Scrooge que, neste caso, é considerado um outro social para fins deste estudo.

Num primeiro momento, ao ser convidada a descrever Ebenezer Scrooge para uma pessoa que supostamente nunca tivesse ouvido a história antes, Mara constrói um posicionamento social, apoiada numa perspectiva do personagem que revela como sendo uma pessoa “*meio cruel*”, que “*achava que tava fazendo tudo certo, mas esquecia os outros*”, que “*só ligava pro dinheiro*”, que era “*muito sozinho*” e “*frio*”, que do ponto de vista de Mara estava relacionado à transição para uma vida adulta e de responsabilidades quando a mesma refere que */.../ por imposição mesmo do:: círculo onde ele vivia (+) ele, foi meio que forçado a seguir um caminho /.../, associada às /.../ coisas que: parece que aconteceram com ele (+) desde a infância /.../*.

Ao ser confrontada com a possibilidade de uma mesma pessoa se revelar de maneiras tão diferentes quanto as que aconteceram com Scrooge, Mara ‘flutua’ entre posições externas e internas enquanto revela a experiência de ansiedade sentida em relação ao desejo de ser diferente do modo que pensa que é, quando afirma: */.../ é/ todo mundo às vezes pensa uma coisa, mas na verdade faz outra (+) coisa, não quer (+) ser do jeito que é/ no caso/ ou pelo menos não quer que ninguém saiba (+++) enfim (++) eu não sei explicar isso direito/ no caso/ eu acho que é isso /.../*

**Figura 44.** Posições do “eu” no relato de Mara ao ser confrontada com a possibilidade de uma mesma pessoa se revelar de maneiras tão diferentes



Ao ser confrontada com a possibilidade de semelhança de Scrooge, apesar das mudanças pelas quais o personagem passou, Mara associa esse aspecto de continuidade ao “jeito dele”, “ele adulto”, mas que */.../ tinha algo de quando ele era criança que ele (+) gostava da irmã pequena /.../*, relacionado na ocasião ao sentimento de “falta” das “coisas”, do “pai”.

Ao falar sobre o personagem, Mara convoca todos os outros que lhe parecem significativos na ocasião. Dessa forma, Mara constrói o outro como uma posição que o “eu” pode ocupar, tecendo inter-relações entre os eventos, as pessoas, os artefatos e o ambiente que, na ocasião, ganham um colorido, um tom pessoal.

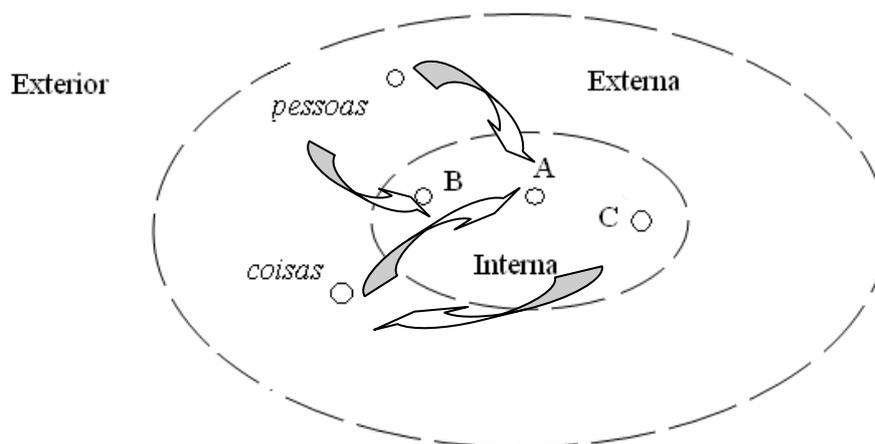
Do ponto de vista de Mara, a mudança então estaria integrada a algo de bom “dentro dele” que continuava nele [Scrooge]: */.../ ai eu acho que/ no caso/ ele tinha dentro dele alguma coisa, senão/ até mesmo porque se você não tivesse nada, tipo/ ser uma pessoa ruim, mas não tem NADA, NADA de bom dentro dele, eu acho difícil de (+) ser bom/ no caso/ do nada, assim (+) um espírito vem e faz você ficar uma pessoa boa e tal. Acho que se ele mudou é porque tinha algo a ver dentro dele e tal /.../* Em outras palavras, para Mara, a mudança seria o resgate daquele ‘homem bom’ que Scrooge sempre foi.

Na ocasião, Mara assume então um “eu” narrador [discurso indireto: ele], ao ajustar o próprio discurso em função de uma audiência [outros dialógicos], na tentativa de fazer sentido daquilo que está sendo comunicado.

- *Em relação a si mesma:*

Ao ser convidada a falar sobre si mesma há cinco anos atrás, Mara se descreve como uma pessoa triste naquela época, conectando esse ponto de vista a um sentimento de ódio por “*várias e várias coisas*” e por “*várias pessoas também*” estabelecendo uma relação de causa-e-efeito entre essas perspectivas e o fato de ter cometido “*algumas loucuras também*”: */.../ há cinco anos atrás, com quinze anos*” eu era/ eu acho que era mais triste ((risos)) e odiava mais *várias e várias coisas* (+) *várias pessoas também* (+) e fiz *algumas loucuras também, eh, tipo/ há cinco anos atrás/ por causa disso /.../*

**Figura 45.** Posições do “eu” no relato de Mara ao se descrever há cinco anos atrás



Posições internas:

A : “*triste*”

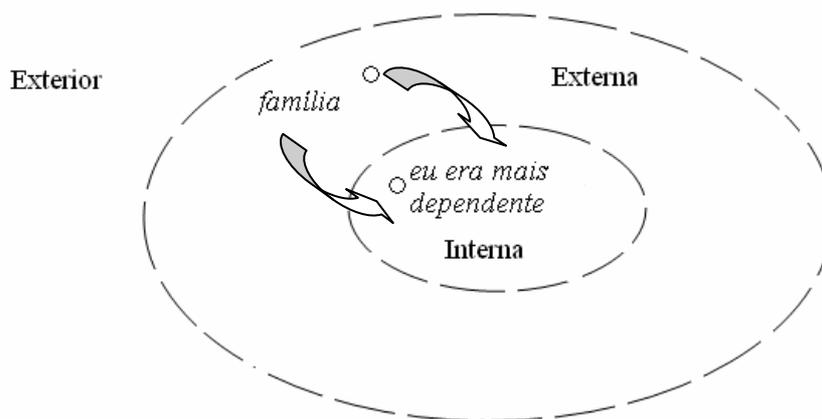
B : “*odiava*”

C : “*fiz algumas loucuras*”

Na seqüência, ao ser convidada a se descrever no momento atual, Mara organiza o próprio relato em função – dos outros e das circunstâncias – do passado, interligando as diversas fatias de tempo, surgindo como alguém que conseguiu “*superar várias coisas*”: */.../ bom, hoje, com relação ao passado*” com relação ao passado/ sei lá/ deu pra superar *várias coisas /.../*

Em seguida, ao ser confrontada com a possibilidade de mudança, Mara atribui às circunstâncias, que a mesma refere como “condição”, o fato de, na ocasião, ser mais “dependente da família”, o que a impossibilitava, naquela época, de fazer escolhas “por conta própria”: /.../ mudou foi praticamente a condição, sei lá (+) na/ há cinco anos atrás eu era mais dependente da família (+) hoje em dia já não sou tão dependente, então tem escolhas que eu posso fazer por conta própria, e não (+) de besteirinha, simulando (+) acho que: (++) o que mais mudou foi isso, no caso /.../

**Figura 46.** Posições do “eu” no relato de Mara ao ser confrontada com a possibilidade de mudança



Nesse caso, a perspectiva de Mara está relacionada à transição de uma posição de dependência para um posicionamento de busca de independência e autonomia, que do ponto de vista de Mara está associado à possibilidade de assumir suas próprias escolhas.

Ao ser convidada a pensar como é que uma mesma pessoa poderia agir de maneiras tão diferentes, Mara destaca a mudança ao afirmar que /.../ ninguém fica igual sempre /.../, atribuindo às circunstâncias o fato das pessoas passarem a pensar de forma diferente: /.../ bem, sei lá (+) acho que ninguém fica igual sempre (+) sempre tem

*alguma coisa que muda na gente como um todo (++) assim (3.0) eh:: mais estranho mas, enfim, eh:: acontecem coisas na vida que você termina (+) pensando de forma diferente (+) e tal /.../*

Na ocasião, Mara destaca as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Na perspectiva do *Self* Dialógico, essas transformações ocorrem de acordo com as mudanças na situação e no tempo, semelhante às que Mara pontua em seu relato. Assim, ao mudarem as circunstâncias, mudamos o modo como nos relacionamos com as pessoas, com os objetos e com o ambiente, mudamos nosso modo de agir e, conseqüentemente, o nosso ponto de vista passa a ter novos contornos. Contudo, reconhecer que essas mudanças existem implica, simultaneamente, reconhecermos a nossa continuidade, algo que nos torna os mesmos e que nos resgata da possibilidade de desintegração, de modo que nossa continuidade seja indissociável às mudanças no tempo. Mas para que essas coisas façam sentido para nós, precisamos tecer inter-relações entre aquele que somos e tudo aquilo que nos complementa e que chamamos de ‘meu’. No entanto, esse enredamento não dá conta de todas as possibilidades de descrição. Essa inconclusividade e incompletude, características ao diálogo, torna o outro indispensável ao processo, pois apenas podemos ser nós mesmos na relação com um outro que nos legitime e complemente.

Ao falar sobre si há cinco anos atrás, Mara assume então a perspectiva de um “eu” narrado [discurso direto: “eu”] ajustada em função de uma audiência cujo posicionamento contrasta com todas as vozes possíveis.

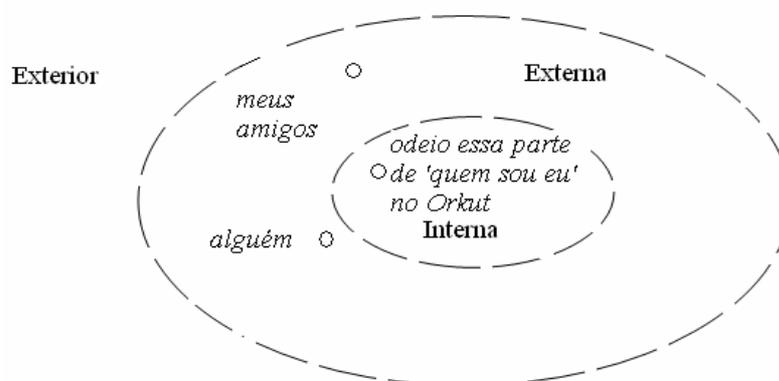
- *Em relação ao Orkut:*

Ao ser convidada a se posicionar sobre a situação em que é solicitada a falar sobre si mesma no perfil do Orkut, Mara assume uma perspectiva de desconforto face à possibilidade de falar sobre si num ambiente [virtual] público, o que relaciona a um sentimento de ódio quando declara: */.../ e:u odeio essa parte de quem sou eu no Orkut /.../*, o que estaria associado a uma condição de desvalorização desse campo no ambiente virtual, quando a mesma refere */.../ não sei pra que existe isso, viu”/.../*.

A mesma revela-se afetada pelas ações da audiência no ambiente virtual, freqüentemente tomando para si a posição do outro ao se referir sobre ela: */.../ eu boto o que os meus amigos dizem que eu sou /.../*, especialmente nas ocasiões em que esses outros se apresentam “*tirando onda*”. No entanto, na seqüência, Mara assume uma posição de desinteresse frente à possibilidade de postar algo sobre si mesma no ambiente virtual ao afirmar: */.../ eu nunca che cheguei pra parar lá (+) – eu sou uma garota assim, assim, assado /.../* mas, apesar disso, age semelhante aos próprios “*amigos*”, ao se posicionar em relação a eles no Orkut: */.../ só boto alguma coisa assim, tirando onda com alguém e pronto/.../*

Portanto, na ocasião de interação com a pesquisadora e a fim de atingir os propósitos dessa interação, Mara assume um “eu” narrado [discurso direto: “eu”], embora convide outros interlocutores – que a mesma chama de “*amigos*” e de “*alguém*” – estabelecendo uma relação dialógica com essas audiências imaginadas: */.../ eh, e:u odeio essa parte de quem sou eu no Orkut (+) não sei pra que existe isso, viu” enfim (+) eu geralmente eu boto algo tirando onda, eu boto o que os meus amigos dizem que eu sou (+) quando eles avacalham tirando onda (+) enfim (+) mas eu nunca che cheguei pra parar lá (+) – eu sou uma garota assim, assim, assado (+) só boto alguma coisa assim, tirando onda com alguém e pronto (só isso) /.../*

**Figura 47.** Posições do “eu” em relação ao campo ‘quem sou eu’ no Orkut de Mara



Assumindo múltiplos posicionamentos, Mara se revela e desenvolve por meio dos diálogos montados entre as diversas vozes, nomeando, contrastando e negociando as diversas leituras [interpretações] que faz da própria relação com os demais, com os artefatos e com o ambiente.

Na tentativa de compor uma identidade narrativa [senso de continuidade], Mara estabelece diálogos entre seu próprio “eu” e os “eu’s” dos outros [agentes] de modo que tanto Mara quanto esses outros estejam implicados num processo de autoria e co-autoria, conforme os exemplos que se seguem:

- Voz de Mara [autoria]:
  - 1) /.../ e geralmente eu penso (+) – daqui a cinco anos eu não quero nem vê-lo, nunca mais /.../
  - 2) /.../ mas eu nunca che cheguei pra parar lá (+) – eu sou uma garota assim, assim, assado /.../
- Voz dos outros “eu’s” [co-autorias]:
  - 1) /.../ só pro povo (+) – nossa’ você é fã mesmo dele’ /.../



Na ocasião da entrevista com a pesquisadora, ao ser convidada a pensar sobre a possibilidade de estabelecer uma conexão entre a pessoa que foi, que é e que pretende ser um dia, ou se acha que isso não tem nada a ver, Mara assume uma perspectiva que confere lugar de destaque ao pai – voz dominante no relato de Mara –, estabelecendo, inicialmente, uma ligação entre o momento atual e a própria conduta no passado, ao afirmar que há cinco anos atrás era */.../ totalmente dependente dele/.../* e, no que considera o presente, revela que */.../ hoje em dia eu já não obedeço tanto /.../*

Mara relaciona esse desejo pessoal de independência e autonomia às próprias expectativas futuras, negativas em relação ao pai, de modo a mover-se no tempo e no espaço – posições do “eu” – relacionando tudo aquilo que associa a uma vivência negativa do futuro ao lado dele, o que repercute nas atitudes de Mara quando a mesma afirma: */.../ geralmente eu penso (+) – daqui a cinco anos eu não quero nem vê-lo, nunca mais /.../*, embora atualmente revele um sentimento contraditório de “pena” em relação ao mesmo.

Ao ser convidada a pensar sobre uma possível ligação entre quem era, quem foi e quem pretende ser um dia por meio do Orkut, ou se considera que isso não tem nada a ver, Mara destaca o aspecto sócio-comunicativo do software, revelando uma tendência pessoal às trocas dialógicas no mesmo, ao afirmar: */.../ eu voltei a falar com várias pessoas que eu tinha perdido contato /.../*, bem como quando se refere às ações sociais filantrópicas com as quais se envolve, recorrendo ao software social como um meio alternativo de divulgação dessas ações: */.../ tem umas obras que a gente fazia de de doação mesmo, dia das crianças, Natal, não sei o quê/ que ai o Orkut também dá uma ajuda nesse sentido (+) dá pra você divulgar mais /.../*

Desse modo, a subjetividade revela-se contraditória, múltipla e dinâmica, adquirindo diversos contornos ao longo do tempo. Mas apesar dessa diversidade de

perspectivas e posicionamentos, o sujeito consegue, recorrendo às práticas de sustentação de si, assegurar o próprio senso de continuidade face às mudanças evidentes no fluxo da experiência.

### 3.2.3.3. Senso de continuidade de Mara no trânsito entre situações presenciais e virtuais

#### a) Senso de continuidade relacionado ao sentimento de ambivalência de Mara em relação ao pai

- ❖ Na entrevista presencial, em relação a um outro social:

*/.../ sentia falta do:/ das coisas, sei lá/ do pai e tal /.../*

- ❖ Na entrevista presencial, em relação a si mesma:

*/.../ por causa do meu pai, já tive muitos problemas com ele e tal /.../*

*/.../ e eu acho que foi isso que me ajudou meio que a superar os problemas de dentro de casa (+) com meu pai (+) ai:: mas algumas coisas ficam realmente, por mais que eu diga que superei várias coisas que eu já passei com ele, mas sempre fica aquela mágoa (++) zinha lá no fundo (+) que mesmo você nem quer (++) esquecer, enfim/ /.../*

*/.../ se fosse pegar com o meu pai, há:: cinco anos atrás, eu:: tinha que obedecer ele /.../*



durante as trocas dialógicas que estabelece com a pesquisadora a partir de um referencial que lhe é familiar. Na ocasião, Mara passa então a nomeá-los como “*coisa*” ou “*coisas*”, recriando e garantindo a continuidade deste aspecto de si [posição do “eu”] no trânsito entre as situações presenciais e virtuais, conforme podemos verificar nos fragmentos que se seguem:

**b) Senso de continuidade relacionado aos eventos que Mara considera significativos para si e que nomeia como “*coisa*” / “*coisas*”.**

❖ Na entrevista presencial, em relação a um outro social:

*/.../ achava que tava fazendo tudo certo, mas (+) esquecia os outros (+) ai só ligava pro dinheiro dele (+) ai depois aconteceram umas coisas e ele mudou, né” /.../*

*/.../ eu acho que é: isso/ que ele foi se tocando de como ele poderia fazer uma coisa e que ele não fa:z e faz tanta gente sofrer por causa disso/ por causa das ações dele /.../*

*/.../ sentia falta do:/ das coisas, sei lá/ do pai e tal /.../*

❖ Na entrevista presencial, em relação a si mesma:

*/.../ há cinco anos atrás, com quinze anos” eu era/ eu acho que era mais triste ((risos)) e odiava mais várias e várias coisas (+) várias pessoas também (+) e fiz algumas loucuras também, eh, tipo/ há cinco anos atrás/ por causa disso /.../*

*/.../ com relação ao passado/ sei lá/ deu pra superar várias coisas /.../*

*/.../ e eu acho que foi isso que me ajudou meio que a superar os problemas de dentro de casa (+) com meu pai (+) ai:: mas algumas coisas ficam realmente, por mais que eu diga que superei várias coisas (+) que eu já passei com ele, mas (+) sempre fica aquele aquela mágoa (++) zinha lá no fundo /.../*

<i>/.../ mas outras coisas mudam (+) alternando o tempo /.../</i>
<i>/.../ sempre tem alguma coisa que muda na gente como um todo (++) assim (3.0) eh::, mais estranho mas, enfim, eh:: acontecem coisas na vida que você termina (+) pensando de forma diferente (+) e tal /.../</i>
<i>/.../ é como no filme (+) aconteceu alguma coisa e ele terminou pensando de uma forma diferente sobre as coisas que ele fazia e que acontecia ao/ em redor dele /.../</i>

❖ Na entrevista presencial, em relação ao Orkut:

<i>/.../ se bem que tem gente que eu nunca vi, mas é gente do:: do grupo, tipo/ (+) de comunidades de amigos/ que eu gosto de anime/ então tem coisa a ver/ então a gente se fala (+) não tem ninguém que eu nunca tenha falado/ lá /.../</i>
<i>/.../ tem um clip que eu adicionei também (+) geralmente coisa que eu gosto de vídeo.”</i>
<i>/.../ só boto alguma coisa assim, tirando onda com alguém e pronto (+) (só isso) /.../</i>

❖ No perfil de Mara no Orkut:

com os relacionamentos anteriores aprendi:

**Figura 51.** Campo ‘com os relacionamentos anteriores aprendi’ editado por Mara no perfil pessoal do Orkut

### 3.2.4. Aspectos colaborativos do ambiente

Na comunicação em redes sociais, a complexidade humana dialoga, interage e se relaciona com os demais componentes do sistema, se transformando e se atualizando de acordo com as particularidades de cada contexto.

Nesse sentido, ao transitar por cenários presenciais e virtuais, as diversas singularidades [outros “eu”s], protagonizadas nas histórias de vida narradas pelos usuários de Orkut, se interligam a partir de afinidades, gostos e interesses comuns, cujos elos em relação ao ambiente virtual estão situados, portanto, nos *links* – lugares simbólicos – entre perfis e comunidades, bem como entre usuários e desenvolvedores.

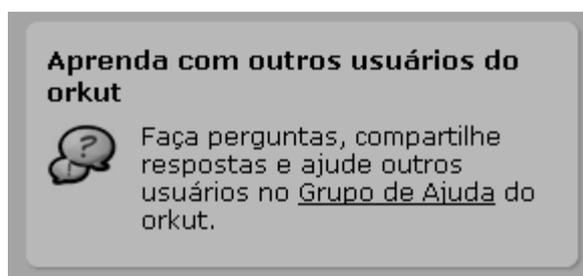
Paradoxalmente, esses *links* demarcam os posicionamentos assumidos pelo sujeito na relação que estabelece com os demais de forma que o sujeito, ao se diferenciar desses outros, possa, simultaneamente, estar conectado a eles a partir daquilo que tanto o sujeito quanto esses outros conhecem do mundo físico:



**Figura 52.** Interesses pessoais dos fãs de Luna no Orkut.

Dessa forma, orientados por afinidades, gostos e interesses comuns, autores e co-autores organizam suas ações, deixando suas marcas no acabamento daquilo que está sendo enunciado.

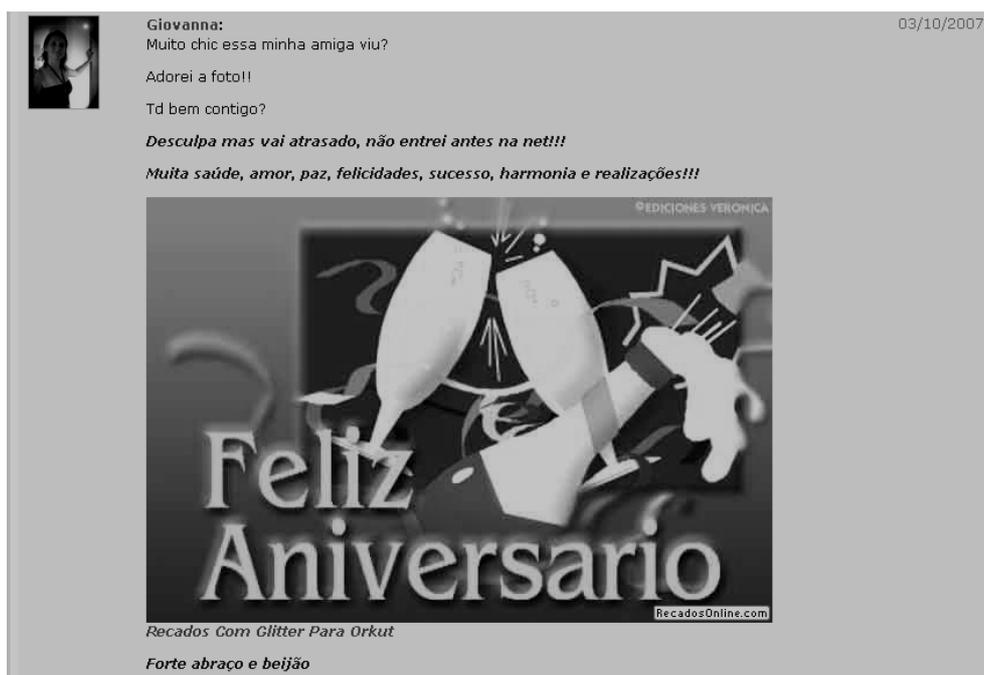
Essa conduta pode ser observada no ambiente virtual quando um usuário gosta daquilo que outro gosta ou mesmo experimenta um sentimento qualquer por outra pessoa que também tem um perfil, ou ainda nas comunidades em que se observa a reunião de um grupo de pessoas em torno de interesses e/ou objetivos comuns, bem como nos casos, por exemplo, em que desenvolvedores e usuários colaboram ajudando uns aos outros:



**Figura 53.** Diálogo entre desenvolvedores e usuários de Orkut

Desse modo, semelhante ao que ocorre em situações presenciais, a comunicação no ambiente multitarefa do Orkut torna possível a co-regulação e a co-autoria entre os integrantes da rede que, ao tecer os fios dialógicos, conferem vida ao ato narrativo de compor um perfil virtual.

Além disso, observamos que na interface do software as marcas de estilo mediadas pelas configurações sígnicas despertam emoções nas pessoas [e.g. tamanho e cor das letras; organização do conteúdo; tamanho, cor e forma das imagens; sons; etc.], o que nos possibilitou relacionar a interface e as composições narrativas dos usuários no ambiente virtual a uma obra de arte:



**Figura 54.** Mensagem de Scrap enviada por uma componente da rede de amigos de Luna em 03/10/2007.

Nesse sentido, firmamos nossa convicção de que a relação entre cognição, afeto, subjetividade e os aspectos sócio-histórico-culturais, concebida a partir da atividade e experiência humana dialógica de endereçamento do discurso a um outro, pode ser pensada de modo relacional e dinâmico na ocasião de uso de artefatos, que em interconexão com os humanos, viabilizem ações colaborativas intersubjetivas.

### 3.2.5. Depoimentos

O que se observa nessa modalidade de registro é que os depoimentos tomam forma por meio da narrativa dos amigos que integram a rede do autor do perfil. Estas construções narrativas estariam relacionadas ao “lugar” simbólico que inscreve o sujeito

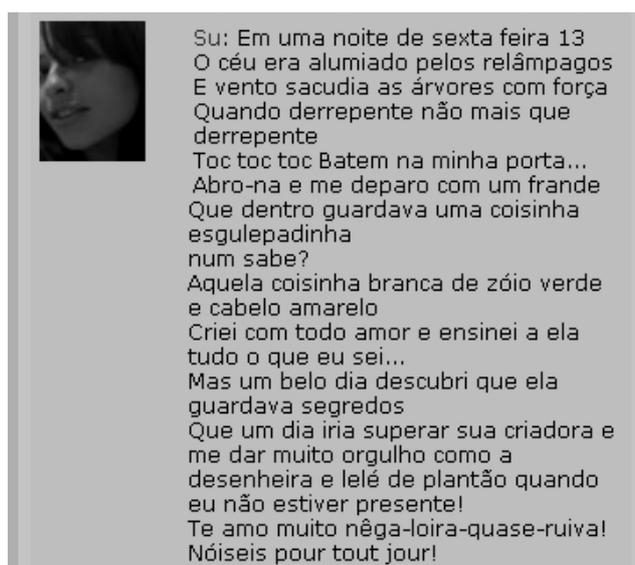
na existência daquele que dá o testemunho, o que, por sua vez, legitima a existência do autor do perfil [legitimação do outro enquanto falante].

Ou seja, embora o outro para quem o usuário endereça o testemunho esteja fisicamente ausente na ocasião, ele passa metaforicamente a existir ao ser incorporado à mensagem.

Aquele que registra o depoimento, ao descrever o amigo, vai privilegiar certas qualidades ou características em detrimento de outras, distinguindo esse amigo dos demais, fundamentando-se, para tanto, nas interações e colaborações estabelecidas entre ambos tanto em cenários presenciais quanto virtuais.

Contudo, esses depoimentos apresentam uma peculiaridade que os diferencia das demais formas de registro no Orkut: a possibilidade do autor do perfil recusá-lo antes que seja publicado.

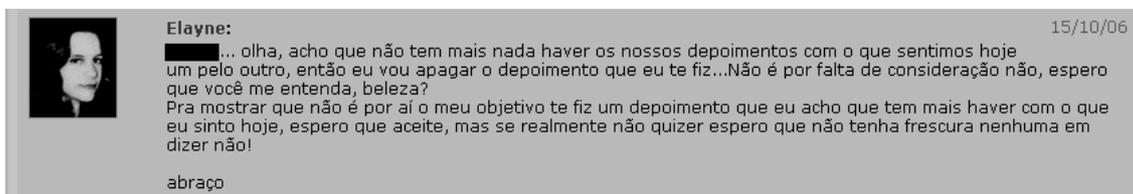
Em outras palavras, caso o autor do perfil, por algum motivo, não concorde em publicar o ponto de vista daquele que escreveu o testemunho, pode apagá-lo do próprio perfil antes mesmo que outras pessoas tomem conhecimento daquilo que supostamente seria publicado.



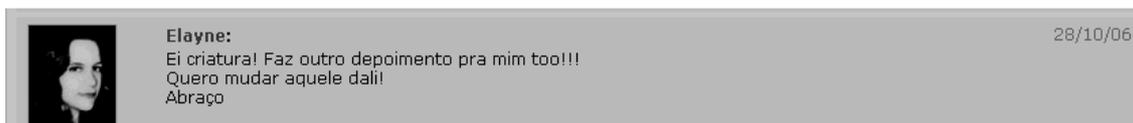
**Figura 55.** Depoimento enviado por uma componente da rede de amigos de Mara, aceito e publicado no próprio perfil

É possível observarmos ainda que as relações dinâmicas estabelecidas entre o autor do perfil e aquele que dá o testemunho repercutem nas negociações entre os usuários no ambiente virtual.

Essas negociações estão integradas às circunstâncias entre os mesmos, tornando possível a ambos reverem seus pontos de vista pessoais [relações dinâmicas circunstanciais entre as posições do “eu”], de modo que a passagem de um depoimento A para um não-A implique no reposicionamento das posições do “eu”, conforme observamos nos diálogos abaixo:



**Figura 56.** Usuária envia mensagem para o perfil de João explicando mudança de depoimento



**Figura 57.** Usuária negociando mudança de depoimento com o autor do perfil

### **3.2.6. Fotos, imagens, áudio, vídeo e os aspectos de colaboração entre os envolvidos na atividade de criar um perfil online**

As observações *online* dos comportamentos dos usuários nos possibilitaram, ainda, apontar aspectos relacionados à coordenação das ações realizadas pelos mesmos. Na versão *online* de fotos, por exemplo, pudemos observar que estas funcionariam com

uma espécie de reapresentação pública das fatias de tempo que compõem a história de vida dos usuários.

No caso do Orkut, o recurso ‘álbum’ funciona como um repositório *online* que garante aos usuários tanto a preservação como um lugar de destaque às fotos e imagens que geralmente são armazenadas em locais físicos.

Ao escolher as fotos que pretende publicar no ambiente virtual, o autor do perfil leva em consideração uma suposta audiência – outros significativos – para quem “envia” essas fotos.

Essa audiência, além de acessar o perfil para ver as fotos, pode também armazená-las no próprio computador e imprimi-las quando, como e onde quiser. As fotos então passam a transitar nos diversos cenários que compõem a experiência humana, revelando indícios das interações entre as pessoas.

Além de publicar as fotos, o autor do perfil também pode editá-las, compondo uma trama de significados e sentidos que inscreve na própria existência esses eventos destacados nas imagens.

Ao editar as fotos, o autor do perfil endereça sua mensagem a um destinatário, ainda que imaginado. Ao tecer comentários, essa suposta audiência se posiciona em relação às fotos, afetando o autor do perfil, de modo que ambos deixem suas marcas no acabamento daquilo que está sendo editado, por exemplo: na escolha de verbos, pronomes, abreviações, entonações, no uso de dêiticos e na organização textual.



De modo semelhante, *links* de áudio e vídeo, viabilizam a divulgação e o acesso de informações pessoais entre parceiros remotos, possibilitando que um deles saiba o que o outro gosta, quem está por perto, o que faz, ou pretende fazer, por exemplo.



**Figura 59.** Vídeos favoritos adicionados ao perfil de João no Orkut



**Figura 60.** Link de áudio adicionado ao perfil de Luna no Orkut

De posse dessas informações, os usuários, apesar de fisicamente distantes, podem se aproximar comunicativamente uns dos outros, criando elos entre perfis, entre perfis e comunidades bem como entre situações presenciais e virtuais a partir de tudo aquilo que eles conhecem do mundo físico.

### **3.2.7. Contribuição dos grupos sociais à constituição do senso de self do usuário de Orkut**

Nos processos de constituição intersubjetiva, que ocorrem desde os primeiros momentos de vida, as comunidades em relação às quais o sujeito se vincula e participa colaboram, fundamentalmente, com a constituição do senso de continuidade do sujeito.

No que diz respeito ao Orkut, as comunidades chamam atenção pelas características peculiares do ambiente virtual. Embora os usuários não estejam fisicamente presentes, encontram-se metaforicamente incorporados ao contexto, de modo a se apresentar como uma subjetividade marcada pelos posicionamentos revistos e negociados com os demais, como nos casos em que o membro da comunidade pode ser identificado por uma foto, uma imagem, um apelido ou expressão característica:

orkut | Início | Página de recados | Amigos | Comunidades | @gmail.com | Sair | pesquisa do orkut

## Ferreira

Início > Comunidades > Ferreira

descrição: Se você possui o sobrenome Ferreira, junte-se a nós. Seja bem vindo.

História dos Ferreiras

Nome de raízes caracteristicamente toponímicas, teve a sua origem, segundo alguns autores, na designação da vila de Ferrera, em Castela, hoje Herrera de Rupisverga, havendo outros que a dão numa das várias vilas portuguesas com o mesmo nome.

Terá sido o fundador desta família em Portugal, D. Fernando Álvares Ferreira, senhor do paço de Ferreira, na freguesia de S. João de Eiris, comarca de Aguiar de Sousa, rico-homem de D. Sancho I.

Armas dos Ferreiras

De vermelho, quatro faixas de ouro. Timbre: uma avestruz de sua cor, com uma ferradura de ouro no bico. Alguns Ferreiras usam as armas dos Herreras espanhóis o que não está correto em termos heráldicos.

idioma: **Português**

categoria: Família e Lar

dono:

tipo: pública

local: Brasil

criado em: 3 de julho de 2004 19:53

membros: 7.557

Agora os donos de comunidades podem ocultar determinados recursos. Entre em contato com o dono caso deseje reativar fóruns, enquetes ou eventos nesta comunidade.

**membros (7557)**

Diogo (568) Srta.Blue (702) a e i n e (915)

)cesar( (377) Mariana (283) είς\*\*Caroline (348)

Raphaela (57) Diego (278) Gê (243)

[ver membros](#)

orkut | Sobre o orkut | Blog | Centro de segurança | Privacidade | Termos de uso | orkut in english | Ajuda | Google

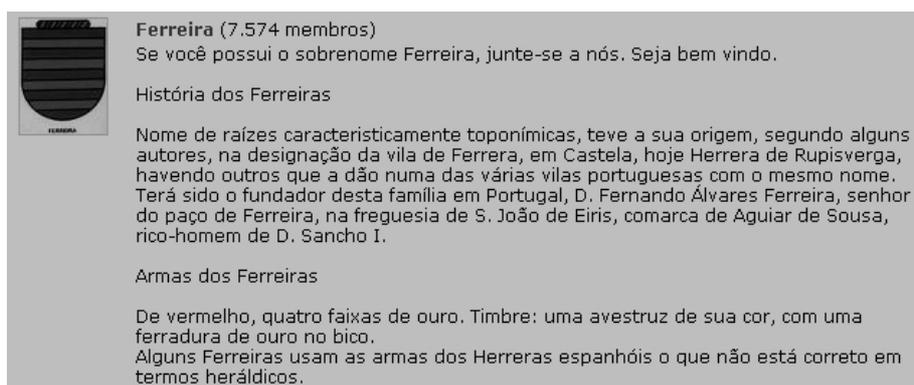
**Figura 61.** Página inicial da comunidade Ferreira adicionada por João ao próprio perfil no Orkut

Esses personagens contracenam no Orkut, atuando como protagonistas da historinha que o autor conta ao compor o próprio perfil de modo a ajudar essa autoria a compor uma identidade – imagem de ‘mim’ – no ambiente virtual.

Além disso, a fim de organizar as discussões e evitar ações indesejadas dos freqüentadores, a comunidade conta com um moderador, que pode ser o próprio dono da comunidade ou alguém designado para esse fim. Este então ocupa um lugar

simbólico privilegiado em relação aos demais integrantes, passando a ter o controle das vozes que serão publicadas ou excluídas do ambiente virtual.

As comunidades do Orkut contam ainda com uma breve descrição que, por sua vez, revela a fala de um outro situado em um tempo histórico diferente, fora do contexto narrativo atual. Ao integrar a comunidade, adicionando-a ao próprio perfil, o sujeito então se apropria do discurso desse outro e, por meio deste, fala sobre si. Desse modo, a voz que descreve a comunidade dialoga com as vozes do autor do perfil permitindo que este possa criar um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. (Bakhtin, 2002)



**Figura 62.** Composição narrativa construída pelo dono da comunidade 'Ferreira' apropriada por João ao integrar a comunidade ao próprio perfil

Isso pode ser observado tanto na relação do sujeito com as descrições das comunidades, quanto nos casos em que o autor do perfil recorre à citação de poemas, músicas e outros artifícios a fim de comunicar aos demais uma descrição de si mesmo.

No caso do usuário João, quando questionado sobre as comunidades no Orkut, o mesmo assume a posição de participante de um grupo: *./.../ ai tem lá o meu grupo ./.../* e constrói um discurso que, por sua vez, revela que esses vínculos de pertencimento às comunidades, caracterizam o próprio perfil: *./.../ é mais um complemento do meu perfil ./.../*, falando dele mesmo: *./.../ eu:: adiciono a comunidade quando ela tem algo a ver*

*comigo/.../ e mais adiante justifica: /.../ é mais fácil procurar uma comunidade que você se identifique do que ficar escrevendo tudo e/ a/ tipo/ um texto enorme que ninguém vai ler /.../*

Observamos no relato do usuário João que o mesmo legitima os demais enquanto falantes ao afirmar: */.../ eu faço parte de comunidades que dizem coisas que eu faço /.../ bem como quando diz: /.../ eu acho que as comunidades dizem muito /.../, ou ainda: /.../ as comunidades que eu, que eu adiciono de/ tipo/ eu gosto é disso, eu gosto daquilo e tal, dizem um pouco que/ um pouco do que eu to propenso a fazer, a ouvir /.../, atribuindo vozes aos demais e com eles montando diálogos à medida que se comunica no ambiente virtual.*

Já a usuária Luna, em seu relato, relaciona as atividades que desenvolve em situações presenciais e virtuais [posição externa] à experiência agradável que associa ao sentimento de pertença [posição interna] às comunidades do Orkut, quando a mesma declara que: */.../ por sinal, uma coisa que eu adoro é escolher comunidade (+) eu a-doro (+) então, elas têm muito a ver comigo (+) tanto offline como online /.../*

Conforme observamos no relato de Luna, esse vínculo de pertencimento às comunidades *online* está relacionado aos seus gostos e interesses pessoais que, na perspectiva da usuária, conectam suas atividades presenciais às atividades em relação às quais se encontra engajada nos ambientes virtuais, pois reconhece que, em certo sentido, o perfil *online* assegura uma identidade narrativa, tendo em vista que o mesmo reflete quem ela é: */.../ por exemplo (+) eu gosto de dirigir cantando está diretamente ligada à minha vida offline, eh, que eu gosto muito, sempre dirijo cantando, e sempre com a música alta no carro (+) quer dizer, é mais ou menos como se refletisse mesmo o meu perfil (+) e eu adoro tá atrás de comunidade que que tem a ver comigo, eu adoro /.../*

### 3.2.8. Segurança segundo a experiência do usuário

Verificamos nas interações face-a-face e ao longo das observações dos perfis dos entrevistados [etnografia virtual] que alguns usuários adotam um certo nível de restrição quando se referem ao ato de publicar informações privilegiadas – pessoas e eventos significativos da história de vida dos usuários – no processo de composição do próprio perfil no Orkut.

A fim de se preservar e preservar a integridade da rede de amigos devido a um sentimento de insegurança em relação às ações inescrupulosas de terceiros, os usuários passam a filtrar as informações, de modo que aquelas que consideram mais relevantes sejam de algum modo protegidas em função da possibilidade de acesso por uma pessoa indesejada.

Para tanto, o software social Orkut atualmente disponibiliza alguns recursos que minimizam o desconforto pessoal dos usuários diante desta possibilidade, embora isso não impeça a criação de estratégias alternativas por aqueles que ainda se sentem ameaçados.

Por exemplo: durante a entrevista presencial, Luna é questionada sobre quem costuma adicionar ao perfil do Orkut, quando então revela algumas das suas estratégias para evitar o acesso indesejado às informações que constam no perfil: */.../ muitas coisas saíram sobre o Orkut/ de pessoas envolvidas com com coisas eh: ruins/ com negócio de/ com lance de droga, ou de pedofilia ou de qualquer coisa assim (+) eu resolvi então, nesse meu novo perfil, só adicionar quem eu conheço (+) eu só adiciono mesmo quem eu conheço /.../ e complementa: /.../ eu levo em consideração as coisas que eu gosto, as coisas que não tem um nível de confidencialidade muito grande /.../.*

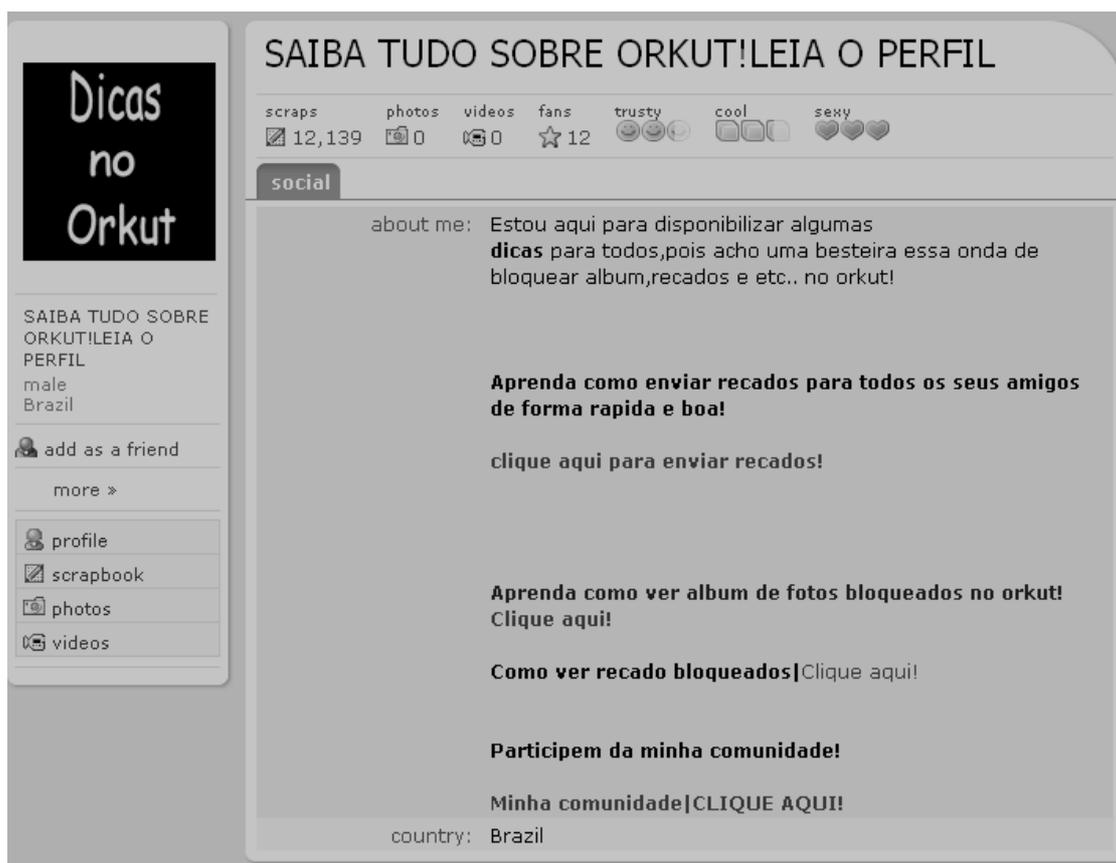
Embora reconheça que o perfil de Orkut, em algum nível, assegura a manutenção de si mesma no ambiente virtual: */.../ eu levo em consideração mostrar o que me agrada, o que eu gosto, eh, eu boto: poesias ou poemas que tenham algum significado pra mim, ou que me refletem /.../*, Luna resgata a posição anteriormente assumida no relato: */.../ o que tem um caráter de de confidencialidade maior, eu não boto /.../* preservando, então, algumas informações significativas das ações indesejadas de terceiros.

### **3.2.9. Colaboração e segurança *online***

Por estarmos fundamentados numa proposta de observação etnográfica das interações e colaborações entre usuários do Orkut, freqüentemente voltamos nosso interesse ao material que surge das ações coordenadas entre os usuários na interface do software que estariam relacionados ao que nos propomos investigar.

Durante o período de observação, pudemos constatar que o ato de publicar informações pessoais no Orkut, em alguns casos, é bastante afetado pelas ações de terceiros que tentam burlar a segurança na rede.

Nesse sentido, notamos um aumento significativo de perfis *bogus* – uma variação dos perfis *fakes* –, usados para praticar ações ilícitas na rede:



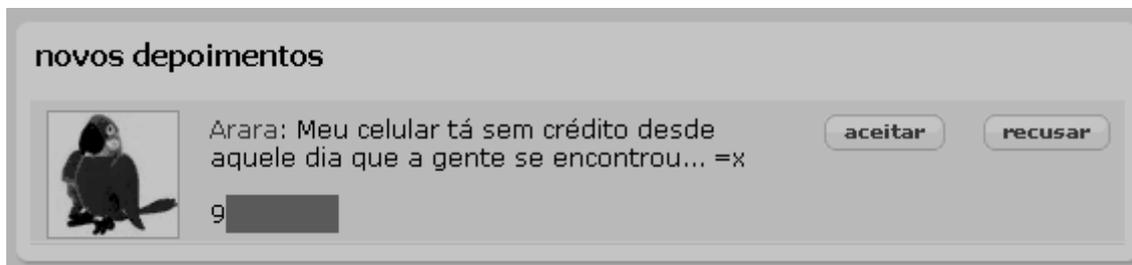
**Figura 63.** Perfil *Bogus* que disponibiliza informações com a finalidade de burlar a segurança do sistema

Apesar do Orkut ser um software social e a comunicação das informações dos perfis serem predominantemente públicas, observamos que em algumas ocasiões, as pessoas criam estratégias a fim de resguardarem uma certa privacidade em relação ao conteúdo publicado de modo que o mesmo não seja visualizado por pessoas indesejadas.

Tais situações puderam ser observadas principalmente nos casos em que os integrantes do Orkut restringem a visualização de fotos, vídeos e mensagens, ou ainda quando os usuários trocam informações sigilosas por meio do envio e recebimento de depoimentos, tendo em vista que estes apenas são publicados caso sejam aceitos pelo autor do perfil.

O envio e recebimento de mensagens sigilosas por depoimento, por sua vez, se assemelham às conversas face-a-face presenciais quando as pessoas então sussurram

umas com as outras no momento em que um determinado assunto se torna mais privado ou secreto, adquirindo, assim, um caráter de confidencialidade:



**Figura 64.** Envio do número de celular por depoimento

### 3.2.10. *Fakes*: vozes, identidades e mundos paralelos no Orkut

De um modo geral, a grande quantidade de *fakes* ou perfis “falsos”, assim denominados pelos usuários no Orkut, chamou-nos atenção, o que nos convida a tecer algumas considerações sobre o fenômeno.

Inicialmente, do nosso ponto de vista, advogamos que os *fakes* não estariam relacionados a uma identidade falsa ou a quem a pessoa exclusivamente não é – um suposto não-ser<sup>4</sup> desvinculado do ser –, mas a uma síntese entre aquele que é e aquele que não é, já que a pessoa pode ser descrita, inclusive, por tudo aquilo que ela não é.

Em outras palavras, ao criar um perfil no Orkut, por exemplo, o usuário recorre a um personagem que é o protagonista da historinha que o autor conta sobre si. Esse

---

4. O não-ser vem de uma tradição filosófica que não pretendemos nos aprofundar aqui, já que nos propomos defender o ser a partir da noção de dualidades enquanto unidades sistêmicas de dois opostos que são interdependentes pelas relações dinâmicas e auto-organizadas das partes com o todo, o que torna possível, inclusive, definir o ser por tudo aquilo que ele não é [funcionamento psicológico explicado em termos das posições do “eu” em constante mudança e que são mapeadas tanto estrutural – interno e externo – quanto temporalmente – presente, passado e futuro], conforme propõe Valsiner (2004, 2005).

personagem, por sua vez, constrói uma imagem de ‘mim’ no mundo. Em tais situações o personagem é um ator que contracenando com outros personagens no ambiente virtual.

No entanto, enquanto compõe a historinha, o autor do perfil pode atribuir vozes a esses personagens, que de atores passam a heróis [“eu”] da trama. Nessa ocasião podemos observar a livre movimentação das consciências desses heróis que passam a agir no ato narrativo, colaborando como uma co-autoria para a construção dos elos discursivos que asseguram a continuidade do autor do perfil em meio às mudanças.

Tendo em vista que no ambiente virtual o sujeito se apresenta como signo (PERES, 2007), ao compor um perfil no Orkut o autor se revela como marcas de estilo e mantém relações com uma multidão de interlocutores [outros] metaforicamente incorporados ao ambiente.

É para essa audiência que o usuário endereça sua mensagem, repleta de marcas de estilo. Essas marcas [cor, tamanho e disposição das imagens, abreviações, entonações, organização do conteúdo, tamanho e cor das letras, etc.], por sua vez, apresentam contornos que, semelhante a uma obra de arte, despertam emoções nas pessoas, tornando possível às pessoas sentirem o virtual como uma extensão do mundo físico.

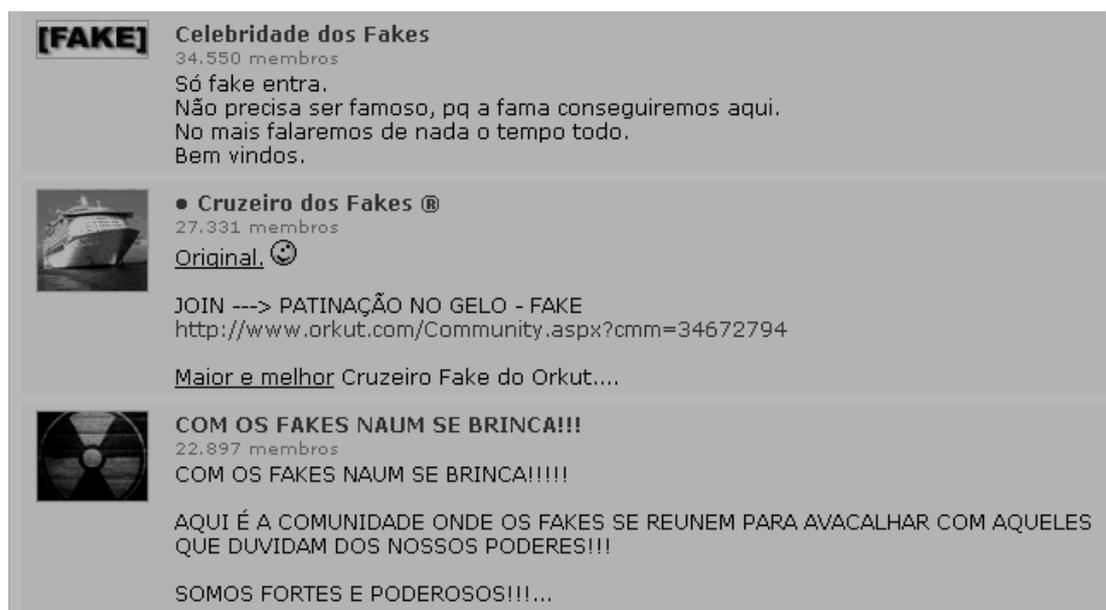
Ao se aproximar dos demais usuários por afinidades, gostos e interesses<sup>5</sup> enquanto compõe o próprio perfil, o autor se vincula a tudo aquilo que lhe parece significativo na ocasião de modo a se diferenciar daqueles em relação aos quais não deseja ser ou parecer conectado.

Desse modo, enquanto se engaja na atividade de compor um *fake*, o autor do perfil pode, inclusive, ter suas ações legitimadas a ponto de passar a integrar

---

5. Do nosso ponto de vista, afinidades, gostos e interesses são âncoras virtuais que aproximam as pessoas daquilo que elas conhecem do mundo físico.

comunidades relacionadas a esse tipo de prática:



**Figura 65.** Comunidades relacionadas aos *Fakes*

Mesmo compondo um perfil que considera *fake*, o autor do perfil se posiciona em relação a tudo aquilo que o aproxima dos seus semelhantes [pessoas e grupos] e o diferencia dos demais. Nesse caso, o usuário da internet, usando uma máscara como disfarce, transforma a si mesmo para então se revelar, de modo que, ao criar uma máscara, o usuário deixe-a cair, passando a co-existir no espaço de fluxos digital.

Ou seja, advogamos que as narrativas construídas em um perfil *fake* revelam algumas entre as tantas outras vozes possíveis, permitindo ao sujeito tanto estabelecer concessões – ao agir como se fosse um outro – quanto defender o próprio ponto de vista, se implicando em um processo de autoria.

Esse aspecto multifacetado e polifônico do *Self Dialógico* permite que o sujeito interprete a situação e se defina de uma forma que nem sempre corresponde às expectativas que as pessoas do próprio convívio fazem dele, embora paradoxalmente possibilite ao sujeito assegurar o senso de continuidade que o resgata da mudança e o inscreve na própria existência.

### 3.3. Sobre o Orkuticídio

O orkuticídio, como o próprio termo sugere, é considerado pelos integrantes do Orkut como uma espécie de suicídio virtual, cuja principal característica é a exclusão do perfil da rede de amigos.

Em geral, aqueles que cometem o orkuticídio alegam que querem distância do ambiente virtual, pelo menos até criar um novo perfil virtual, uma nova versão de si mesmo.

Ao criar um perfil no Orkut, o usuário passa a contracenar com os demais integrantes da rede e com eles constrói uma imagem de ‘mim’ no mundo. Essa reapresentação de si na tela, por sua vez, age como uma alteridade que ativamente colabora para que o sujeito cognoscente possa refletir sobre a imagem em construção no Orkut.

Por ser um ambiente público, o autor do perfil freqüentemente se confronta com a opinião dos demais. Esse *self* digital, repleto de múltiplas vozes, permite ao sujeito contemplar-se a partir de diversos pontos de vista, de modo que, ao compor um perfil virtual, o autor passe a refletir sobre os posicionamentos assumidos na interação e diálogo com os outros metaforicamente incorporados ao contexto.

Nesse caso, esses outros colaboram para que o autor do perfil teça razões que justifiquem a exclusão do próprio perfil da rede. Como a internet possibilita aos usuários editar, recortar, copiar, colar bem como deletar a si mesmo e aos demais, o autor se vê diante da possibilidade de conferir uma nova versão à realidade, um novo contorno à própria existência, conforme as mudanças no contexto.

Desse modo, a fim de se adaptar a essas mudanças, o usuário também muda, assumindo diversos posicionamentos ao longo do tempo enquanto cria novos perfis na rede. No entanto, em meio a toda essa mudança, o usuário deixa suas marcas, assegurando sua própria continuidade no espaço de fluxos digital.

Portanto, mesmo apagando o perfil virtual, os demais e o próprio sujeito não deixam de existir, pois continuam contracenando na imaginação, dialogando e interagindo com o sujeito, de modo que o poder das vozes desses outros de algum modo afete os posicionamentos assumidos pelo sujeito enquanto transita pelos diferentes cenários que compõem a experiência humana.

### **3.4. Comentários adicionais**

Ao longo da pesquisa, observamos que o software social Orkut passou por diversas modificações de modo a viabilizar uma maior segurança na rede [tanto do ponto de vista dos usuários quanto dos desenvolvedores], uma melhor comunicação entre os participantes e uma maior facilidade de navegação.

Para tanto, alguns dispositivos foram adicionados à interface do software e outros tantos foram modificados de modo a alterar, mas não descaracterizar o ambiente, tornando o Orkut um reflexo das relações dinâmicas que se estabelecem entre os membros.

Assim sendo, incorporamos muitas dessas modificações às análises dos perfis, sempre focados nos objetivos do estudo, contudo, com a conclusão da etapa de análise, não nos propusemos registrar as prováveis modificações posteriores.

## Considerações finais

Com os avanços da tecnologia, os dispositivos digitais passam a integrar nossas atividades cotidianas, disseminando o poder de comunicação a todos aqueles que estejam conectados em rede.

Nesse novo panorama, marcado pela flexibilidade espaço-temporal, conseguida a partir da ação comunicativa, o senso de fronteira entre o humano e o ambiente físico abre-se para novas possibilidades, tornando a vida humana embebida pelo virtual.

O que parecia uma obra de ficção científica, começa então a habitar o nosso dia-a-dia, a partir da transformação funcional das coisas. Por estarem em toda parte, os dispositivos digitais nos torna agentes em um maravilhoso mundo novo, onde podemos editar, recortar, copiar, colar e imprimir a nós mesmos enquanto simultaneamente construímos novas versões de nós, das nossas relações com os demais, com o mundo e com as coisas.

O mundo e todos aqueles que nele habitam tornam-se então portáteis, ilustrativos e provisórios, pois num simples apertar de botões reconfiguramos a realidade, nos tornando responsáveis por apagar pessoas e coisas das nossas vidas, inclusive a nós mesmos.

Paradoxalmente, nos conectando a uma rede social digital, ampliamos nossas possibilidades de contato, permitindo-nos dialogar com uma multidão de outros possíveis e imagináveis que, movidos por afinidades, gostos e interesses comuns, colaboram para, reciprocamente, ajustarmos as dinâmicas das nossas ações às respostas que obtemos na tela.

Desta forma, a máquina torna-se uma extensão do nosso corpo, daquilo que conhecemos do mundo físico, passando a fazer parte de nós, contribuindo para que nos tornemos ciborgues ao simultaneamente superarmos nossas limitações físicas.

Nesse sentido, imergindo no ambiente virtual nos tornamos seres de carne, ossos e pixels, passando a co-existir no espaço de fluxos digital enquanto deixamos nossos rastros pela rede, nos distinguindo dos nossos semelhantes.

Em síntese, não podemos restringir a existência do ser a uma existência física. Embora esta seja necessária, apenas pode ser entendida a partir de algo que a complementa [o presencial e o virtual, o concreto e o imaginado, o interno e o externo, etc.], e em relação ao quê estabelece uma interdependência.

Assim sendo, entendemos que a maior contribuição deste estudo envolve a mudança de perspectiva do ser em relação ao ambiente virtual, pois ao contrário daquilo que muita gente pensa, a internet não é um ambiente divorciado do mundo físico.

Conseqüentemente, somos muito mais que “um nó na rede”, somos pessoas, e como tal, nossas ações *online* têm, de fato, repercussão em situações presenciais, pois conforme mostramos, versões dos diálogos que estabelecemos com os demais no mundo físico podem se estender para os ambientes virtuais e retornar aos cenários presenciais, caracterizando um processo dialógico contínuo e ininterrupto.

### **Pesquisas futuras**

Com relação aos aspectos sociais, as formações comunitárias no *cyberespaço* necessariamente não se distinguem das comunidades *offline* em suas características

básicas, sendo possível observar, de modo semelhante ao que ocorrem em situações presenciais, o estabelecimento de vínculos de confiança, uma identidade coletiva e o sentimento de pertença a um grupo social.

Tendo em vista que os ambientes de comunicação digital combinam ações presenciais e virtuais, tornando a vida social dos agentes embebida por essas tecnologias [e pelas convenções sociais relacionadas a elas], propomos três possibilidades de estudo interessantes que nos permitem investigar os desdobramentos da nossa pesquisa:

1. pessoas com dificuldade de sociabilização e engajamento em atividades sociais que buscam ajuda em comunidades virtuais, passando a se reconhecer como componente do grupo ao ponto de participar de práticas sociais virtuais e presenciais relacionadas a esses grupos de pertença;

2. pessoas que se envolvem em relacionamentos virtuais amorosos que se restringem ao ambiente virtual, caracterizando o que poderíamos chamar de relacionamentos entre avatares [personagens *online*] e como isso repercute no modo como essas pessoas vivenciam o próprio *self*;

3. Crianças que se declaram maiores de 18 anos, a fim de ter acesso ao Orkut e às suas benesses, freqüentam a internet, integrando ao perfil virtual pessoas que até então não faziam parte do próprio convívio, passando a colaborar com uma grande diversidade e complexidade de personagens na rede e como essa diversidade de orientações e antagonismos afeta o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo desses usuários.

Nesse sentido, entendemos que os desdobramentos do nosso estudo poderão trazer implicações teóricas e práticas que permitam contribuições significativas aos estudos de grupos e indivíduos.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, I. L. **Subjetividade e linguagem são mutuamente excludentes?** Princípios, Natal, v. 14, n. 21, jan/jun 2007, p. 83-103.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: ANNABLUME/HUCITEC, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoievski.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, H.; MEIRA, L. **Zona de Desenvolvimento Proximal:** interfaces com os processos de intersubjetivação. In: Meira, L & Spinillo, A. G. *Psicologia Cognitiva: cultura, desenvolvimento e aprendizagem.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

BRUNER, J. **Atos de significação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAMPELLO, B. C. **A Teoria da Mediação Cognitiva.** In: Meira, L & Spinillo, A. G. *Psicologia Cognitiva: cultura, desenvolvimento e aprendizagem.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

CHANDLER, M. **Surviving in time:** the persistence of identity in this culture and that. *Culture & Psychology*. Sage Publications, vol. 6(2): 209-231, 2000.

CHANDLER, M et al. **Personal persistence, Identity Development, and Suicide:** a Study of Native and Non-native North American Adolescents. *Monographs of the Society for Research in Child Development*. April, 2003.

DE OLIVEIRA, R. **Uso de marcas verbais para os aspectos não-verbais da conversação em salas de bate-papo na internet.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva UFPE, 2007.

DREYFUS, H. L. **On the internet.** Londres: Routledge, 2001.

GOFFMAN, E. **Frame analysis:** an essay on the organization of experience. New York: Harper & Row, 1974.

GUANAES, C. e JAPUR, M. **Construcionismo social e metapsicologia:** um diálogo sobre o conceito de *Self*. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Mai-ago 2003, vol. 19 n. 2, pp. 135 – 143.

HACKER, P. M. S. **Wittgenstein:** sobre a natureza humana. São Paulo: UNESP, 2000.

HERMANS, H. J. M. & HERMANS-JANSEN, E. **Self narratives:** the construction of meaning in psychotherapy. New York, NY: The Guilford Press, 1995.

HERMANS, H. **The dialogical self:** toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 2001, Sage Publications, vol. 7(3): 243-281.

HINE, C. **Virtual Ethnography.** International Conference: Bristol, UK, 25-27 march 1998.

HOLQUIST, M. **Dialogism:** Bakhtin and his world. Londres: Routledge, 1994.

LAKOFF, G & JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago, 1980.

\_\_\_\_\_. **Who are we?** In: *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought.* New York: Basic Books, 1999.

LALONDE, C. E. & BRANDSTÄTTER, M. **Personal persistence and personal projects:** a way of evaluating the intersection of personal and cultural continuity. Disponível on line Acesso em 15/02/2007.

LYRA, M. C. D. P. **O modelo EEA para a investigação da emergência e desenvolvimento da comunicação e do self:** bases conceituais e fundamentos teórico-metodológicos. *Estudos de Psicologia*, 2006, 11 (1), 25 – 33.

MACHADO, A.; LOURENÇO, O.; SILVA, F. **Facts, concepts and theories:** the shape of psychology's epistemic triangle. *Behavior and Philosophy*, 18, 1-40, 2000.

MARKOVÁ, I. **Constitution of the self: intersubjectivity and dialogicality.** Culture & Psychology, 2003, 9, 249 – 259.

MEAD, J. **Mind, self and society from the standpoint of a social behaviorist.** Chicago: University of Chicago, 1934. Disponível em: <http://spartan.ac.brocku.ca/~lward/Mead/pubs2/mindself> Acesso em: 03/02/2007.

MELO, P. H. F. **Uma perspectiva semiótico-interacional da emergência e manutenção de redes sociais na Internet.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva UFPE, 2007.

ORTEGA, F. **Corpo e tecnologias de visualização médica:** entre a fragmentação na cultura do espetáculo e a fenomenologia do corpo vivido. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 2005, Rio de Janeiro, 15(1): 237-257.

PERES, F. **Diálogo e autoria:** do desenvolvimento ao uso de sistemas de informação. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, Psicologia Cognitiva, 2007.

PREECE, J; ROGERS, Y e SHARP, H. **Design de Interação:** além da interação homem-computador. Porto Alegre: Bookman, 2005.

SALGADO, J. et al. **Self Dialógico:** um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interações*, 2007, n. 6, pp 8-31.

SILVA, D. R. P. e STEIN, L. M. **Segurança da informação:** uma reflexão sobre o componente humano. *Ciências e Cognição*, 2007, vol. 10, p. 46 – 53.

SULER, J. **Human becomes electric:** networks as mind and *self*. *Psychology of cyberspace*, vol. 2.0., Jan 00. Disponível *online* em: <http://www.rider.edu/~suler/psycyber/netself.html> Acesso em: 06/02/07.

THOMSEN, R. S.; STRAUBHAAR, J. D. e BOLYARD, D. M. **Ethnomethodology and the Study of Online Communities:** Exploring the Cyber Streets. International Conference: Bristol, UK, 25-27 march 1998.

VALSINER, J. **Temporal integration of structures within the Dialogical Self.** Keynote lecture at the 3<sup>rd</sup> International Conference on Dialogical Self, Warsaw, August, 28, 2004.

\_\_\_\_\_. **Scaffolding within the structure of Dialogical Self:** hierarquical dynamics of semiotic mediation. *New Ideas in Psychology*, 2005, 23, 197 – 206.

VIETA, M. **Rethinking life *online*: the interacional *self* as a theory for internet-mediated communication.** *Iowa Journal of Communication*, 2005, 37.1., 27 – 58.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em Psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

\_\_\_\_\_. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

WILSON, B & ATKINSON, M. **Rave and Straightedge, the virtual and the real:** exploring *online* and *offline* experiences in canadian youth subcultures. *Youth and society*. Vol. 36, n. 03. March 2005, 276 – 311.

# Anexos

## SINAIS DE TRANSCRIÇÃO DAS CONVERSÇÕES

1. Pausas (+) → Para cada 0.5 segundos. Para pausas além de 1.5 segundos, o total de segundos fica entre parênteses (1.8)
2. Truncamentos bruscos /
3. Ênfase no acento forte → MAIÚSCULA
4. Alongamento de vogal :::
5. Comentários do analista (( ))
6. Dúvidas e suposições ( ) → de acordo com Marcuschi, é comum não se entender uma parte da fala. Nesse caso, marcamos o local com parênteses considerando as seguintes opções: indicando com a expressão (incompreensível) ou escrevendo dentro do parênteses o que se supõe ter ouvido.
7. Silabação → uso de hífens indicando a ocorrência: a-do-ro
8. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção → reprodução de sons, tais como: eh, ah, oh, ih, hum
9. Uso de travessão – é empregado nos casos em que foram explicitadas as vozes dos outros dialógicos
10. Sinais de entonação → o uso de aspas duplas " corresponde mais ou menos a uma interrogação
11. O uso de aspa simples ' se assemelha a algo como uma exclamação
12. O uso de aspa simples abaixo da linha , equivale à vírgula ou ponto e vírgula
13. Repetições → reduplicação da letra ou sílaba
14. Eliminação de um trecho /.../ no início ou no final indica a transcrição de apenas um trecho

## Glossário

**Avatar** – Em informática, *avatar* é a representação gráfica de um usuário em realidade virtual. De acordo com a tecnologia, pode variar desde um sofisticado modelo 3D até uma simples imagem. São normalmente pequenos, aproximadamente 100 px de altura por 100 px de largura, para que não ocupem demasiado espaço na interface, deixando espaço livre para a função principal do site, programa ou jogo que está sendo usado.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar\\_%28realidade\\_virtual%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar_%28realidade_virtual%29) Último acesso: 08/03/2008.

**Conexão em Banda larga** – *Banda larga* é o nome usado para definir qualquer conexão à internet acima da velocidade padrão dos modems analógicos (56 Kbps). Usando linhas analógicas convencionais, a velocidade máxima de conexão é de 56 Kbps. Para obter velocidade acima desta tem-se obrigatoriamente de optar por uma outra maneira de conexão do computador com o provedor. Atualmente existem inúmeras soluções no mercado.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda\\_larga#Banda\\_larga\\_no\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_larga#Banda_larga_no_Brasil) Último acesso: 08/03/2008.

**Digital** – *Circuitos digitais* são circuitos eletrônicos que baseiam o seu funcionamento na lógica binária, em que toda a informação é guardada e processada sob a forma de zero (0) e um (1). Esta representação é conseguida usando dois níveis discretos de Tensão elétrica. Estes dois níveis são frequentemente representados por L e H (do inglês *low* - baixo - e *high* - alto -, respectivamente). Os computadores, telemóveis, leitores de DVD, são alguns exemplos de aparelhos que baseiam a totalidade, ou parte, do seu funcionamento em circuitos digitais.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Circuito\\_digital](http://pt.wikipedia.org/wiki/Circuito_digital) Último acesso em: 08/03/2008.

**Emoticons** – um *emoticon*, palavra derivada de emotion (emoção) + icon (ícone) (em alguns casos chamado *smiley*) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como: :) , ou ^-^ e :-) ; ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de

ícones ilustrativos de uma expressão facial. Exemplos:  (i.e. sorrindo, estou alegre);  (estou triste, chorando), etc. Normalmente é usado por MSN (Microsoft Network) ou pelo ICQ e outros meios de mensagens rápidas.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticons> Último acesso: 08/03/2008.

**Hardware** – O *hardware*, *material* ou *ferramental* é a parte física do computador, ou seja, é o conjunto de componentes eletrônicos, circuitos integrados e placas, que se comunicam através de barramentos. Em contraposição ao *hardware*, o *software* é a

parte lógica, ou seja, o conjunto de instruções e dados processado pelos circuitos eletrônicos do *hardware*. Toda interação dos usuários de computadores modernos é realizada através do *software*, que é a camada, colocada sobre o *hardware*, que transforma o computador em algo útil para o ser humano.

O termo "hardware" não se refere apenas aos computadores pessoais, mas também aos equipamentos embarcados em produtos que necessitam de processamento computacional, como o dispositivos encontrados em equipamentos hospitalares, automóveis, aparelhos celulares, entre outros.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hardware> Último acesso: 08/03/2008.

**Interface** – Em algumas linguagens de programação, o termo *interface* é uma referência à característica que isola do mundo exterior os detalhes de implementação de um componente de software.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Interface\\_%28programa%C3%A7%C3%A3o%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Interface_%28programa%C3%A7%C3%A3o%29) Último acesso: 08/03/2008.

A interface do usuário é o conjunto de características com as quais os usuários interagem com as máquinas, dispositivos, programas de computador ou alguma outra ferramenta complexa. Ela fornece métodos para:

- Entrada, permitindo ao usuário manipular o sistema
- Saída, permitindo ao sistema produzir as respostas das ações do utilizador

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Interface\\_do\\_utilizador](http://pt.wikipedia.org/wiki/Interface_do_utilizador) Último acesso: 08/03/2008.

**Internet** – A *Internet* é um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados pelo Protocolo de Internet que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. A Internet é a principal das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). Ao contrário do que normalmente se pensa, Internet não é sinónimo de World Wide Web. Esta é parte daquela, sendo a World Wide Web, que utiliza hipermídia na formação básica, um dos muitos serviços oferecidos na Internet. De acordo com dados de março de 2007, a Internet é usada por 16,9% da população mundial (em torno de 1,1 bilhão de pessoas).

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet> Último acesso: 08/03/2008.

**Link** – Uma *hiperligação*, ou simplesmente uma *ligação* (também conhecida em português pelos correspondentes termos ingleses, *hyperlink* e *link*), é uma referência num documento em hipertexto a outro documento ou a outro recurso. Como tal, pode-se vê-la como análoga a uma citação na literatura. Ao contrário desta, no entanto, a hiperligação pode ser combinada com uma rede de dados e um protocolo de acesso adequado e assim ser usada para ter acesso direto ao recurso referenciado. Este pode então ser gravado, visualizado ou mostrado como parte do documento que faz a referência. A palavra inglesa *link* entrou na língua portuguesa por via de redes de computadores (em especial a Internet), servindo de forma curta para designar as *hiperligações* do hipertexto. O seu significado é "atalho", "caminho" ou "ligação".

Através dos links é possível produzir arquivos não lineares ou simplesmente inserir ilustrações em um arquivo de texto.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Link> Último acesso: 08/03/2008.

**Online e offline** – "Estar *online*" significa "estar disponível ao vivo". No contexto de um *web site*, significa estar disponível para acesso em tempo real. Na comunicação instantânea, significa estar disponível para a comunicação. Num contexto de um outro sistema de informação, significa estar operacional nas funções que desempenha nesse sistema.

De modo oposto, estar **offline** (ou *off-line*) traduz-se na indisponibilidade da entidade perante o sistema.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Online> Último acesso: 08/03/2008.

**Site** – Um *site* (português brasileiro) ou *sítio* (português europeu) é um conjunto de páginas Web, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP na Internet. O conjunto de todos os *sites* públicos existentes compõem a World Wide Web. As páginas num *site* são organizadas a partir de um URL básico, onde fica a página principal, e geralmente residem no mesmo diretório de um servidor. As páginas são organizadas dentro do *site* numa hierarquia observável no URL, embora as hiperligações entre elas controlem o modo como o leitor se apercebe da estrutura global, modo esse que pode ter pouco a ver com a estrutura hierárquica dos arquivos do *site*.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Especial:Busca?search=site> Último acesso: 03/08/2008.

**Software** – *Software*, logiciel ou programa de computador é uma sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de um dado/informação ou acontecimento. *Software* também é o nome dado ao *comportamento* exibido por essa seqüência de instruções quando executada em um computador ou máquina semelhante. Tecnicamente, *Software* também é o nome dado ao conjunto de produtos desenvolvidos durante o Processo de Software, o que inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais, especificações, planos de teste, etc.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Software> Último acesso: 08/03/2008.

**Virtual** – Há muitas concepções de virtual. Algumas das definições mais comuns são estas:

- Algo que é apenas potencial, ainda não realizado (a definição histórica). Virtual referir-se-ia a uma categoria tão verdadeira como a real. O virtual não seria oposto ao real. O virtual carrega uma potência de ser, enquanto o atual já é (ser).
- Algo que não é físico, apenas conceitual.
- Algo que não é concreto. Virtual é tudo aquilo que não é palpável, i. e., geralmente alguma abstração de algo.
- A simulação de algo, como em Realidade Virtual, Memória virtual, Disco virtual.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Virtual> Último acesso: 08/03/2008.

**Web 2.0** – é um termo cunhado em 2003 pela empresa estadunidense O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma Web, como *wikis* (coleção de documentos em hipertexto ou software colaborativo), aplicações baseadas em *folksonomia* (modo como os usuários indexam informações) e *redes sociais*. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores.

Alguns especialistas em tecnologia, como Tim Berners-Lee, o inventor da World Wide Web, alegam que o termo carece de sentido pois a Web 2.0 utiliza muitos componentes tecnológicos criados antes mesmo do surgimento da Web. Alguns críticos do termo afirmam também que este é apenas uma jogada de *marketing (buzzword)*.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Web\\_2.0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0) Último acesso: 08/03/008.